Albert Pike

Moral e Dogma do Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria

Graus Simbólicos

Albert Pike
Tradução de Ladislau Fuchs

Moral e Dogma
do
Rito Escocês Antigo e Aceito
da
Maçonaria
Graus Simbólicos

Exemplar nº 0325
Para uso exclusivo de
Wellington Santana da Silva

Livraria Maçônica Paulo Fuchs
São Paulo, SP – **11 5510-0370** internet: **www.livrariamaconica.com.br**

Índice

Capa
Dados do Livro
Apresentação
Albert Pike
Prefácio do Autor
Moral e Dogma
O Aprendiz
A Régua de Vinte e Quatro Polegadas e o Maço
O Companheiro
O Mestre

Apresentação

É com orgulho que lançamos este livro, incompreensivelmente ainda inédito no Brasil até 2002.

Albert Pike recompilou e estabeleceu as bases filosóficas, sociológicas, históricas, políticas, simbólicas e religiosas de todo o Rito Escocês Antigo e Aceito em seu livro de 1871, **Morals and Dogma of the Ancient and Accepted Scottish Rite of Freemasonry**.

Tão importante é a influência de Albert Pike na Maçonaria, que sua leitura é, simplesmente, obrigatória.

Nosso modesto trabalho é apenas o de tradução e publicação do que nosso Ir.·. Albert Pike estabeleceu. A ele atribuímos as grandes idéias e conceitos construtivos. E a nós mesmos os erros que porventura estiverem contidos nesta carinhosa e dedicada tradução.

Este lançamento é a tradução da primeira parte, que se refere aos Graus Simbólicos (Aprendiz, Companheiro e Mestre) desse livro.

Muitos de nós reclamam que temos vivido, ultimamente, sobre as glórias do passado. Sem dúvida, ao revermos a história do Brasil, verificaremos que, desde o início da Maçonaria no Brasil, passando por todo o período pré- e pós-Independência, continuando pelo da Abolição e até a República e sua implementação, a Maçonaria era formada pela mais alta elite intelectual e política brasileira. Todos os Ministros de Deodoro foram Maçons. Não por serem Maçons, mas porque as cabeças mais competentes do país pertenciam aos quadros da Maçonaria. A Maçonaria realmente dirigia a Nação.

É desolador comparar aquela Maçonaria pujante com a da segunda metade do século XX em diante. E hoje, início do século XXI, estamos à beira da mediocridade intelectual e política, vendo os fatos se sucedendo, sem termos a mínima capacidade organizacional nem a competência para agir.

A atividade Maçônica deve ser muito variada. Lembrando que se trata de uma instituição iniciática e aceitando o *motto* de que é “um sistema de moral velado por alegorias e ilustrado por símbolos”, é absolutamente necessário que se desenvolvam diversas atividades simultâneas. Há que manter vivas as tradições, estudar profundamente seu simbolismo, exercitar a ritualística que mantém acesa a chama do simbolismo em nossos espíritos. Em nossa lida externa, dar o exemplo, praticar beneficência.

E isto temos feito com algum sucesso. Se bem que, por incapacidade de assumir nosso verdadeiro papel perante a coletividade, perante o Povo e perante os Povos, temos estado cada vez mais herméticos – exercitando coisas em nossos Templos, e ainda tendo condições de nos dedicar a algumas raras e louváveis obras de benemerência. Mas é só.

Há que nos concentrarmos exatamente nessas imensas responsabilidades e tarefas, e não nos pequenos detalhes de nossa Ritualística em Loja ou nos limitar, externamente, a obras de beneficência. Sem trabalharmos efetivamente em tudo o que Pike nos lega, o que fazemos em Loja não passa de um teatrinho ridículo.

Pike diz: **Sabedoria, Força e Beleza são forças que estão ao alcance de todas as pessoas; e uma associação de pessoas plenas dessas forças só pode exercer um imenso poder no mundo. Se a Maçonaria não o faz é porque parou de possuí-las.**

Lendo esta obra, e precisamos fazê-lo muito atenta e carinhosamente, passamos a compreender todo o embasamento deste Rito tão difundido.

Mais importante do que compreender o embasamento, começaremos a entender a direção que ele dá a todos os Maçons, e a imensa responsabilidade que coloca sobre nossos ombros – isto é, sobre nosso intelecto, nossa vontade, nosso trabalho, nossos sentimentos e nossa fé.

Ressalta a imensa responsabilidade que temos, tanto como indivíduos perante o próximo, perante a sociedade e perante a Nação, quanto como Organização, perante os Povos, perante as Nações e perante a História.

Ou seja, responsabiliza-nos pelo futuro da Humanidade.

Para tanto, nos dá os alicerces éticos, morais e de fé necessários para o desempenho dessa tarefa – da qual não podemos nos esquivar.

Pensemos nisso.

Aquele que compreender e assumir todas essas responsabilidades maiores tem condições de pertencer à Instituição Maçônica e a fazer o que realmente se espera dele. Àquele que não o fizer, sugerimos pensar muito seriamente em pedir seu *Quit Placet*.

Para continuar a disseminar os grandes preceitos Maçônicos, para o bem da Maçonaria de língua portuguesa, oportunamente estaremos lançando as partes seguintes, as dos Graus Filosóficos.

Os Editores



Albert Pike

Albert Pike nasceu em Boston, Massachusetts, nos Estados Unidos da América, em 29 de dezembro de 1809. Foi uma personalidade multifacetada que é melhor lembrada por suas conquistas como professor brilhante, poeta, escritor, advogado, editor e expoente da Maçonaria, do que como General Brigadeiro da Confederação, posto que alcançou incidentalmente.



Recebeu sua educação inicial em Newburyport e em Framingham, e em 1825 ingressou no Harvard College, sustentando-se e ao mesmo tempo ensinando. Tinha chegado apenas ao ginásio quando suas finanças o compeliram a continuar seus estudos sozinho, ensinando enquanto estava em Fairhaven e Newburyport, onde era professor efetivo do curso de gramática e depois teve uma escola particular. Anos mais tarde, alcançou tal distinção na literatura, que recebeu o grau de Mestre Honorário em Artes na Universidade de Harvard, da qual ele tinha sido excluído no colégio por falta de possibilidade de pagar seus estudos.

Em 1831 partiu para o oeste, para Santa Fé, com um grupo comercial. No ano seguinte, com um grupo de caça, desceu o rio Pecos até a planície de Staked, onde, com outros, quatro viajou principalmente a pé até chegar a Fort Smith, no Arkansas. Suas aventuras e feitos estão contados em um livro de prosa e verso publicado em 1834. Enquanto ensinava, ao sul de Van Buren e no rio Little Piney, contribuiu com artigos para o jornal Little Rock Advocate e chamou a atenção de Robert Crittenden, com a ajuda de quem chegou a ser editor daquele jornal – que dois anos mais tarde passou a ser sua propriedade.

Foi admitido no tribunal em 1835 e estudou e praticou advocacia até a Guerra do México, quando recrutou uma companhia de cavalaria e esteve presente na batalha de Buena Vista sob o comando do famoso Coronel Charles May. Em 1846 duelou com o General John Selden Roane, mais tarde governador do Arkansas, por algo que este disse em suas memórias daquela batalha sobre o regimento de Arkansas de Pike.

Em 1849 foi admitido no tribunal da Suprema Corte dos Estados Unidos, ao mesmo tempo que Abraham Lincoln e Hannibal Hamlin. Em 1853 mudou-se para New Orleans, já preparado para praticar na corte de Louisiana por ter estudado os "Pandects", dos quais traduziu o primeiro volume para o inglês. A jurisprudência da corte de Louisiana estava baseada no Direito Romano e não no Direito Inglês. Também fez traduções de muitas autoridades Francesas. Escreveu, ainda mais, um livro inédito de três volumes sobre "**As Máximas da Legislação Romana e Francesa**".

Em 1857 parou de praticar no Arkansas. Atuou por muitos anos como advogado dos índios Choctaw e, em 1859, auxiliado por outros três advogados, obteve para os Choctaw uma indenização de US$ 2,981,247.

Whig[1] declarado e anti-separatista[2], em 1861 foi advogado proeminente e grande proprietário de terras em Little Rock, Arkansas; mas preferiu apostar no Sul a abandonar seus amigos e sua propriedade. Foi indicado Comissário para as tribos do Território Indígena. Como tal, conseguiu a aliança dos índios Creek, Seminole, Choctaw, Chickasaw e parte dos Cherokee com a Confederação.

Em 15 de agosto de 1861 recebeu o posto de General Brigadeiro no exército dos Estados Confederados e comandou uma brigada de índios na batalha de Pea Ridge. Sua carreira na Guerra Civil foi infeliz, para dizer o mínimo, e finalmente resultou em sua prisão pelo General Hindman e a observação do General Douglas Cooper de que Pike seria “ou insano ou falso para com o Sul”.



Pike lutou com suas tropas indígenas em Elkhorn Tavern, e a conduta dúbia dos índios refletiu sobre ele, talvez injustamente. Posteriormente, alegou que eles tinham sido recrutados apenas para defenderem seus territórios. Em sua defesa, devemos observar que Pike teve pouca oportunidade de disciplinar ou de treinar suas tropas índias. Quando as mortes dos Generais McCulloch e McIntosh fizeram de Pike o mais antigo oficial sobrevivente Confederado, ele não foi capaz de reagrupar nem de reorganizar suas tropas. Depois de muita acrimônia, Pike renunciou de seu posto Confederado em 12 de julho de 1862, renúncia aceita em 5 de novembro de 1860.

Viveu em semi-aposentadoria durante o final da guerra e, depois que ela terminou, foi visto com suspeita por ambos os lados do conflito. Foi indiciado por traição pelas autoridades dos Estados Unidos, mas teve seus direitos civis restaurados em seguida. Depois da guerra, foi morar em Memphis (Tennessee), e em 1867 editou o jornal Memphis Appeal. No ano seguinte mudou-se para Washington, D.C. e praticou advocacia nas cortes até 1880. Durante o restante de sua vida devotou sua atenção a escrever tratados legais e a interpretar a moral e os dogmas da Ordem Maçônica.

Foi sétimo Soberano Grande Comendador do Supremo Conselho aos 50 anos e serviu de 1859 até sua morte, em 1891. Durante esses 32 anos, escreveu e compilou muitos livros e familiarizou-se com muitos idiomas, entre eles o latim, grego e sânscrito.

É reconhecido como um grande conhecedor da Maçonaria, filósofo e historiador. Utilizou seus amplos talentos para pesquisar e reescrever os Rituais do Rito Escocês Antigo e Aceito. Sua reputação como jurista, orador, filósofo, soldado, sábio e poeta, se espalhou pelo mundo.

Morreu na casa do Templo do Rito Escocês em Washington, D.C. em 2 de abril de 1891 e está enterrado no Cemitério Oak Hill, na mesma cidade.

1 N. do T.: **Membro do partido fundado em 1834, em oposição ao partido democrático, e favorável à revolução contra a Inglaterra.**

2 N. do T.: **Contra a separação dos estados sulistas (Confederados) do restante do país (Yankees).**

Em 1898 o Congresso dos Estados Unidos aprovou a construção de um monumento em sua honra, que foi terminado e inaugurado em outubro de 1901 na Praça do Judiciário, em Washington, D.C.. O monumento o descreve como um "***pioneiro, um cruzado da justiça para os índios americanos, brincalhão, reformador, jornalista, filósofo, advogado proeminente... ...general da Guerra Civil, violinista, cantor, compositor; realmente, um homem da Renascença***".



Prefácio do Autor

Este trabalho foi preparado para a Jurisdição Sul dos Estados Unidos. Contém os ensinamentos do Rito Escocês Antigo e Aceito para aquela Jurisdição, e é voltado especialmente para leitura e estudo pelos Irmãos daquela Obediência, em conexão com os rituais dos Graus. Tem-se a esperança e espera-se que cada um receba uma cópia e se familiarize com ela.



Ao preparar este trabalho, o Grande Comendador foi tanto Autor quanto Compilador, já que extraiu perto da metade de seu conteúdo dos trabalhos dos melhores escritores e dos pensadores mais filosóficos ou eloqüentes. Talvez tivesse sido melhor e mais aceitável se tivesse extraído mais e escrito menos.

Ainda assim, talvez metade dele seja sua própria; e, ao incorporar aqui os pensamentos e palavras de outros, modificou e adicionou continuamente à linguagem, muitas vezes entretecendo, nas mesmas sentenças, suas palavras com as deles. O trabalho não se destina ao mundo em geral; sentiu a liberdade de elaborar, a partir de todas as fontes disponíveis, um Compêndio de Moral e Dogma do Rito, para re-moldar sentenças, alterar e acrescentar palavras e frases, combiná-las com suas próprias e usá-las como se fossem suas próprias, lidando com elas ao seu prazer e assim fazê-lo disponível para que seja o mais valioso possível para os propósitos tencionados. Reclama para si, portanto, pouco do mérito da autoria, e não se preocupou em distinguir o que é de sua criação do que tomou de outras fontes, esperando que todas as partes do livro, em contrapartida, sejam vistas como tendo sito tomadas emprestadas de algum escritor mais antigo e melhor.

Os ensinamentos destas Leituras não são sacramentais, pois vão além do campo da Moralidade para os domínios do Pensamento e da Verdade. O Rito Escocês Antigo e Aceito usa a palavra **Dogma** em seu sentido verdadeiro, de doutrina ou ensinamento; não é dogmático no sentido odioso do termo. Todos estão totalmente livres para rejeitar e discordar de qualquer coisa aqui que possa lhe parecer inverdade ou não-sólida. Apenas se espera dele que pese o que está sendo ensinado e que faça um julgamento de mente aberta e sem preconceito. Obviamente, as antigas especulações teosóficas e filosóficas não fazem parte das doutrinas do Rito, mas devido ao seu interesse e vantagem para o conhecimento do pensamento Intelectual Antigo sobre estes assuntos e, porque nada prova conclusivamente a diferença radical entre nossa natureza humana da animal, como a capacidade da mente humana de se dedicar a especulações sobre si mesmo e a Divindade. Em relação a essas opiniões, podemos dizer, nas palavras do douto canonista Ludovicus Gómez:

"***Opiniones secundum varietatem temporum senescant et intermoriantur, aliaeque diversae vel prioribus contrariae reniscantur et deinde pubescant.***"

Os títulos dos Graus mostrados aqui mudaram em algumas instâncias.

Os títulos corretos são os seguintes:

1º Aprendiz
2º Companheiro
3º Mestre
4º Mestre Secreto
5º Mestre Perfeito
6º Secretário Íntimo
7º Preboste e Juiz
8º Intendente de Edifício
9º Eleito dos Nove
10º Eleito dos Quinze
11º Eleito dos Doze
12º Mestre Arquiteto
13º Arco Real de Salomão
14º Eleito Perfeito
15º Cavaleiro do Oriente
16º Príncipe de Jerusalém
17º Cavaleiro do Oriente e do Ocidente
18º Cavaleiro Rosa Cruz
19º Pontífice
20º Mestre da Loja Simbólica
21º Cavaleiro Noaquita ou Prussiano
22º Cavaleiro do Real Machado ou Príncipe do Líbano
23º Chefe do Tabernáculo
24º Príncipe do Tabernáculo
25º Cavaleiro da Serpente de Bronze
26º Cavaleiro da Mercê
27º Cavaleiro Comandante do Templo
28º Cavaleiro do Sol ou Príncipe Adepto
29º Cavaleiro Escocês de Santo André
30º Cavaleiro Kadosh
31º Inspetor Inquisidor
32º Mestre do Real Segredo

Moral e Dogma



O Aprendiz

A Régua de Vinte e Quatro Polegadas e o Maço

A Força, incontrolada ou mal controlada, não é apenas desperdiçada no vazio, tal como a pólvora queimada a céu aberto e vapor não confinado pela ciência; mas, golpeando no escuro e seus golpes atingindo apenas o ar, ricocheteia e se auto-atinge. É destruição e ruína. É o vulcão, o terremoto, o ciclone, não crescimento ou progresso. É Polifemo cego, batendo sem direção, precipitando-se entre as rochas pelo ímpeto de seus próprios golpes.

A Força cega do povo é uma Força que deve ser economizada e também controlada, como a Força cega do vapor, que levanta os poderosos braços de ferro e gira as grandes rodas, é feita para furar e tornear o canhão e para balançar o laço mais delicado. Precisa ser regulada pelo Intelecto. O Intelecto é para as pessoas e para a Força das pessoas o que a delicada agulha da bússola é para o navio – sua alma, sempre orientando a enorme massa de madeira e ferro, e sempre apontando para o norte. Para atacar as cidadelas construídas por todos os lados contra a raça humana por superstições, despotismos, preconceitos, a Força deve ter um cérebro e uma lei. Então, ela ousa conquistar resultados permanentes, e aí há progresso real. E acontecem conquistas sublimes. O Pensamento é uma força e a filosofia deve ser uma energia, encontrando seu alvo e seus efeitos no aprimoramento da humanidade. Os dois grandes motores são a Verdade e o Amor. Quando todas estas Forças se combinam, guiadas pelo Intelecto, reguladas pela **RÉGUA** do Direito e da Justiça, e com movimento e esforço combinados e sistemáticos, a grande revolução para a qual as eras se prepararam começara a marchar. O **PODER** da Própria Divindade está em equilíbrio com Sua **SABEDORIA**. Em conseqüência, o único resultado é a Harmonia.

Como a Força é mal controlada, as revoluções são falhas. Por isso é que, tão freqüentemente, insurreições vindas daquelas montanhas altas que tiranizam o horizonte moral, Justiça, Sabedoria, Razão, Direito, construídos da neve mais pura do Ideal, após uma longa queda de rocha para rocha, depois de terem refletido o céu em sua transparência e terem sido engolidos por cem afluentes no caminho majestoso do triunfo, repentinamente se perdem em charcos, como um rio da Califórnia nas areias.

A caminhada da raça humana adiante requer que as alturas ao seu redor fulgurem com nobres e duradouras lições de coragem. A ousadia da conquista deslumbra a história e forma uma categoria das luzes que orientam as pessoas. São as estrelas e os coriscos do grande mar de eletricidade, a Força inerente nas pessoas. Para se esforçar, para enfrentar todos os riscos, para perecer, para perseverar, para ser verdadeiro para si mesmo, para lutar corpo-a-corpo com o destino, para vencer o pequeno terror que ele inspira, ora para enfrentar poderes injustos, ora para desafiar triunfo intoxicado – estes são exemplos que as nações precisam e a luz que as eletriza.

Existem Forças Imensas nas grandes cavernas do mal sob a sociedade, na degradação escondida, na sordidez, mesquinharia e penúria, vícios e crimes que defumam e cozinham na escuridão entre a ralé, sob as pessoas das grandes cidades. Aí o desinteresse aparece, todos uivam, buscam, tateiam e se inquietam por si mesmos. Idéias são ignoradas, nem se pensa em progresso. Essa ralé tem duas mães, ambas madrastas – Ignorância e Miséria. O querer é seu único guia somente para o apetite no qual encontram satisfação. Entretanto, até estes podem ser usados. A humilde areia na qual pisamos pode ser colocada no forno, derretida, purificada pelo fogo, e pode se tornar um cristal resplandecente. Eles têm a força bruta do **MAÇO**, mas seus golpes servem para uma grande causa, quando atingem entre as linhas traçadas pela **RÉGUA** empregada com sabedoria e discrição.

Porém, é a verdadeira Força das pessoas, este poder Titânico dos gigantes, que constrói fortificações de tiranos e é incorporada a seus exércitos. Por isso, a possibilidade de tais tiranias, como as sobre as quais se tem dito que "***Roma cheira pior sob Vitellius do que sob Sulla. Sob Claudius e sob Domiciano há uma deformidade de baixeza correspondente à feiúra da tirania. A sujeira dos escravos é um resultado direto da baixeza atroz do déspota. Dessas consciências aviltadas é exalado um miasma que reflete seus mestres; as autoridades públicas são impuras, corações desfalecidos, consciências encolhidas, almas débeis. É assim sob Caracalla, é assim sob Commodus, é assim sob Hierogabalus, enquanto do senado Romano, sob César, emana apenas o odor espesso peculiar do ninho da águia***".

É a força das pessoas que sustenta todos estes despotismos, o pior e o melhor. Tal força age através dos exércitos; e estes mais escravizam do que libertam. O despotismo, ali, aplica a **RÉGUA**. A Força é o **MAÇO** de aço da sela do cavaleiro ou do bispo em armadura. Pela força, a obediência passiva sustenta tronos e oligarquias, reis espanhóis e senados venezianos. O Poder, em um exército controlado pela tirania, é a enorme soma da fraqueza revelada; e assim, a Humanidade trava guerra contra a Humanidade, a despeito da Humanidade. E um povo submete-se prontamente ao despotismo, e seus trabalhadores se submetem ao desprezo e seus soldados ao chicote; e assim acontece que batalhas perdidas por uma nação são, freqüentemente, progresso alcançado. Menos glória significa mais liberdade. Quando o tambor silencia, às vezes a razão fala.

Tiranos usam a força do povo para acorrentar e subjugar – isto é, ***oprimem*** o povo. Então, usam-no para arar como as pessoas fazem com bois subjugados. Assim, o espírito de liberdade e inovação é minimizado por baionetas, e princípios são emudecidos por tiros de canhão; enquanto os monges se misturam com as tropas e a Igreja militante e jubilosa, Católica ou Puritana, canta *Te Deums* pelas vitórias sobre as rebeliões.

O poder militar, não subordinado ao poder civil, novamente o **MALHO** ou **MAÇO** da **FORÇA**, independente da **RÉGUA**, é uma tirania armada, nascida adulta, qual Palas-Atena que saltou do cérebro de Zeus. Ele desova uma dinastia e começa com César para apodrecer em Vitellius e Commodus. Atualmente, tende a começar onde antes terminaram as dinastias.

O povo constantemente opõe imensa resistência, apenas para terminar em imensa fraqueza. A força do povo é exaurida no prolongamento indefinido de coisas já há muito mortas; ao governar o gênero humano mantendo velhas e mortas tiranias de Fé; restaurando dogmas dilapidados; dourando novamente santuários esmaecidos e deteriorados; caiando e maquiando superstições antigas e estéreis; salvando a sociedade pela multiplicação de parasitas; perpetuando instituições velhas; forçando a adoração de símbolos como se fossem meios reais de salvação; e atando o cadáver do Passado boca-a-boca ao Presente.

E assim acontece ser uma das fatalidades da Humanidade condenada a eternas escaramuças com fantasmas, com superstições, fanatismos, hipocrisias, malefícios, fórmulas do erro e argumentos da tirania. Despotismos, vistos no passado, tornam-se respeitáveis como a montanha áspera de rocha vulcânica, enrugada e repugnante, parece azul e suave e bela vista através da neblina.

A visão de uma única masmorra da tirania vale mais para desfazer ilusões e criar uma aversão sagrada de despotismo, e para dirigir a **FORÇA** corretamente, do que os livros mais eloqüentes. A França deveria ter preservado a Bastilha como uma lição permanente; a Itália não deveria ter destruído as masmorras da Inquisição. A Força do povo manteve o Poder que construiu as celas obscuras e colocou os vivos em seus sepulcros de granito.

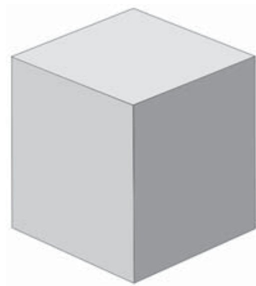
A **FORÇA** do povo não pode, por sua ação irrestrita e adequada, manter e continuar em ação e existência um Governo livre, uma vez criado. Tal Força deve ser limitada, restrita, conduzida pela distribuição a canais diferentes e por caminhos indiretos, a saídas que devem ser resultado da lei, da ação e decisão do Estado, tal como os antigos sábios reis do Egito conduziram a canais diferentes, por subdivisão, as águas elevadas do Nilo e as forçaram a fertilizar e a não devastar a terra. Deve haver, *jus et norma*, a lei e Régua, ou Escala, da constituição e da lei, na qual a força do povo deve agir. Faça-se uma ruptura em qualquer uma delas e o grande martelete a vapor, com seu velozes e pesados golpes, transforma qualquer equipamento em meros átomos e, finalmente, afastando-se, resta inerte e morto em meio à ruína que gerou.

A **FORÇA** das pessoas, ou a vontade popular, em ação e manifesta, simbolizada pelo **MALHETE**, regulada e guiada por e agindo dentro dos limites da **LEI** e da **ORDEM**, simbolizada pela **RÉGUA DE VINTE E QUATRO POLEGADAS**, tem como seu fruto **LIBERDADE**, **IGUALDADE** e **FRATERNIDADE**: liberdade regulada pela lei; igualdade de direitos à vista da lei; irmandade, com seus deveres e obrigações assim como com os seus benefícios.

Brevemente você ouvirá falar da **PEDRA BRUTA** e a **PEDRA PERFEITA**, como parte das jóias da Loja. A **PEDRA BRUTA** é "***uma pedra como retirada da pedreira, em seu estado rude e natural***". A **PEDRA PERFEITA** é "***uma pedra preparada pelas mãos dos trabalhadores, para ser ajustada pelas ferramentas de trabalho dos Companheiros***". Não repetiremos as explicações destes símbolos, dadas pelo Rito de York. Você poderá lê-las em seus manuais impressos. Eles aludem ao auto-aperfeiçoamento do trabalhador individual, uma continuação da mesma interpretação superficial.

A Pedra Bruta é o **POVO**, como uma massa, rude e desorganizada. A Pedra Perfeita, ou Pedra Cúbica, é o **ESTADO**, os soberanos recebendo seus poderes do consentimento dos governados; a constituição e as leis dizendo a vontade do povo; o governo harmonioso, simétrico, eficiente, – seus poderes corretamente distribuídos e devidamente ajustados em equilíbrio.

Se delinearmos um cubo sobre uma superfície plana, assim,



teremos visíveis três faces e nove linhas externas, desenhadas entre sete pontos. O cubo completo tem três faces a mais, totalizando seis; três linhas a mais, totalizando doze; e um ponto a mais, totalizando oito. Como o número **12** inclui os números sagrados **3**, **5**, **7**, e **3** vezes **3**, ou **9**, e é produzido pela soma dos números sagrados **3** e **9**; enquanto seus próprios algarismos **1**, **2**, a unidade ou mônada, e dúada, somadas, geram o mesmo número sagrado **3**, foi chamado de número perfeito – e o cubo torna-se o símbolo da perfeição.

Produzido pela **FORÇA**, seguindo a **RÉGUA**, lapidada de acordo com as linhas definidas pela Escala, a partir da Pedra Bruta, é um símbolo apropriado da Força do povo, expressa como a constituição e a lei do Estado; e as três faces visíveis do Estado, por si, representam os três departamentos: o Executivo, que executa as leis; o Legislativo, que faz as leis; o Judiciário, que interpreta as leis, a aplica e a mantém, entre pessoas e pessoas, entre o Estado e os cidadãos. As três faces invisíveis são Liberdade, Igualdade e Fraternidade, a tríplice alma do Estado – sua vitalidade, espírito e intelecto.

Apesar de a Maçonaria nem usurpar o lugar nem imitar a religião, a oração é parte essencial de nossas cerimônias. É a aspiração da alma em direção à Inteligência Absoluta e Infinita, que é a Suprema Divindade Única, mais delicada e equivocadamente caracterizada como um “**ARQUITETO**”. Certas faculdades das pessoas são dirigidas para o Desconhecido – pensamento, meditação, oração. O desconhecido é um oceano do qual a bússola é a consciência. Pensamento, meditação, oração, são os grandes misteriosos pontos apontados pela agulha. É um magnetismo espiritual que assim conecta a alma humana das pessoas à Divindade. Estas irradiações majestosas da alma atravessam a sombra em direção à luz.

É um escárnio superficial dizer que a oração é absurda, porque não seria possível para nós, por meio da oração, persuadir Deus a mudar Seus planos. Ela produz efeitos pré-conhecidos e pré-planejados, através da instrumentalidade das forças da natureza, todas elas Suas forças. As nossas próprias são parte destas. Nosso livre discernimento e nossa vontade são forças. Não é absurdamente que nós não paramos de fazer esforços para alcançar fortuna e felicidade, prolongar a vida e manter a saúde, porque não possamos, seja com qualquer esforço, mudar o que está predestinado. Se o esforço também for predestinado, ainda assim é o nosso esforço, que parte de nossa livre vontade. Portanto, oramos. A Vontade é uma força. O Pensamento é uma força. A Oração é uma força. Por quê não seria da lei de Deus que a oração, tal como a Fé e o Amor, tivesse seus efeitos? A pessoa não deve ser entendida como um ponto de partida, nem o progresso como um objetivo, sem essas duas grandes forças, a Fé e o Amor: a Oração é sublime. Preces que pedem e se queixam são dignas de pena. Negar a eficácia da oração é negar as da Fé, do Amor e do Esforço. Ainda assim, os efeitos produzidos, quando nossa mão, movida por nossa vontade, lança um pedregulho no oceano, nunca cessam; e toda palavra pronunciada é registrada no ar para toda a eternidade.

Toda Loja é um Templo e, em seu todo e em seus detalhes, simbólica. O próprio Universo forneceu à humanidade o modelo dos primeiros templos dedicados à Divindade. O arranjo do Templo de Salomão, os ornamentos simbólicos que eram suas decorações principais, e o vestuário do Supremo-Sacerdote, tudo fazia referência à ordem do Universo, como então conhecida. O Templo continha muitos emblemas das estações – o Sol, a Lua, os planetas, as constelações da Ursa Maior e da Ursa Menor, o zodíaco, os elementos e outras "peças" do mundo. O Mestre dessa Loja, a do Universo, é Hermes, de quem Khûrûm é o representante e é uma das luzes da Loja.

Para instrução adicional sobre o simbolismo dos corpos celestiais e dos números sagrados e do templo e de seus detalhes, você deve aguardar pacientemente seu avanço na Maçonaria e, enquanto isso, exercite seu intelecto estudando-os por si só. Estudar e interpretar corretamente os símbolos do Universo é o trabalho do sábio e do filósofo. É decifrar a escrita de Deus e penetrar em Seus pensamentos.

Isto é o que é perguntado e respondido em nosso catecismo em relação à Loja.

Define-se uma "Loja" como uma "***reunião de Maçons, devidamente congregados, tendo a escritura sagrada, o esquadro e os compasso, e uma carta patente, ou certificado de constituição, autorizando-os a trabalhar***". A sala, ou lugar onde se reúnem, e que representa alguma parte do Templo do Rei Salomão, também é chamada de Loja; e isto é o que nós agora estamos levando em consideração.

A Loja é suportada por três grande colunas, **SABEDORIA**, **FORÇA** e **BELEZA**, representadas pelo Mestre, Primeiro Vigilante e Segundo Vigilante; e estas são as colunas que sustentam a Loja, "***porque Sabedoria, Força e Beleza são a perfeição de tudo, e nada pode perdurar sem elas***". "***Porque***", diz o Rito de York, "***é necessário que haja Sabedoria para conceber, Força para sustentar e Beleza para ornamentar todos os empreendimentos grandes e importantes***". "***Não sabeis***", diz o Apóstolo Paulo, "***que sois o templo de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós? Se algum homem profanar o templo de Deus, Deus o destruirá, pois o templo de Deus é sagrado, e o templo sois vós***".

A Sabedoria e a Força da Divindade estão em equilíbrio. As leis da natureza e as leis morais não são meras ordens de Sua vontade Onipotente; porque podem ser mudadas por Ele, e a ordem se torna desordem e o bom e o certo se tornam mau e errado; honestidade e lealdade, vícios; e fraude, ingratidão e vício, virtudes. O Poder onipotente, infinito e autônomo, não seria necessariamente constrito a consistência. Seus decretos e leis não poderiam ser imutáveis. As leis de Deus não são obrigatórias para nós porque não manifestações do Seu **PODER**, ou a expressão de Sua **VONTADE**; mas porque elas expressam sua infinita **SABEDORIA**. Sabedoria, Poder e Harmonia constituem uma tríade Maçônica. Eles têm outros significados mais profundos, que podem em algum tempo ser revelados a você.

Para uma explicação mais comum, podemos acrescentar que a sabedoria do Arquiteto é apresentada em combinação, como somente um Arquiteto exímio pode fazer, e como Deus tem feito em todo lugar, – por exemplo, na árvore, no esqueleto humano, no ovo, nas células do favo de abelha – força, com graça, beleza, simetria, proporção, leveza, ornamentação. Também está na perfeição do orador e do poeta para combinar força, energia com graça de estilo; e assim, em um Estado, a força guerreira e industrial do povo e sua força titânica devem ser combinadas com a beleza das artes, com as ciências e com o intelecto, se o Estado quer alcançar as alturas da excelência e manter o povo realmente livre. Harmonia nisto, como em tudo o que é Divino, o material e o humano, é o resultado de equilíbrio, de compaixão e ação oposta de contrários; uma simples Sabedoria sobre eles mantendo o travessão da balança. Os grandes enigmas da Esfinge são Reconciliar a lei moral, responsabilidade humana, livre arbítrio, com o poder absoluto de Deus, e a existência do mal com Sua absoluta sabedoria e bondade e misericórdia.

Você ingressou na Loja entre duas colunas. Elas representam as duas que estavam no pórtico do Templo, em cada lado da entrada oriental. Esses pilares, de bronze, de quatro dedos de espessura, tinham, de acordo com o melhor que sabemos – está no Primeiro e no Segundo Livro dos Reis, confirmado por Jeremias – dezoito cúbitos de altura, com um capitel de cinco cúbitos de altura. A largura de cada uma era de quatro cúbitos de diâmetro. Um cúbito tem 30 cm e meio. Isto é, cada coluna tinha um pouco mais de trinta pés e oito polegadas de altura, cada capitel um pouco mais de oito pés e seis polegadas de altura, e o diâmetro seis pés e dez polegadas. Os capitéis estavam adornados com romãs de bronze, cobertas com rede de bronze e ornamentadas com tranças de bronze; e parece que imitavam a forma do recipiente das sementes do lótus ou lírio egípcio, um símbolo sagrado para os hindus e egípcios. O pilar ou coluna da direita, ou do sul, era chamada, como a palavra hebraica é reproduzida em nossa tradução da Bíblia, **JACHIN**; e o da esquerda, **BOAZ**. Nossos tradutores dizem que a primeira palavra significa "***Ele estabelecerá***", e a segunda "***Nele está a força***".

Essas colunas eram imitações, feitas por Kûrûm, o artista tírio, das grandes colunas consagradas aos Ventos e ao Fogo na entrada do famoso Templo de Malkarth, na cidade de Tiro. É costume, em Lojas do Rito de York, ver-se um globo celestial em uma e um globo terrestre na outra; mas isto não é necessariamente correto, se se pretende imitar as duas colunas originais do Templo. Deixaremos inexplicado por enquanto o significado simbólico dessas colunas, acrescentando apenas que os Aprendizes Maçons guardam suas ferramentas de trabalho na coluna JACHIN, e dando a você a etimologia e significado literal dos dois nomes.

A palavra Jachin, em hebraico, é } y k y . Provavelmente era pronunciada Yakayan, e significava ***Aquele que fortalece***; portanto, ***firme***, ***estável***, ***ereto***.

A palavra Boaz é w u k; Baaz w u significa ***Forte***, ***Força***, ***Poder***, ***Refúgio***, ***Fonte de Poder***, ***um Forte***. O b como prefixo significa ***com*** ou ***em***, e dá à palavra a força do gerúndio latino ***roborando – Fortalecendo***.

A palavra anterior também significa ele estabelecerá, ou ***planta em posição ereta***, – do verbo] w k Kûn, ***permaneceu ereto***. Provavelmente significava ***Ativo*** e ***Energia*** e ***Força Vivificantes***; e **Boaz**, ***Estabilidade***, ***Permanência***, no sentido passivo.

Nossos Irmãos do Rito de York definem as Dimensões da Loja como sendo "***ilimitadas e cobrem não menos do que a abóbada celeste***". "***A mente do Maçom é continuamente dirigida a esse objeto***", dizem eles, "***e ele espera chegar ali com a ajuda da escada teológica que Jacó, em sua visão, viu subindo da terra para o Céu; as três voltas principais eram chamadas de Fé, Esperança e Caridade; e que nos lembra de ter Fé em Deus, Esperança na Imortalidade e Caridade para com toda a Humanidade***". Da mesma forma, é vista no painel uma escada algumas vezes com nove voltas, com sua pousada na terra e seu topo nas nuvens, com estrelas brilhando sobre ela; e representa aquela escada mística que Jacó viu em seu sonho, apoiada na terra e alcançando o Céu, com os anjos de Deus subindo e descendo por ela. Qualquer coisa além das três primeiras voltas do simbolismo é totalmente moderna e imprópria.

Os antigos contavam sete planetas, assim arranjados: Lua, Mercúrio, Vênus, o Sol, Marte, Júpiter e Saturno. Havia sete céus e sete esferas desses planetas; sobre todos os monumentos a Mitras existem sete altares ou piras, consagrados aos sete planetas, asseguram-nos tanto Clemente de Alexandria, em seu ***Stromata***, quanto Philo Judaeus.

Para voltar à sua fonte no Infinito, os antigos afirmavam que a alma humana tinha que ascender, tal como havia descido, através das sete esferas. A Escada pela qual a alma sobe novamente tem, de acordo com Marsilius Ficinus, em seu ***Comentários sobre a Enéada de Plotinus***, sete degraus ou passos; e nos Mistérios de Mitra, levados a Roma durante os Imperadores, a escada, com suas sete voltas, era um símbolo relacionado à sua ascensão através das esferas dos sete planetas. Jacó viu os Espíritos de Deus subindo e descendo por ela; acima dela estava a Divindade.

Os Mistérios Mitraicos eram celebrados em cavernas, nas quais estavam marcados portais nos quatro pontos equinociais e solsticiais do zodíaco; e eram representadas as sete esferas planetárias, as quais as necessidades das almas deveriam atravessar para descer do céu das estrelas fixas para os elementos que envolvem a terra; e estavam marcados sete portais, um para cada planeta, através das quais elas passavam, descendo ou voltando.

Aprendemos isto de Celsus, em ***Origem***, que diz que a imagem simbólica dessa passagem entre as estrelas, usadas nos Mistérios Mitraicos, era uma escada que ligava a terra ao Céu, dividida em sete degraus ou estágios, havendo um portal para cada uma, e que na cúpula havia um oitavo, o das estrelas fixas. O símbolo era o mesmo dos sete estágios de Borsippa, a Pirâmide de tijolos vitrificados, perto da Babilônia, construído em sete estágios, cada um de cor diferente. Nas cerimônias Mitraicas o candidato atravessava os sete estágios da iniciação, passando por diversas provas temíveis – e a escada alta de sete voltas ou degraus era o símbolo delas.

Você vê a Loja, seus detalhes e ornamentos, com suas Luzes. Você já ouviu dizer o que essas Luzes representam, em maior ou menor detalhe, e como elas são explicadas por seus Irmãos no Rito de York.

A Bíblia Sagrada, o Esquadro e o Compasso não fazem apenas parte das Grandes Luzes na Maçonaria, mas também são tecnicamente chamados de Mobília da Loja; e, como você viu, assegura-se que não existe Loja sem eles.

Algumas vezes este tem sido um pretexto para excluir Judeus de nossas Lojas, porque eles não podem interpretar o Novo Testamento como um livro sagrado. A Bíblia é parte indispensável de uma Loja Cristã, simplesmente porque é o livro sagrado da religião Cristã. O Pentateuco Hebraico em uma Loja Hebraica e o Alcorão em uma Loja Muçulmana pertencem ao Altar; e um desses Livros, mais o Esquadro e o Compasso, compreenda-se adequadamente, são as Grandes Luzes pelas quais um Maçom deve andar e trabalhar.

O compromisso mais solene e mais compromissado do candidato sempre deve ser tomado sobre o livro sagrado, ou sobre os livros sagrados de sua religião, na qual ele crer; e é apenas por isso que perguntaram a você qual era a sua religião. Não temos nenhuma outra preocupação quanto a seu credo religioso.

O Esquadro é um ângulo reto, formado por duas linhas retas. Adapta-se apenas a uma superfície plana e pertence unicamente à ***geometria = medição da terra***, e à trigonometria que lida apenas com planos, e com a terra, que os antigos supunham ser plana. O Compasso descreve círculos e trata de trigonometria esférica, a ciência das esferas e céus. O Esquadro, portanto, é um emblema do que se refere à terra e ao corpo; o Compasso, do que se refere aos céus e à alma. Também, o Compasso também é usado na trigonometria plana para se levantar perpendiculares; por isso, lembro você de que, apesar de as duas pontas do Compasso estarem sob o Esquadro, você ainda está lidando apenas com os significados morais e políticos dos símbolos e não com suas significações filosóficas e espirituais, ainda assim o divino sempre se combina com o humano; a mistura do que é terreno com o que é espiritual, e existe algo espiritual nos mais simples deveres da vida. As nações não são apenas corpóreo-políticas, mas também espírito-políticas; e lamentemos os povos que, buscando apenas o material, esquecem-se de que têm alma. Nesse caso temos uma raça, petrificada em dogma, que pressupõe a ausência de uma alma e a presença somente da memória e do instinto, desmoralizados pelo lucro. Tal natureza nunca pode liderar a civilização.

A genuflexão perante o ídolo ou perante o dinheiro atrofia o músculo que caminha e a vontade que se move. A absorção hierática ou mercantil minimiza o esplendor de um povo, abaixa seu horizonte ao abaixar seu nível e o priva do entendimento da aspiração universal, ao mesmo tempo humana e divina, que forma as nações missionárias. Um povo livre que se esquece de que tem uma alma para cuidar devota todas as suas energias à evolução material. Se faz guerra, é com interesses comerciais. Os cidadãos imitam o Estado e vêm a riqueza, pompa e luxo como os grandes bens da vida. Tal nação cria fortuna rapidamente e a distribui mal.

Daí os dois extremos, de opulência monstruosa e de miséria monstruosa; todos os prazeres para alguns, todas as privações para o resto, isto é, para o povo; Privilégio, Exceção, Monopólio, Feudalismo emergem do próprio Trabalho: uma situação falsa e perigosa que, fazendo do Trabalho um Ciclope cego e acorrentado, na mina, na forja, na oficina, no tear, no campo, em meio a fumaça venenosa, em células miasmáticas, em fábricas sem ventilação, alicerça seu poder público sobre a miséria privada e planta a grandeza do Estado no sofrimento do indivíduo. É a grandeza constituída doentiamente, na qual todos os elementos materiais estão combinados e na qual não entra nenhum elemento moral. Se um povo, qual uma estrela, tem direito a um eclipse, a luz deve retornar. O eclipse não deve degenerar em noite.

As três menores, ou as Luzes Sublimes, você ouviu que são o Sol, a Lua e o Mestre da Loja; também ouviu o que nossos Irmãos do Rito de York dizem sobre elas, e por que lhe disseram que são as Luzes da Loja. Mas o Sol e a Lua não iluminam, na verdade, a Loja, senão apenas simbolicamente, portanto não são eles as luzes, mas sim as coisas das quais são símbolos. O Maçom do Rito de York não diz o que o Sol e a Lua simbolizam. Nem a Lua, de forma alguma, governa a noite com regularidade.

O Sol é o símbolo antigo da geração de vida e do poder da Divindade. Para os antigos, a luz era a causa da vida; e Deus era a fonte de tudo de onde a luz fluía; a essência da Luz, o Fogo Invisível, desenvolveu-se como Chama, manifesta como luz e esplendor. O Sol era a Sua manifestação e imagem visível; e os Sabeanos, ao adorar o Deus-Sol, pareciam adorar o Sol, no qual viam a manifestação da Divindade.

A Lua era o símbolo da capacidade passiva da natureza de procriar, a fêmea, da qual o poder e energia geradora de vida era o macho. Era o símbolo de **ÍSIS**, **ASTARTE**, e **ÁRTEMIS** ou **DIANA**. Os "Mestres da Vida" eram a Divindade Superior, acima de ambos, e manifestos através de ambos; **ZEUS**, o Filho de Saturno, torna-se Rei dos Deuses; **HÓRUS**, filho de **OSÍRIS** e **ÍSIS**, torna-se o Mestre da Vida; **DIONUSO** ou **BACO**, tal como Mitra, torna-se o autor da Luz, da Vida e da Verdade.

Os Mestres da Luz e da Vida, o Sol e a Lua, são simbolizados em todas as Lojas pelo Mestre e pelos Vigilantes; e isto torna dever do Mestre prover luz para os Irmãos, por si próprio e através dos Vigilantes, que são seus ministros.

"***Vosso sol***", diz Isaías a Jerusalém, "***não mais se porá e a lua também não se erguerá; por que o Senhor será vossa luz eterna, e os dias de suas lamentações haverão terminado. Vosso povo todo também será virtuoso; ele herdará a terra para sempre***". É assim um povo livre.

Nossos ancestrais do norte adoravam uma Divindade tri-una – **ODIN**, o Pai todo-poderoso, **FREA**, sua mulher, emblema da matéria universal, e **THOR**, seu filho, o mediador. Mas acima deles estava o Deus Supremo, "***o autor de tudo o que existia, o Eterno, o Antigo, o Ser Vivo e Terrível, o Buscador de coisas ocultas, o Ser que nunca muda***". No Templo de Elêusis (um santuário iluminado por apenas uma janela no teto, e que representa o Universo), estavam representadas as imagens do Sol, da Lua e de Mercúrio.

"***O Sol e a Lua***", diz o erudito Ir.·. **DELAUNAY**, "***representam os dois grandes princípios de todas as gerações, o ativo e o passivo, o macho e a fêmea. O Sol representa a verdadeira luz. Ele derrama seus raios fecundos sobre a Lua; ambos voltam suas luzes sobre seu fruto, a Estrela Flamejante, ou Hórus, e os três formam o grande Triângulo Eqüilátero, no centro do qual está a letra geradora da Cabala, que dizem ter criado a Estrela***".

Os **ORNAMENTOS** de uma Loja são o "**Pavimento Mosaico, a Orla Dentada e a Estrela Flamejante**". O Pavimento Mosaico, formado por quadrados brancos e negros, representa o chão do Templo do Rei Salomão; e a Orla Dentada "**aquela linda orla que o envolvia**". Diz-se que a Estrela Flamejante no centro é um "**emblema da Divina Providência, e comemorativa da estrela que surgiu para guiar os homens sábios desde o Oriente até o local de nascimento de nosso Salvador**".

Mas "não se via pedras" no Templo. As paredes eram cobertas com pranchas de cedro, o piso com pranchas de pinheiro. Não existe evidência de que tivesse existido tal pavimento ou piso no Templo, nem tal madeiramento; na Inglaterra, antigamente, a Tábua de Traçar era envolta por uma orla dentada; e é somente na América que essa orla é colocada em volta do pavimento Mosaico. Os dentes, na verdade, são os quadrados ou losangos do pavimento. Na Inglaterra, também, "a borda dentada" é chamada de "mosaico". Porque tem quatro mosaicos, que representam a Temperança, Força, Prudência e Justiça. Foi chamada de Mosaico, mas trata-se de uma denominação errada. É um pavimento mosaico com uma borda dentada envolvendo-o.

O pavimento, alternadamente negro e branco, simboliza, intencionalmente ou não, os Princípios do Bem e do Mal do credo Egípcio e Persa. É o combate entre Miguel e Satanás, entre os Deuses e os Titãs, entre Balder e Lok, entre luz e sombra, que é a escuridão; Dia e Noite; Liberdade e Despotismo; Liberdade Religiosa e Dogmas Arbitrários de uma Igreja que pensa por seus seguidores, da qual o Pontífice se diz infalível, e da qual os decretos de seus Conselhos se constituem em um evangelho.

As faces desse pavimento, se estiverem em forma de losangos, serão necessariamente dentadas como um serrote; e, para completá-lo, e é necessário finalizar com uma borda. É complementado com dentes como ornamentos nos cantos. Se esses e as bordas têm algum significado, ele é fantasioso e arbitrário.

Também é fantasioso encontrar na **ESTRELA FLAMEJANTE** de cinco pontas uma alusão à Divina Providência; e fazê-la ser comemorativa da Estrela que guiou os Magos, é dar-lhe um significado comparativamente moderno.

Originalmente, representava **SÍRIUS**, ou a estrela-cão, que anunciou a inundação no Nilo; o deus **ANÚBIS**, companheiro de **ÍSIS** em sua busca pelo corpo de **OSÍRIS**, seu irmão e marido. Então, tornou-se a imagem de **HÓRUS**, o filho de **OSÍRIS**, ele mesmo também simbolizado pelo Sol, o autor das Estações do Ano, e o deus do Tempo; filho de **ÍSIS**, que era a natureza universal, a matéria primitiva, fonte inexaurível de Vida, centelha de fogo não criado, semente universal de todos os seres. Era **HERMES**, também o Mestre do Conhecimento, cujo nome em grego era Deus Mercúrio. Tornou-se o sinal sagrado e poderoso dos Magos, o **PENTALFA**, e é o emblema significativo da Liberdade, flamejando com uma resplandecência constante em meio a elementos confusos de bem e de mal das Revoluções, e de céus promissoramente serenos e estações férteis para as nações, após as tormentas de mudanças e tumultos.

No Oriente da Loja, sobre o Mestre, dentro de um triângulo, está a letra hebraica **YOD** (y). Nas Lojas inglesas e americanas, a letra **G.·.** a substitui como a inicial da palavra **GOD**, com tão pouca razão quanto seria se, em vez da letra correta, fosse usada a inicial **D** de **DIEU** em Lojas Francesas. O **YOD** é, na Cabala, o símbolo da Unidade, da Unidade Suprema, a primeira letra do Nome Sagrado; é, também, um símbolo das Grandes Tríades Cabalísticas. Para compreender seus significados místicos, você deve abrir as páginas do Sohar e do Siphra de Zeniutha, e outros livros cabalísticos, e ponderar profundamente em seu significado. Deve bastar dizer que se trata da Energia Criativa da Divindade, e que é representada como um ponto, esse ponto no centro do Círculo da imensidão. Para nós, nesse Grau, é o símbolo da Divindade não manifestada, do Absoluto, que não tem nome.

Nossos Irmãos franceses colocam esta letra, **YOD**, no centro da Estrela Flamejante. E, em velhos ensinamentos, nossos antigos Irmãos ingleses disseram "***a Estrela Flamejante ou Glória, no centro, nos representa a grande luz, o Sol, que ilumina a terra, e por sua influência genial abençoa a humanidade***". Nos mesmos antigos ensinamentos, também o disseram ser o emblema da **PRUDÊNCIA**. A palavra ***Prudentia*** significa, em seu sentido mais completo, Providência ou Previdência; neste sentido, a Estrela Flamejante tem sido vista como emblema da Onisciência, ou o Olho que Tudo Vê que, para os Iniciados Egípcios, era o emblema de Osíris, o Criador. Com o **YOD** no centro, tem o significado cabalístico da Energia Divina, manifestada como Luz, criando o Universo.

As Jóias da Loja são em número de seis. Três são chamadas "Móveis", e três "Imóveis". O **ESQUADRO**, o **NÍVEL** e o **PRUMO** eram, antiga e adequadamente, chamados de Jóias Móveis, porque eles passam de um Irmão para o outro. É um modernismo chamá-las de Imóveis só porque elas devem sempre estar presentes na Loja. As Jóias Imóveis são a **PEDRA BRUTA**, a **PEDRA CÚBICA** ou, em alguns Rituais, o **CUBO DUPLO** e a **TÁBUA DE TRAÇAR**.

Sobre estas Jóias, nossos Irmãos do Rito de York dizem: "***O Esquadro inculca Moralidade; o Nível, Igualdade; e o Prumo, Retidão de Conduta.***" Suas explicações das Jóias Móveis podem ser lidas em seus Rituais.

Nossos Irmãos do Rito de York dizem que "***em toda Loja bem dirigida existe a representação de um certo ponto dentro de um círculo, e que representa um Irmão, individualmente; o Círculo, a linha divisória de sua conduta, além da qual ele nunca sofrerá danos ou paixões que o traiam***".

Isto não tem a finalidade de interpretar os símbolos da Maçonaria. Alguns dizem que, com uma abordagem ou interpretação mais próxima, o ponto dentro do círculo representa Deus no centro do Universo. É um sinal Egípcio comum para o Sol e Osíris, e ainda é usado como sinal astronômico da grande Luz. Na Cabala, o ponto é **YOD**, a Energia Criativa de Deus, irradiando com luz o espaço circular que Deus, a Luz Universal, esvaziou para criar os mundos ao retirar de lá Sua substância de Luz e concentrá-la em todos os lados de um ponto.

Nossos Irmãos acrescentam que "***esse círculo é limitado por duas linhas perpendiculares paralelas, que representam São João Batista e São João Evangelista, e no topo estão as Sagradas Escrituras***" (um livro aberto). "***Ao circundar esse círculo***", dizem eles, "***tocamos, necessariamente, essas duas linhas, assim como as Sagradas Escrituras; e enquanto um Maçom se mantém circunscrito a seus preceitos, torna-se impossível que possa errar***".

Seria uma perda de tempo fazer comentários a respeito. Alguns escritores imaginaram que as linhas paralelas representam os Trópicos de Câncer e de Capricórnio, que o Sol toca, alternadamente, nos solstícios de Verão e de Inverno.

Mas os trópicos não são linhas perpendiculares, e a idéia é apenas fantasiosa. Se as linhas paralelas, alguma vez, tivessem pertencido ao símbolo antigo, elas teriam algum significado mais recôndito e frutífero. Provavelmente, elas teriam o mesmo significado das colunas gêmeas Jachin e Boaz. Este significado não é para o Aprendiz. O adepto pode encontrá-lo na Cabala. A **JUSTIÇA** e a **MISERICÓRDIA** de Deus estão em equilíbrio, e o resultado é **HARMONIA**, porque sobre elas governa uma **SABEDORIA SIMPLES** e **PERFEITA**.

As Escrituras Sagradas são um adendo inteiramente moderno ao símbolo, como os globos terrestre e celestial nas colunas do pórtico. Assim, o antigo símbolo foi desfigurado por adições incongruentes, tal como Ísis chorando sobre a coluna quebrada que continha os restos de Osíris em Biblos.

A Maçonaria tem seu Decálogo, que é uma lei para seus Iniciados. Estes são seus Dez Mandamentos:

I.·. Deus é a **SABEDORIA** Eterna, Onipotente e Imutável, **INTELIGÊNCIA** Suprema e Amor Incansável. Adorá-Lo-eis, reverenciá-Lo-eis e amá-Lo-eis! Honrá-Lo-eis praticando as virtudes!

II.·. Vossa religião será fazer o bem porque é um prazer para vós, não simplesmente porque seja uma obrigação. Para que sejais amigos das pessoas sábias, obedecereis seus preceitos! Vossa alma é imortal! Nada fareis para degradá-la!

III.·. Guerreareis incessantemente o vício! Não fareis para outros o que não quereis que façam a vós! Aceitareis vossas venturas e mantereis acesa a luz da sabedoria!

IV.·. Honrareis vossos pais! Respeitareis e homenageareis os velhos! Ensinareis os jovens! Protegereis e defendereis a infância e a inocência!

V.·. Afagareis vossa esposa e vossos filhos! Amareis vosso país e obedecereis às suas leis!

VI.·. Vosso amigo será vossa segunda metade! O infortúnio não vos afastará dele! Fareis em sua memória tudo o que faríeis se ele estivesse vivo!

VII.·. Evitareis e fugireis de amizades insinceras! Refrear-vos-eis de todos os excessos. Temereis ser a causa de qualquer mácula em vossa lembrança!

VIII.·. Não permitireis que paixões sejam vossos guias! Fareis das paixões dos outros lições de proveito para vós! Sereis indulgentes ao erro!

IX.·. Escutareis muito; falareis pouco! agireis corretamente! Esquecereis as injúrias! Fareis o bem em retribuição ao mal! Não usareis indevidamente vossa força nem vossa superioridade!

X.·. Estudareis para conhecer as pessoas; com isso podereis conhecer a vós mesmos! Sempre buscareis a virtude! Sereis justos! Evitareis a preguiça!

Mas o grande mandamento da Maçonaria é: "***Dou-vos um novo mandamento: Amareis uns aos outros! Aquele que disser estar na luz e odeia seu irmão, ainda estará na escuridão***".

Estas são as obrigações morais de um Maçom. Porém, também será obrigação da Maçonaria ajudar a elevar o nível moral e intelectual da sociedade; cunhando conhecimento, trazendo idéias à circulação e fazendo crescer a mente da juventude; e colocando a raça humana em harmonia com seu destino, gradualmente, mediante ensinamento de axiomas e pela promulgação de leis positivas.

É desse dever e trabalho que o Iniciado é aprendiz. Não deve imaginar que não pode afetar nada, e com isso desiludir-se e permanecer inerte. Está nisso, assim como está na vida diária de alguém. Muitas grandes obras são executadas nas pequenas lutas da vida. Existe, nos dizem, bravura determinada porém invisível, que se defende passo a passo, na escuridão, contra a invasão fatal da necessidade e da baixeza. Existem triunfos nobres e misteriosos, que os olhos não vêem, que não têm recompensas renomadas e que não recebem a saudação de fanfarras de trompetes. A vida, o infortúnio, o isolamento, o abandono, a pobreza, são campos de batalha que têm seus heróis, – heróis obscuros, mas algumas vezes maiores do que aqueles que ficam famosos. O Maçom deve lutar da mesma maneira e com a mesma bravura contra aquelas invasões da necessidade e da baixeza que atingem as nações assim como às pessoas. O Maçom deve enfrentá-las também, passo a passo, mesmo no escuro, e protestar contra o erro e a insensatez; contra a usurpação e contra a invasão dessa hidra, a Tirania.

Não há eloqüência mais soberana do que a verdade indignada. É mais difícil para um povo manter do que conseguir sua liberdade. Sempre são necessários os Protestos da Verdade. O direito deve continuamente protestar contra o Fato. Existe, verdadeiramente, Eternidade no Direito. O Maçom deve ser um sacerdote e um guerreiro desse Direito. Se seu país tiver roubadas suas liberdades, não deve se desesperar. O protesto do Direito contra o Fato persiste para sempre. O roubo de um povo nunca prescreve. O reclamo de seus direitos nunca é barrado. Varsóvia não pode mais ser tártara do que Veneza teutônica. Um povo pode resistir à usurpação militar, Estados subjugados ajoelham-se a Estados e usam a canga sob a pressão da necessidade; mas, quando a necessidade desaparece e se o povo estiver preparado para a liberdade, o país submerso virá à tona e reaparecerá e a Tirania será julgada pela História por ter assassinado suas vítimas.

Seja lá o que ocorrer, devemos ter Fé na Justiça e na Sabedoria soberana de Deus, Esperança no Futuro e benevolência Afetuosa para com os que erram. Deus torna Sua vontade visível às pessoas através de acontecimentos; um texto obscuro, escrito em uma linguagem misteriosa. As pessoas traduzem-na imediata, rápida e incorretamente, com muitos erros, omissões e interpretações falhas. Nossa visão do arco do grande círculo é tão curta! Poucas mentes compreendem o idioma Divino. Os mais sagazes, os mais calmos, os mais profundos, decifram hieróglifos lentamente; e, quando voltam com seu texto, talvez a necessidade já se tenha ido há tempo; já existem vinte traduções – a maioria é incorreta e, é claro, são as mais aceitas e populares. De cada tradução nasce um partido; de cada interpretação falha, uma facção. Cada partido acredita ou finge que detém o único texto verdadeiro; e cada facção acredita ou finge que apenas ela possui a Luz. Além disso, facções são gente cega que aponta apenas para frente, e erros são projéteis excelentes, atingindo habilmente e com toda a violência que salta de argumentos falsos, onde quer que um desejo de lógica naqueles que defendem o direito os faça vulneráveis como uma falha em uma couraça.

Portanto, muitas vezes seremos derrotados ao combater o erro diante do povo. Antaeus resistiu a Hércules por longo tempo, e as cabeças da Hidra cresceram tão rapidamente quanto foram cortadas. É um absurdo dizer-se que o Erro, ferido, agoniza em dor e morre em meio aos seus adoradores. A Verdade conquista lentamente. Há uma vitalidade surpreendente no Erro. A Verdade, realmente, na maioria das vezes, atira por sobre as cabeças das massas; ou, se um erro estiver prostrado por um momento, levantar-se-á em um instante, vigoroso como nunca. Não morrerá quando o cérebro tiver sido arrancado; e os erros mais estúpidos e irracionais serão os mais duradouros.

Não obstante, a Maçonaria, que é Moralidade e Filosofia, não deve parar de cumprir seu dever. Nunca sabemos em que momento o sucesso aguarda nossos esforços – geralmente quando menos esperamos – nem com que nossos esforços serão, ou não, recompensados. Existiram em Roma alguns soldados Cartagineses, aprisionados, que se recusaram a baixar suas cabeças para Flamínio e tinham um pouco da magnanimidade de Aníbal. Os Maçons devem ter a mesma grandeza de alma. Maçonaria deve ser uma energia, encontrando seu alvo e efeito na melhoria da humanidade. Sócrates deve entrar em Adão e gerar Marco Aurélio; em outras palavras, produzir, da pessoa de prazeres, a pessoa de sabedoria. Maçonaria não deve ser simplesmente uma torre de observação, construída sobre mistério, para daí fitar o mundo, sem outro resultado senão a conveniência para o curioso.

O campo da Filosofia é manter a caneca cheia de pensamentos nos lábios sedentos das pessoas; dar a todos as idéias verdadeiras de Divindade; harmonizar a consciência e a ciência. Moralidade é Fé em plena florescência. A contemplação deve levar à ação e o absoluto deve tornar-se prático; o ideal tornar-se ar, alimento e bebida para a mente humana. A Sabedoria é uma comunhão sagrada. É apenas nessa condição que cessa de ser um amor estéril à Ciência e se torna o método único e supremo para a união da Humanidade e para sua transformação em ação combinada. Então a Filosofia se transforma em Religião.

E a Maçonaria, tal como a História e a Filosofia, tem deveres eternos – eternos e, ao mesmo tempo, simples – para opor-se a Caiafas como Bispo, a Draco ou a Jeferias como Juízes, a Trimalcion como Legislador e a Tibério como Imperador. Estes são os símbolos da tirania que degrada e destrói, da corrupção que avilta e infesta. Nos trabalhos publicados para uso na Ordem somos informados que os três grandes princípios da ocupação de um Maçom são Amor Fraternal, Assistência e Verdade.

E é verdade que afeição e bondade Fraternais devem nos governar em todas as relações com nossos irmãos; e filantropia generosa e liberal deve nos orientar em relação a todas as pessoas. Para os Maçons, auxiliar os desafortunados é uma dever em particular dos Maçons – um dever sagrado, do qual não pode se omitir, nem negligenciar e tampouco aceitar de forma fria ou ineficiente. Também é fato que a Verdade é um atributo Divino e o alicerce de toda virtude. Os grandes objetivos de todo grande Maçom são ser verdadeiro e procurar encontrar e aprender a Verdade.

Como fizeram os antigos, a Maçonaria utiliza Moderação, Força, Prudência e Justiça, as quatro virtudes cardeais. Elas são tão necessárias às nações quanto aos indivíduos. O povo que quer ser Livre e Independente deve possuir Sagacidade, Prudência, Previsão e Circunspeção cuidadosas – estas todas estão abrangidas pelo significado da palavra Prudência. Este povo deve ser moderado ao defender seus direitos, moderado em seus conselhos, econômico em suas despesas; deve ser valente, bravo, corajoso, paciente sob reveses, desassombrado ante desastres, esperançoso durante calamidades, como Roma quando entregou o campo no qual Aníbal teve seu acampamento. Nem Cannae, nem Farsália, nem Pávia ou Agincourt ou Waterloo podem desencorajá-lo. Deixe seu Senado permanecer sentado até que os gauleses o puxem pelas barbas. Ele deve, acima de todas as coisas, ser justo, abster-se de bajular os fortes e de guerrear ou saquear os fracos; deve agir no esquadro com todas as nações e com as tribos mais débeis, sempre mantendo sua fé, honesta em suas leis, justa em todos os seus assuntos. Quando existir tal República, ela será imortal, pois imprudência, injustiça, intemperança e luxo na prosperidade, desespero e desordem na adversidade são as causas da queda e da dilapidação de nações.

O Companheiro

No Oriente Antigo, todas as religiões eram muito próximas do mistério e não existia divórcio entre elas e a filosofia. A teologia popular, absorvendo a multiplicidade de alegorias e símbolos como realidade, degenerou em adoração das luzes celestiais, de Divindades imaginárias que tinham sentimentos humanos, apetites e luxúrias, de ídolos, pedras, animais, répteis. A cebola era sagrada para os egípcios porque suas diferentes camadas eram um símbolo das esferas celestiais concêntricas. Obviamente, a religião popular não podia satisfazer as ânsias e pensamentos mais profundos, as aspirações mais sublimes do Espírito, nem a lógica da razão. Os significados eram ensinados aos iniciados nos Mistérios. Ali também a religião era ensinada através de símbolos. A falta de clareza do simbolismo, passível de muitas interpretações, alcançava o que o credo palpável e convencional não conseguia. Sua indefinição validava a obscuridade do assunto; tratava tal assunto misterioso misticamente; tentava ilustrar o que não conseguia explicar; para excitar um sentimento apropriado se não conseguisse desenvolver uma idéia adequada; e para fazer da imagem um mero veículo subalterno da concepção, que por si só nunca se tornou óbvia nem familiar.

Assim, o conhecimento hoje comunicado por livros e cartas, antes era veiculado por símbolos; e os sacerdotes inventavam ou perpetuavam uma série de ritos e exibições que não eram mais atraentes ao olhar do que as palavras, mas muitas vezes mais sugestivos e mais prenhas de significado para a mente.

A Maçonaria, sucessora dos Mistérios, ainda segue a maneira antiga de ensinar. Suas cerimônias são como as antigas apresentações, – não a leitura de um ensaio, mas a abertura de um problema, que requer pesquisa e constitui a filosofia como intérprete engenhosa. A instrução que ministra são seus símbolos. Seus ensinamentos são iniciativas, muitas vezes parciais e unilaterais, para interpretar esses símbolos. Quem quer se tornar um verdadeiro Maçom não deve se satisfazer apenas em ouvir, nem mesmo apenas para compreender os ensinamentos; deve, com a ajuda desses ensinamentos, e com o caminho apontado por eles, estudar, interpretar e desenvolver esses símbolos para si próprio.

Mesmo sendo a Maçonaria idêntica aos antigos Mistérios, o é apenas neste sentido: que apresenta apenas uma imagem imperfeita de seu resplendor, apenas as ruínas de sua grandeza, e um sistema que sofreu alterações progressivas, o fruto de acontecimentos sociais, circunstâncias políticas e a imbecilidade ambiciosa de seus desenvolvedores. Depois de deixar o Egito, os Mistérios foram modificados pelos hábitos das diferentes nações nas quais foram introduzidos, e especialmente pelos sistemas religiosos dos países para os quais foram transplantados. Em todo lugar era obrigação do Iniciado obedecer o governo estabelecido, as leis e a religião que, em todo lugar, eram heranças dos sacerdotes, que de forma nenhuma estavam dispostos a repartir a verdade filosófica com as pessoas comuns.

A Maçonaria não é o Coliseu em ruínas. É mais um palácio romano da idade média, desfigurada por alterações arquitetônicas modernas, porém ainda construída sobre um alicerce gigantesco plantado pelos etruscos, e com grande parte da superestrutura obtida de moradas e templos da era de Adriano e de Antonino.

O Cristianismo ensinou a doutrina da **FRATERNIDADE**, mas repudiou a da **IGUALDADE** política, continuamente inculcando obediência a César e às autoridades legais. A Maçonaria foi o primeiro apóstolo da **IGUALDADE**. Nos Monastérios existe fraternidade e igualdade, mas não liberdade. A Maçonaria adicionou esta também e reclamou para as pessoas a tríplice herança: **LIBERDADE**, **IGUALDADE** e **FRATERNIDADE**.

Foi apenas o desenvolvimento do propósito original dos Mistérios, que foi ensinar as pessoas a conhecer e a praticar seus deveres, para com si mesmas e para com seus semelhantes, a grande finalidade prática de toda filosofia e de todo conhecimento.

As Verdades são a fonte de onde todas as obrigações jorram; e faz menos de cem anos que uma nova Verdade começou a ser vista claramente: que **O INDIVÍDUO É SOBERANO SOBRE AS INSTITUIÇÕES, E NÃO ELAS SOBRE ELE**. As pessoas têm uma superioridade natural sobre todas as instituições. Estas são para elas, de acordo com o seu desenvolvimento; não as pessoas para as instituições. Parece ser uma afirmação muito simples, com a qual todos, em todo o lugar, devem concordar. Mas um dia foi uma Verdade totalmente nova, não revelada enquanto os governos não existiram por pelo menos cinco mil anos. Uma vez revelada, impôs novos deveres às pessoas. O ser humano tinha este débito para consigo mesmo: ser livre. Ele tinha com débito para com seu país dar-lhe liberdade ou mantê-lo livre. Esta Verdade fez da Tirania e da Usurpação os inimigos da Raça Humana. Colocou numa ampla ilegalidade dos Déspotas e os Despotismos, temporais e espirituais. A esfera do Dever alargou-se imensamente. O Patriotismo passou a ter, em conseqüência, um significado novo e mais amplo. Governo Livre, Livre Pensamento, Livre Consciência, Livre Expressão! Tudo isto se transformou em direitos inalienáveis daqueles que os perderam, ou dos que os tiveram roubados, ou dos cujos ancestrais os perderam; todos passaram a ter o direito de os retomar sumariamente. Infelizmente, como Verdades sempre são pervertidas em falsidades, e são falsidades quando mal soletradas, esta Verdade se tornou o Evangelho da Anarquia logo depois de ter sido proclamada pela primeira vez.

A Maçonaria compreendeu muito cedo esta Verdade e reconheceu seus deveres ampliados. Então, seus símbolos passaram a ter significados mais abrangentes e recebeu símbolos novos e apropriados. Ajudou a criar a Revolução Francesa, morreu com os Girondistas, renasceu com a restauração da ordem e apoiou Napoleão porque, apesar de Imperador, ele reconheceu o direito do povo de escolher seus governantes e esteve à frente de uma nação que se recusava a receber seus velhos reis de volta. Ele defendeu com sabre, mosquetão e canhão a grande causa do Povo contra a Realeza, o direito do povo francês de até fazer de um General Corso seu Imperador, se o povo assim quisesse.

A Maçonaria sentiu que esta Verdade tinha a Onipotência de Deus ao seu lado, e que nem Papa nem Potentado seriam capazes de dominá-la. Era uma verdade que caiu dentro do grande tesouro do mundo, fazendo parte da herança que cada geração recebe, faz crescer e preserva, um legado necessário à humanidade: a propriedade pessoal das pessoas, herança natural até o fim dos tempos. E a Maçonaria cedo reconheceu como verdade que apresentar e desenvolver uma verdade, ou qualquer excelência que se receba ou se desenvolva, é fazer ainda maior a glória espiritual da raça; que qualquer coisa que auxilie a marcha de uma Verdade e faça do pensamento um fato, escreve com a mesma pena de Moisés e Daquele que morreu na cruz; e tem afinidade intelectual com a Própria Divindade.

A melhor dádiva que podemos legar às pessoas é humanismo. É o que a Maçonaria recebeu de Deus como obrigação de entregar às pessoas: não sectarismo ou dogma religioso; não uma moralidade rudimentar que possa ser encontrada nos escritos de Confúcio, Zoroastro, Sêneca e dos Rabinos, nos Provérbios e em Eclesiastes; mas humanismo, ciência e filosofia.

Não que Filosofia ou Ciência estejam em oposição à Religião. Porque a Filosofia nada mais é do que conhecimento de Deus e da Alma, que deriva da observação da ação manifesta de Deus e da Alma e de uma analogia sábia. É o guia intelectual que o sentimento religioso necessita. A filosofia religiosa verdadeira de um ser imperfeito não é um sistema de credo, mas, como **SÓCRATES** pensou, uma busca ou uma aproximação infinitas. Filosofia é aquele progresso intelectual e moral que o sentimento religioso inspira e enobrece.

A Ciência, por seu turno, não pôde caminhar sozinha enquanto a religião esteve estacionária. Consiste daquelas inferências maduras da experiência que todas as outras experiências confirmam. Compreende e une tudo o que era realmente valioso em ambos os velhos esquemas de meditação, uma heróica, ou o sistema de ação e esforço, e a teoria mística de comunhão espiritual e contemplativa. "***Escutem-me***", diz **GALEN**, "***como à voz do Hierofante Eleusiano e creiam que o estudo da Natureza é um mistério não menos importante do que os deles, nem menos preparado a mostrar a sabedoria do poder do Grande Criador. Suas lições e demonstrações eram obscuras, mas as nossas são claras e inequívocas***".

Acreditamos que este seja o melhor conhecimento que podemos obter da Alma de outra pessoa, e que é transmitido por seus atos e pela sua conduta ao longo de sua vida. Evidência no sentido oposto, transmitida pelo que uma outra pessoa nos diga que esta Alma tenha dito para a dele, pesaria muito pouco em comparação à anterior. As primeiras Escrituras para a raça humana foram escritas por Deus na Terra e nos Céus. A leitura dessas Escrituras é a Ciência. A familiaridade com a grama e com as árvores, os insetos e os protozoários, nos provê ensinamentos mais profundos de amor e fé do que poderíamos absorver dos escritos de **FENELON** e **AGOSTINHO**. A grande Bíblia de Deus está sempre aberta ante a humanidade.

Conhecimento é conversível em poder e axiomas em regras de utilidade e dever. Mas conhecimento, em si, não é Poder. Sabedoria é Poder; e seu Primeiro Ministro é a **JUSTIÇA**, que é a lei aperfeiçoada da **VERDADE**. Portanto, o propósito da Educação e da Ciência é fazer as pessoas mais sábias. Se o conhecimento não o fizer, é desperdiçado, como água derramada na areia. Conhecer as fórmulas da Maçonaria, por si, é de tão pouca valia quanto conhecer muitas palavras e sentenças em algum dialeto bárbaro africano ou australasiano. Conhecer o significado dos símbolos é quase nada, a não ser que contribua à nossa sabedoria e também à nossa benevolência, que é para a justiça o que é um hemisfério do cérebro para o outro.

Não perca de vista, então, o verdadeiro objetivo de seus estudos na Maçonaria. É contribuir para seu patrimônio de sabedoria, e não simplesmente para seu conhecimento. Uma pessoa pode passar a vida estudando uma única especialidade de conhecimento, – botânica, concologia ou entomologia, por exemplo, – entulhando a memória com nomes derivados do grego, classificando-os e reclassificando-os; e ainda assim não ficar mais sábia do que quando começou. São as grandes verdades que mais preocupam as pessoas, assim como os seus direitos, interesses e deveres, que a Maçonaria procura ensinar aos seus Iniciados.

Quanto mais sábia uma pessoa se torna, menos estará inclinada a se submeter mansamente à imposição de grilhões ou canga, seja sobre sua consciência ou sobre sua pessoa. Isto porque, com o crescer da sabedoria, ela não só conhecerá melhor seus direitos, mas também os valorizará mais, e estará mais consciente e seu valor e dignidade. Então, seu orgulho a incentivará a assegurar sua independência. Tornar-se-á mais capaz de fazê-lo; e mais capaz de ajudar os outros e a seu país quando eles ou ele arriscarem tudo, até suas existências, na mesma reivindicação. Porém, o mero conhecimento não faz ninguém independente, nem o prepara para sê-lo. Na maioria das vezes faz dele um escravo mais útil. Para o ignorante e bruto, a Liberdade é uma calamidade.

A ciência política tem como objetivo averiguar de que maneira e por meio de quais instituições a liberdade política e pessoal pode ser assegurada e perpetuada: não a permissão de votar ou o simples direito de qualquer pessoa de fazê-lo, mas liberdade completa e absoluta de pensamento e opinião, da mesma forma livre do despotismo do monarca, dos agitadores e do prelado; liberdade de ação dentro dos limites da lei geral aprovada para todos; as Cortes de Justiça com Juízes e júris imparciais, abertas igualmente para todos; fraqueza e pobreza tão poderosos

nessas Cortes quanto poder e riqueza; as avenidas para as profissões e fama igualmente abertas a todos os que mereçam; as forças militares, na guerra e na paz, em estrita subordinação ao poder civil; impossibilidade de prisão arbitrária por ato que não seja visto pela lei como crime, inquisições católicas, tribunais como os da Idade Média. Execuções militares, desconhecidas; meios de instrução ao alcance dos filhos de todas as pessoas; direito de Livre Expressão; e responsabilidade de todos os funcionários públicos, civis e militares.

Se a Maçonaria precisasse de justificação para impor deveres políticos e morais a seus Iniciados, bastaria apontar a triste história do mundo. Não só seria necessário voltar as páginas da história para os capítulos escritos por Tácito: poder-se-ia recitar os incríveis horrores do despotismo sob Calígula e Domiciano, Caracalla e Comodus, Vitelius e Maximiano.

Precisaríamos apenas apontar para os séculos de calamidade através das quais a alegre nação francesa passou; para a longa opressão das épocas feudais, dos egoístas reis Bourbons; para aqueles tempos quando os lavradores eram roubados e massacrados como ovelhas por seus lordes e príncipes; para quando o lorde exigia os primeiros frutos do leito matrimonial do lavrador; para quando as prisões políticas estavam abarrotadas de vítimas inocentes e a Igreja abençoava os estandartes de assassinos impiedosos e cantava *Te Deums* para o massacre coroado da Noite de São Bartolomeu.

Devemos virar as páginas para um capítulo mais adiante, – o do reinado de Luís XV, quando jovens meninas, pouco mais que crianças, eram raptadas para servir a sua luxúria; quando *lettres de cachet* enchiam a Bastilha com pessoas acusadas de nenhum crime; quando maridos buscavam prazeres com esposas lascivas; quando vilões que ostentavam títulos de nobreza; quando o povo era esmigalhado no moinho dos impostos, alfândega e taxas; e quando o Núncio do Papa e o Cardeal de la Roche-Ayman, ajoelhando-se devotadamente um de cada lado de Madame du Barry, a prostituta abandonada do rei, colocaram-lhe os chinelos nos pés descalços quando ela se ergueu da cama adúltera. Então, na verdade, os dois tipos de gente comum eram sofredores e exaustos, e as pessoas do povo nada mais eram do que burros de carga.

O verdadeiro Maçom é o que trabalha incansavelmente para ajudar sua Ordem alcançar seus grandes propósitos. Não que a Ordem possa alcançá-los sozinha, mas isto também pode ajudar. Ela também é um dos instrumentos de Deus. É uma Força e um Poder; e seria uma vergonha se ela não puder se empenhar e, se necessário, sacrificar seus filhos na causa da humanidade; tal como Abraão esteve pronto para oferecer Isaac no altar de sacrifícios. Não esquecerá aquela nobre alegoria de Cúrcio saltando, de armadura completa, para o grande e voraz golfo que se abriu para engolir Roma. Ela **TENTARÁ**. Não será sua culpa se nunca chegar o dia em que as pessoas não mais terão que temer uma conquista, uma invasão, uma usurpação, uma rivalidade de nações com as mãos armadas, uma interrupção da civilização por dependência de um casamento real, ou um nascimento nas tiranias hereditárias; uma separação das pessoas por um Congresso, um desmembramento pela queda de uma dinastia, um combate entre duas religiões, cabeceando-se como dois alces de escuridão na ponte do Infinito; quando elas não mais terão que temer a fome, espoliação, prostituição por causa da miséria, miséria por causa da falta de trabalho e de todo o banditismo do acaso na floresta dos eventos; quando nações gravitarem em torno da Verdade como os planetas em torno das estrelas, sem choque ou colisão; e, em todos os lugares, a Liberdade, com seu cinturão de planetas, coroada com os esplendores celestiais e com sabedoria e justiça em ambas as mãos, reinará suprema.

Em seus estudos como Companheiro você deverá ser guiado pela **RAZÃO**, **AMOR** e **FÉ**.

Não discutiremos agora as diferenças entre Razão e Fé nem nos empenharemos em definir a abrangência de cada uma. Mas é necessário dizer que, mesmo nos assuntos mais comuns da vida, somos governados muito mais pelo que acreditamos do que pelo que sabemos, pela **FÉ** e pela **ANALOGIA** e, em seguida, pela **RAZÃO**. A "Era da Razão" da Revolução Francesa ensinou, sabemos, que é uma insensatez entronar a Razão, sozinha, como suprema. A Razão falha quando se trata do Infinito. Deve haver veneração e crença. Não obstante as calamidades dos virtuosos, as misérias dos merecedores, a prosperidade de tiranos e o assassinato de mártires, precisamos crer que existe um Deus sábio, justo, piedoso e amoroso, uma Inteligência e uma Providência, supremas e que cuidam das coisas e eventos mais minúsculos. A Fé é uma necessidade para as pessoas. Desgraçado aquele que não crê em nada!

Acreditamos que a alma de outra pessoa tem sua natureza e tem determinadas qualidades, que seja generosa e honesta, ou mesquinha e enganadora, virtuosa e amigável ou viciosa e mal-humorada, da qual entrevemos apenas a aparência, um pouco mais de um relance dela, sem na realidade sabermos seguramente. Confiamos nossa sorte a uma pessoa no outro lado do mundo, a quem nunca vimos, na crença de que ela seja honesta e confiável. Acreditamos que ocorrem acontecimentos com a aquiescência de outras pessoas. Acreditamos que uma vontade age sobre outra, e na verdade acontece uma multiplicidade de fenômenos que a Razão não consegue explicar.

Mas não devemos acreditar no que a Razão negue autoritariamente, no que o senso de direito recuse, no que seja absurdo ou contraditório, ou no que degrade o caráter da Divindade e que pudesse fazê-La vingativa, maligna, cruel ou injusta.

A Fé de uma pessoa pertence tanto a ela quanto sua Razão. Sua Liberdade consiste tanto na liberdade de sua fé quanto na incontrolabilidade de sua vontade pela força. Nenhum dos Sacerdotes e adivinhos de Roma ou da Grécia teve direito de pedir a Cícero ou a Sócrates que acreditassem na mitologia absurda do vulgar. Nenhum Imã do Islamismo tem o direito de pedir a um Pagão que acredite que Gabriel ditou o Alcorão ao Profeta. Nenhum dos Brâmanes que já viveram, se reunidos em um conclave como os Cardeais, receberiam o direito de compelir um único ser humano a crer na Cosmogonia Hindu. Nenhuma pessoa ou grupo podem ser infalíveis nem autorizados a decidir em que outras pessoas devem acreditar como doutrina de fé. A não ser para aqueles que a receberam em primeira mão, toda religião e a verdade de todos os escritos inspirados dependem do testemunho humano e evidências internas e devem ser julgadas pela Razão e pelas analogias sábias da Fé. Cada pessoa deve, necessariamente, ter o direito de julgar a verdade da religião por si mesmo, porque nenhuma pessoa pode ter nenhum direito mais alto ou melhor do que outra que tenha informação e inteligência iguais.

Domiciano disse ser o Deus Soberano; e foram encontradas estátuas e imagens suas, em prata e em ouro, por todo o mundo conhecido. Reivindicou ser visto como o Deus de todas as pessoas; e, de acordo com Suetônio, começou sua carta assim: "***Nosso Senhor e Deus ordena que isso deve ser feito desta forma; e decretou formalmente que ninguém podia se dirigir a ele de outra maneira, fosse por escrito ou pela palavra da boca. Palfúrio Sura, o filósofo, que era seu principal delator, acusando os que se recusavam a reconhecer sua divindade, acreditasse quanto fosse em tal divindade, não tinha o direito de exigir que um único Cristão em Roma, ou nas províncias, fizesse o mesmo***".

A Razão está longe de ser o único guia, em moral ou na ciência política. O Amor, ou a bondade amorosa, deve manter como sua aliada a Razão para repudiar o fanatismo, a intolerância e a perseguição para os quais a moralidade demasiadamente ascética e princípios políticos extremos invariavelmente levam. Devemos também ter fé em nós mesmos, nos nossos companheiros e no povo; outrossim, seremos facilmente desencorajados pelos revezes e nosso ardor resfriado por obstáculos. Não devemos escutar apenas a Razão. A Força vem mais da Fé e do Amor, e é com a ajuda destes que a pessoa escala as mais elevadas alturas da moralidade, ou se torna Salvadora ou Redentora de um Povo. A Razão deve manter o elmo, mas a Fé e o Amor originam a força. São as asas da alma. O entusiasmo geralmente é irracional; e, sem ele e sem Amor ou Fé, não teria existido **RIENZI**, nem **TELL**, nem **SYDNEY**, e nenhum dos outros grandes patriotas cujos nomes são imortais. Se a Divindade tivesse sido simplesmente Todo-sábia e Todo-poderosa, nunca teria criado o Universo.

É o **GÊNIO** que consegue Poder; e seus primeiros-tenentes são a **FORÇA** e a **SABEDORIA**. O mais desregrado dos homens curva-se diante do líder que tem a capacidade de ver e a vontade de fazer. É o Gênio que governa com o Poder Divino, que desvenda, com seus conselheiros, os mistérios humanos escondidos, corta em pedaços, com suas palavras, os nós enormes e reconstrói, com sua espada, as ruínas desmoronadas. Ao seu relance caem os ídolos sem sentido, cujos altares antes estiveram em todos os lugares altos e em todas as cavernas sagradas. A desonestidade e a imbecilidade se inferiorizam diante dele. Seu simples Sim ou Não revoga os erros das eras e é ouvido pelas gerações futuras. Seu poder é imenso porque sua sabedoria é imensa. O Gênio é o Sol da esfera política. Força e Sabedoria, seus ministros, são os globos que levam sua luz para as trevas e respondem a ele com sua Verdade sólida e refletora.

O Desenvolvimento é simbolizado pelo uso do Malho e do Cinzel: o desenvolvimento das energias e do intelecto, do indivíduo e do povo. O Gênio pode transformar-se na liderança de uma nação ignorante, deseducada e sem energias; mas em um país livre o único modo de assegurar intelecto e gênio para os governantes é cultivando o intelecto dos que os elegem. Poucas vezes o mundo é governado pelos grandes espíritos, exceto depois de uma dissolução e do renascimento. Em períodos de transição e de convulsão, os Parlamentos Long, os Robespierres e Marats, e as semi-respeitabilidades do intelecto, mantém, muito freqüentemente, as rédeas de poder. Os Cromwells e Napoleões vêm depois. Depois de Marius, de Sulla e do retórico Cícero, **CÉSAR**. O grande intelecto muitas vezes é aguçado demais para o granito desta vida. Legisladores podem ser pessoas muito comuns, porque a legislação é um trabalho comum; é apenas a publicação final de um milhão de mentes.

O poder do pulso e da espada, comparado ao do espírito, é pobre e contemplativo. Para as terras, pode-se ter leis agrárias e repartição igual. Mas o intelecto de uma pessoa é apenas seu, recebido diretamente de Deus, um feudo inalienável. É a mais poderosa das armas nas mãos do paladino. Se o povo compreende a Força no sentido físico, quanto mais não a reverenciaria a Força intelectual! Pergunte a Hildebrand, a Luther ou a Loyola. Eles caem prostrados ante ela como diante de um ídolo.

A soberania da mente sobre a mente é a única conquista que vale a pena. A outra fere ambas e dissolve-se a uma brisa; rústica como é, a grande corda cede e finalmente se rompe. Mas isto parece insignificante comparado ao domínio do Criador. Não requer uma pessoa como Pedro o Eremita. Se o fluxo não for brilhante e forte, varrerá o coração do povo como uma maré de primavera. A fascinação está não apenas na palavra, mas no ato intelectual. É a homenagem ao Invisível. Este poder, amarrado com Amor, é a corrente de ouro colocada na nascente da Verdade, ou a corrente que amalgama as classes da humanidade.

A influência do ser humano é uma lei da natureza, por se constituir em uma grande propriedade, seja de terra ou do intelecto. Pode significar escravatura, uma deferência ao eminente julgamento humano. Espiritualmente, a sociedade se une como as esferas que volteiam no alto. O país livre no qual o intelecto e o gênio governam, durará. Quando o intelecto e o gênio obedecem e as outras influências governam, a vida nacional é curta. Todas as nações que tentaram se governar pelos seus menores, pelos incapazes ou meramente regulares, terminaram em nada. Constituições e Leis, sem o Gênio e sem o Intelecto para governar, não evitarão a queda. Nesse caso elas estão carunchadas e suas vidas se esvaem gradualmente.

O único modo seguro de perpetuar a liberdade é estendendo à nação a concessão do Intelecto. Isto compelirá ao empenho e ao cuidado generoso por parte dos que ocupam cargos mais altos e à lealdade honorável e inteligente os mais abaixo. Assim, a vida política pública protegerá todas as pessoas da auto-degradação em buscas sensuais, de atos vulgares e voracidade vil, desenvolvendo a ambição nobre de um governo imperial justo. O grande labor no qual a Maçonaria deseja estender uma mão auxiliadora é na elevação do povo mediante o ensinamento de bondade amorosa e de sabedoria, com poder para o que ensina melhor; e assim desenvolver o Estado livre a partir da Pedra Bruta.

Todos nós devemos trabalhar na construção do grande monumento da nação, a Casa Sagrada do Templo. As virtudes cardeais não podem ser distribuídas entre as pessoas, tornando-as propriedade exclusiva de alguns, como as profissões. **TODOS** são aprendizes do Dever e da Honra.

A Maçonaria é uma marcha e uma batalha em direção à Luz. Para o indivíduo, assim como para a nação, Luz é Virtude, Humanismo, Inteligência e Liberdade. A tirania sobre a alma ou sobre o corpo é a escuridão. Os povos mais livres, assim como as pessoas mais livres, estão sempre correndo o perigo de reincidir na servidão. Guerras quase sempre são fatais às Repúblicas. Criam tiranos e consolidam seu poder. Emergem, na maioria das vezes, de conselhos daninhos. Quando os pequenos e os ignóbeis são encarregados do poder, a legislação e a administração tornam-se apenas séries paralelas de erros e asneiras, terminando em guerra e na necessidade de um tirano. Quando a nação sente seus pés escorregando para trás, como se andasse sobre o gelo, é chegado o momento de um esforço supremo. Os grandes tiranos do passado são meros modelos para os do futuro. Pessoas e nações sempre se venderão à escravidão para gratificar suas paixões e conseguir revanche.O pretexto do tirano, a necessidade, está sempre disponível e, uma vez o tirano no poder, sua necessidade de garantir sua própria segurança o faz selvagem. Religião é um poder e o tirano precisa controlá-lo.

Independentes, os santuários da religião podem se rebelar. Então passa a ser ilegal adorar a Deus ao modo de cada um e os velhos despotismos espirituais revivem. As pessoas têm que crer como o Poder quer, ou então morrem; e, mesmo se crerem como querem, tudo o que têm, terras, casas, corpo e alma, estará carimbado com a marca real. "***Eu sou o Estado***", disse Luís XIV aos seus camponeses; "***até as camisas em suas costas são minhas e eu posso tirá-las, se quiser***".

E dinastias estabelecidas assim duram, como a de César de Roma, a dos Césares de Constantinopla, a dos Stuarts, a dos espanhóis, a dos Goths, a dos Valois, até que a raça se desgaste e termine em lunáticos e idiotas que ainda governam. Entre eles não existe concórdia que dê fim à horrível servidão. O Estado rui, assim como dos golpes estranhos dos elementos incoerentes. As furiosas paixões humanas, a sonolenta indolência humana, a parva ignorância humana, a rivalidade de castas humanas, são tão úteis para os reis como as espadas para os Paladinos. Os adoradores têm-se submetido há tanto tempo ao velho ídolo que não podem sair às ruas e escolher um novo Grande Lama. E assim o Estado estéril flutua na corrente lamacenta do Tempo até que a tempestade e a maré percebem que o verme consumiu sua força e o Estado desmorona para o esquecimento.

Liberdade civil e religiosa devem andar de mãos dadas; e a Opressão amadurece a ambas. Um povo satisfeito com os pensamentos criados para ele pelos sacerdotes de uma igreja estarão satisfeitos com a Realeza por Direito Divino, – a Igreja e o Trono sustentando-se mutuamente. Irão aplainar o cisma, a infidelidade e a indiferença; e, enquanto a batalha por liberdade se desenrola ao seu redor, ele simples e apaticamente afundará na servidão e num transe profundo, talvez com a interrupção ocasional de furiosos frenesis seguidos de exaustão desamparada.

Não é difícil acontecer despotismo em qualquer terra que, desde sua infância, conheceu apenas um mestre; mas não existe nada mais difícil de se conseguir do que aperfeiçoar e perpetuar o livre governo do povo por si mesmo, pois não será necessário um rei: todos devem ser reis. É fácil entronar Masaniello, e em poucos dias ele cairá mais baixo do que estava antes. Mas um governo livre cresce lentamente, como as faculdades humanas individuais; e, como as árvores das florestas, desde o âmago até a casca. A Liberdade não é apenas o direito natural de todos, mas é perdida tanto por alguém que não a usa quanto por alguém que a usa de forma errada. Depende mais do esforço universal do que de qualquer outra propriedade humana. Ela não tem nenhum santuário ou nascente sagrada para onde a nação peregrine, pois suas águas brotarão livremente de todo o solo.

O poder popular livre é um dos que somente são conhecidos em sua força no momento da adversidade, pois todas as suas provas, sacrifícios e expectativas são suas próprias. É treinado para pensar por si mesmo e agir por si mesmo. Quando o povo escravizado se prostra na poeira ante o furacão, como animais do campo assustados, o povo livre o enfrenta de pé, com toda a força da união, em auto-determinação, confiança mútua, com insolência, contra tudo menos contra a mão visível de Deus. Não é derrubado pela calamidade nem ensoberbecido pelo sucesso.

Este vasto poder da persistência, da ancestralidade, da paciência e do desempenho somente é adquirido pelo exercício contínuo de todas as funções, como o saudável vigor físico humano, como o vigor moral individual.

E a máxima é tão velha quanto verdadeira: ***o preço da liberdade é a eterna vigilância***. É curioso observar o pretexto universal pelos quais os tiranos de todos os tempos tomam as liberdades nacionais. Está escrito nos estatutos de Eduardo II que os juízes e os xerifes não mais poderiam ser eleitos pelo povo, por causa das manifestações e dissensões que aconteceriam. O mesmo motivo foi dado muito antes para a supressão da eleição popular dos bispos; e existe uma testemunha desses tempos falsos e ainda mais antigos, quando Roma perdeu sua liberdade e seus cidadãos indignados declararam que liberdade tumultuada era melhor do que tranqüilidade em desgraça.

Com o Compasso e a Régua podemos traçar todas as figuras usadas na matemática dos planos, que chamamos de **GEOMETRIA** e **TRIGONOMETRIA**, duas palavras que, por si apenas, são deficientes de significado. **GEOMETRIA**, que na maioria das Lojas é dito ser o significado da letra **G.·.**, significa medição de terra ou da Terra – ou Agrimensura; e **TRIGONOMETRIA**, a medição de triângulos, ou figuras de três lados ou ângulos. Este último o nome é de longe mais apropriado para a ciência que visa expressar a palavra “Geometria”. Nenhum desses nomes tem um significado suficientemente amplo, pois, apesar das enormes medições de grandes espaços da superfície da terra e das costas terrestres que são evitadas por marinheiros por medo de naufrágios e calamidades, são realizadas através de triangulação; e era pelo mesmo método que os astrônomos franceses mediram um grau de latitude e assim estabeleceram uma escala de medidas em base imutável; porém, é por meio do imenso triângulo que tem como base uma linha desenhada na imaginação entre a posição da terra no espaço, agora, e seu lugar há seis meses atrás, e por ápice um planeta ou estrela, que foi calculada a distância de Júpiter e Sírius à Terra; e ainda existe um triângulo ainda maior, sua base se afastando de nós em ambas as direções, para depois do horizonte para a imensidão, e seu ápice indefinidamente distante, acima de nós, ao qual corresponde um triângulo infinito semelhante abaixo – o que está acima é igual ao que está em baixo, imensidade igual a imensidade; – e a Ciência dos Números, à qual Pitágoras deu tamanha importância e cujos mistérios podem ser encontrados em todo lugar nas religiões antigas, e mais ainda na Cabala e na Bíblia, não é suficientemente expresso nem pela palavra “Geometria” nem pela palavra “Trigonometria”. Pois aquela ciência inclui estas, juntamente com a Aritmética, também com a Álgebra, Logaritmos e Cálculo Diferencial e Integral; e por meio dela são tratados os grandes problemas da Astronomia ou as Leis dos Astros.

A Virtude é mais do que bravura heróica fazer da coisa pensada uma realidade, apesar de todos os inimigos de carne e osso ou de espírito, apesar de todas as tentações ou ameaças. As pessoas são responsáveis pela correção de sua doutrina, mas não pela sua legalidade. Um entusiasmo devotado é mais fácil do que uma boa ação. O fim do pensamento é ação; o único propósito da Religião é uma Ética. Em ciência política, a teoria é inútil, exceto se tiver como fim ser, na prática, transformada em realidade.

Em todos os credos, tanto religiosos, políticos e na alma das pessoas, existem duas regiões, a Dialética e a Ética; acontece uma perfeita harmonia somente quando as duas estão perfeitamente misturadas.

Existem pessoas que, dialeticamente, são Cristãs, tal como existe um sem-número de homens que, dialeticamente, são Maçons, porém eticamente infiéis, pois são eticamente Profanos, no sentido estrito: crentes intelectuais, mas ateus na pratica; pessoas que escreveriam “Evidências”, em perfeita sintonia com suas lógicas, mas não são capazes de efetivamente seguir a doutrina Católica ou Maçônica, devido à força ou fraqueza da carne. Por outro lado, existem muitos céticos dialéticos, mas eticamente crentes, como existem muitos Maçons que nunca passaram pela iniciação; e, como a ética é o fim e o propósito da religião, estes crentes éticos são os mais valiosos. Aquele que faz o certo é melhor do que o que pensa corretamente.

Mas você não deve agir com base na hipótese de que todas as pessoas cuja conduta não estiver alinhada com seus sentimentos são hipócritas. A inexistência de algum vício é mais raro, porque nenhuma tarefa é mais difícil do que a hipocrisia sistemática. Quando o Demagogo se torna um Usurpador, não se deduz que ele foi hipócrita todo o tempo. Pessoas de baixo nível não são bons juízes de outras.

A verdade é que o credo tem, em geral, influência muito pequena na conduta; na religião, sobre a do indivíduo; na política, sobre a do partido. Genericamente, o Maometano, no Oriente, é muito mais honesto e confiável do que o Cristão. Um Evangelho de Amor nos lábios é uma Manifestação de Perseguição no coração. Pessoas que acreditam em maldição eterna e num mar, literalmente, de fogo e enxofre, incorrem na certeza deles, de acordo com seu credo, à menor tentação de apetite ou paixão. A predestinação insiste na necessidade de bons trabalhos. Na Maçonaria, à menor manifestação da paixão, um falará mal do outro pelas costas; e estará tão longe da realidade da "Fraternidade" da Maçonaria Azul e, sendo atendidas as promessas solenes contidas no uso da palavra "Irmão", serão feitos esforços dolorosos para mostrar que a Maçonaria é uma espécie de abstração que despreza a interferência nos assuntos terrenos. A regra pode ser entendida como universal: se puder fazer uma escolha, um Maçom dará seu voto e sua influência, na política e nos negócios, ao profano menos qualificado em vez de a um Maçom melhor qualificado. A pessoa jurará opor-se a qualquer usurpação ilegal de poder, e então se tornará o instrumento pronto e ansioso de um usurpador. Outro chamará alguém de "Irmão" e em seguida fará o papel de Judas Escariotes, ou feri-lo-á como Joab feriu Abner, abaixo da quinta costela, com uma mentira cuja autoria não poderá ser identificada. A Maçonaria não modifica a natureza humana e não consegue transformar patifes em homens honestos.

Enquanto você ainda está envolvido na sua preparação e acumulando princípios para uso futuro, não se esqueça das palavras do Apóstolo Jaime: "***Pois se alguém for um ouvinte da palavra, e não um executor dela, ele será um homem que observa seu rosto no espelho, pois ele se observa, e se afasta, e imediatamente se esquece de que espécie de homem era; mas quem olhar para a lei perfeita da liberdade e continuar, não sendo um ouvinte esquecido, mas um realizador de trabalho, este homem será abençoado em seu trabalho. Se qualquer homem entre vós parecer religioso e não frear sua língua, mas iludir seu próprio coração, sua religião será em vão... Fé, sem trabalho, está morta e é uma abstração. Um homem é justificado por seu trabalho e não apenas por sua fé... Os demônios acreditam, – e tremem... Como o corpo sem o coração, está morto, assim está a fé sem o trabalho***".

Em ciência política, ademais, governos livres são construídos e constituições livres são moldadas sobre alguma teoria simples e inteligível. Qualquer que seja a teoria sobre a qual estejam baseados, nenhuma conclusão sólida pode ser alcançada, exceto se a teoria for executada sem recuo, assim na discussão de questões constitucionais como na prática. Recue, por timidez, da teoria verdadeira, ou desvie-se dela por causa da escassez de faculdade lógica, ou mesmo transgrida contra ela com a paixão ou com o pretexto de necessidade ou de urgência, e você terá negação ou invasão de direitos, leis que ofendem princípios primários, usurpação de poderes ilegais ou abnegação e abdicação de autoridade legítima.

Tampouco se esqueça de que, como o exibicionista, superficial, impudico e convencido será sempre preferido, mesmo na extrema tensão do perigo e na calamidade do Estado, às pessoas de profundos conhecimentos, amplo intelecto e tendências cristãs, pois ela estará mais próxima do nível comum, popular e legislativo e aí a verdade mais alta não é aceitável à massa da humanidade.

Quando perguntaram a **SÓLON** se ele havia dado aos seus patrícios as melhores leis, respondeu: "***As melhores que eles são capazes de receber***". Esta é uma das expressões mais profundas já proferidas e registradas; e, tal como todas as grandes verdades, tão simples que é raramente compreendida. Ela contém toda a filosofia da História. Expressa uma verdade que, se houvesse sido reconhecida, teria evitado às pessoas uma imensidade de disputas vãs e inúteis, e, no Passado, as teria levado por caminhos mais tranqüilos ao conhecimento. Significa que todas as verdades são Verdades de um Período, não verdades da eternidade; que qualquer grande fato que tenha tido força e vitalidade suficientes para fazer-se real, seja fato religioso, moral, governamental ou qualquer outro, e encontrar lugar neste mundo, foi uma verdade temporária, tão boa quanto nós, pessoas, seríamos capazes de receber.

Da mesma forma com grandes homens. O intelecto e a capacidade de um povo têm uma única medida – a dos grandes homens a quem a Providência os dá e de quem os recebe. Sempre houve pessoas grandiosas demais para seu tempo e para seu povo. Todo povo faz dessas pessoas seus ídolos, apenas na medida em que consegue compreendê-las.

Será sempre uma especulação vã e vazia impor a verdade ou a lei ideais a uma pessoa incapaz ou meramente real. As leis da harmonia a governam, assim como em relação às pessoas que são colocadas à testa do governo. Não sabemos ainda que qualificações as ovelhas esperam de um pastor. Com pessoas intelectualmente muito altas, a massa tem tanta afinidade quanto tem com os planetas. Quando **BURKE**, o estadista mais sábio que a Inglaterra já teve, ergueu-se para falar, a Casa dos Comuns esvaziou-se a um sinal combinado. Existe tão pouca afinidade entre a massa e as **VERDADES** mais elevadas. A verdade mais elevada, sendo incompreensível para as pessoas que vivem o dia-a-dia, tal qual uma pessoa mais elevada o é, – e sendo muito mais elevada do que elas – parecerá uma grande irrealidade e falsidade para uma pessoa não-intelectual. As doutrinas mais profundas da Cristandade e da Filosofia seriam meros jargões e falas ininteligíveis a um índio Pottawatomie.

As explicações populares dos símbolos da Maçonaria adequam-se à multidão que se aglomera nos Templos: chegam apenas até o máximo de sua capacidade. O Catolicismo foi uma verdade vital em épocas antigas, mas tornou-se obsoleto e o Protestantismo nasceu, floresceu e se deteriorou. As doutrinas de **ZOROASTRO** foram as melhores que os antigos Persas estavam em condições de receber; as de **CONFÚCIO** se adequaram aos Chineses; as de **MAOMÉ** para os Árabes, então idólatras. Cada qual foi uma Verdade para a época. Cada qual foi um **EVANGELHO**, pregado por um **REFORMADOR**; e, se algumas pessoas forem tão desafortunadas a ponto de satisfazerem-se apenas com elas, quando outras alcançaram uma verdade mais elevada, são desafortunadas, mas não culpadas. Merecem piedade, não perseguição.

Não pense ser fácil convencer as pessoas da verdade nem levá-las a pensar corretamente. O sutil intelecto humano é capaz de lançar sua neblina até sobre a visão mais clara. Lembre-se de que não é natural pedir-se unanimidade de um júri; mas é surpreendente pedi-la, a respeito de qualquer ponto de credo político, de um grande número de pessoas. Mal se consegue fazer com que duas pessoas de qualquer Congresso ou Convenção concordem; não: raramente se consegue fazer uma pessoa concordar com ela mesma. A igreja política que tenta ser suprema em todo lugar tem um número indefinido de idiomas. Então, como podemos esperar, das pessoas, que concordem quanto a um assunto fora do alcance de seus sentidos? Como então como podemos submeter o Infinito e o Invisível a qualquer algema da evidência? Pergunte às pequenas ondas do mar o que elas murmuram entre os pedregulhos!

Quantas daquelas palavras que vêm daquela praia invisível estarão perdidas, como os pássaros na longa migração? Quão em vão forçamos nossa vista através do longo infinito! Assim como as crianças, devemos nos contentar com as pedrinhas da praia, pois nos é proibido explorar profundidades ocultas.

O Companheiro é assim ensinado, principalmente para não se considerar sábio. Orgulho em teorias sem solidez é pior do que a ignorância. A Humildade faz um Maçom. Tome algum momento da vida, quieto e sóbrio, e some as duas idéias de Orgulho e Homem; e observe a criatura minúscula, andando arrogantemente através do espaço infinito, em toda a grandeza de sua pequenez! Empoleirada numa partícula do Universo; cada vento do Céu injeta em seu sangue a frieza da morte; sua alma vai-se de seu corpo, flutuando, como uma melodia sai da corda de um instrumento. Dia e noite, como poeira na roda, ele é jogado à deriva pelos céus através de um labirinto de mundos; e todas as criações de Deus fulguram por todos os lados, além do que até sua imaginação possa alcançar. Poderá esta pessoa fazer para si mesma uma coroa de glória, negar sua própria carne, zombar de seu semelhante, que saiu com ela daquela poeira, e para a qual ambas logo retornarão? Será que o homem orgulhoso não erra? Não sofre? Não morre? Quando raciocina, nunca é interrompido por dificuldades? Quando age, será que nunca sucumbe às tentações do prazer? Quando vive, estará livre da dor? Ou as doenças não clamam por ele? Quando morre, poderá escapar do túmulo igual ao dos demais? O orgulho não é herança humana. A Humildade deve dar ênfase à fragilidade e reparar a ignorância, o erro e a imperfeição.

Tampouco deve o Maçom ser ansioso demais por cargo ou honraria, mesmo que certamente possa sentir que tem capacidade de servir o seu Estado. Não deve buscar nem rejeitar honrarias. É bom apreciar as bênçãos da sorte; é melhor do que se submeter sem angústia pela perda dessas bênçãos. As maiores obras não são executadas sob o brilho da luz nem diante dos olhos da população. Aquele a quem Deus presenteou com amor pela privacidade tem um sentido adicional: e, entre os vastos e nobres cenários da natureza encontraremos o bálsamo para os ferimentos que recebemos das misericordiosas mudanças de política; pois nossa preferência pela solidão é o preservativo mais seguro dos males da vida.

Mas a Resignação é a mais nobre e, proporcionalmente, a menos passiva. Solidão é apenas um egoísmo mórbido se impedir esforços em prol das outras pessoas; somente é dignificante e nobre quando for a sombra de onde os oráculos ensinam a espécie humana; e retiro, nesta forma, é a única segregação que uma pessoa boa e sábia irá desejar ou ordenar. A mesma filosofia que faz com que tal pessoa busque o retiro a fará evitar, por inútil, ser ermitã. O **LORD BOLINGBROKE** teria parecido muito pouco louvável entre seus trabalhadores no feno e no arado se, entre seus trabalhadores, tivesse mirado com olhos indiferentes para um ministro devasso e um Parlamento venal. Pouco interesse teriam os trabalhadores os seus feijões e ervilhas se feijões e ervilhas tivessem-no feito esquecer que, se era mais feliz em uma fazenda, poderia ser mais útil em um Senado, e fazê-lo tomar, partindo da responsabilidade de administrador de propriedades, todos os cuidados para re-entrar na responsabilidade de legislador.

Lembre-se, também, de que existe uma educação que acelera o Intelecto e deixa o coração mais vazio ou mais pesado do que antes. Existem lições éticas nas leis dos corpos celestiais, nas propriedades, nos elementos terrestres, na geografia, química, geologia e em todas as ciências materiais. Coisas são símbolos de Verdades.

Propriedades são símbolos de Verdades. A ciência, se não ensinar verdades morais e espirituais, estará morta e seca, com um pouco mais de valor real do que enfileirar na memória uma longa lista de datas desconexas ou de nomes de besouros e borboletas.

Diz-se que a Cristandade começa por fazer as próprias pessoas queimarem os falsos deuses. A educação começa com a queima de nossos ídolos intelectuais ou morais: nossos preconceitos, noções, conceitos, nossos propósitos sem valor ou ignóbeis. É necessário nos livrarmos do amor pelas vantagens mundanas. Com a Liberdade vem a aspiração pela evolução humana. Nesta corrida, as pessoas estão continuamente caindo, levantando-se, correndo e caindo novamente. A ânsia por riqueza e o horror à pobreza cavam sulcos em muitas testas nobres. O jogador envelhece à medida que observa as chances. Perigos legítimos afastam a Juventude antes do tempo; e essa Juventude cobra pesadas multas sobre a Idade. As pessoas vivem, assim como as máquinas, sob alta pressão, cem anos em cem meses; e a lápide torna-se a Bíblia, e o diário se torna o Livro da Oração Matinal.

Como conseqüência, fraudes e práticas inescrupulosas, tráfico impiedoso no qual o capitalista compra lucros ao custo de vidas de trabalhadores, especuladores que cunham as agonias de uma nação em riqueza, e todas as outras engenhosidades diabólicas da Cobiça. Isto, juntamente com a ganância por cargos, são as duas colunas à entrada do Templo de Moloch. É difícil saber se a ganância por cargos, florescendo em falsidade, artimanhas e fraude, não seja mais perniciosa do que ganância financeira. São sempre gêmeas e se encaixam perfeitamente; e, quando qualquer uma das duas adquire controle sobre uma pessoa desafortunada, sua alma se perde, decai e, finalmente, morre. As almas de metade da raça humana deixam seus corpos muito antes de eles morrerem. As duas ganâncias são as pragas gêmeas da lepra moral e tornam as pessoas impuras; e, se elas se libertarem, espalhar-se-ão até "***cobrir toda a pele de quem tiver a praga, da cabeça aos pés***". Até a carne fresca do coração se torna impura.

Alexandre da Macedônia legou um ditado que sobreviveu às suas conquistas: "***Nada é mais nobre do que o trabalho***". O trabalho, por si só, consegue manter reis comuns respeitáveis. E, quando um rei é realmente um rei, lhe é uma tarefa honorável dar vigor às maneiras e à moral de uma nação; dar o exemplo de conduta virtuosa e restaurar o espírito as antigas escolas da cavalaria, nas quais a juventude possa ser educada para a verdadeira grandeza. Nas instituições mais monárquicas, o trabalho e o pagamento caminharão juntos nas mentes das pessoas. Precisamos sempre ter em mente a idéia de trabalho verdadeiro. O descanso após o trabalho será mais doce do que o descanso que segue o descanso.

Que nenhum Companheiro Maçom imagine que o trabalho dos menos favorecidos e menos influentes não tem valor. Não existe limite legal para as influências possíveis de uma boa ação, de uma palavra sábia ou de um esforço generoso. Nada é realmente pequeno. Quem estiver aberto à penetração profunda na natureza sabe disto. Apesar de que, entretanto, nenhuma satisfação absoluta possa ser concedida à filosofia, não mais na circunscrição da causa do que na limitação do efeito, a pessoa de raciocínio e contemplação cai em êxtases imperscrutáveis à vista de todas as decomposições das forças que resultam em unidade. Todos trabalham para todos. A destruição não é aniquilamento, mas regeneração.

A álgebra se aplica às nuvens; a radiação do sol é benéfica à rosa; nenhum pensador se atreveria a dizer que o perfume do cravo seja inútil às constelações. Quem, então, pode calcular o caminho de uma molécula? Como sabermos se as criações dos mundos não são determinadas pela queda de grãos de areia? Quem, então, compreenderá o fluxo e refluxo recíprocos do infinitamente grande e do infinitamente pequeno, o eco de causas nas profundidades do início e as avalanches da criação? Um verme é importante; o pequeno é grande; o grande é pequeno; tudo está necessariamente em equilíbrio. Existem relações maravilhosas entre os seres e as coisas; nesse Todo inexaurível desde o sol até as larvas não existe escárnio: todos precisam uns dos outros.

A luz não leva perfumes terrestres às profundezas do firmamento sem saber o que este fará com eles; a noite distribui as essências estelares às plantas adormecidas. Todo pássaro voador tem um fiapo do infinito em sua unha.

A germinação inclui o risco de um meteoro no céu e a batida do bico da andorinha ao quebrar o ovo; e faz acontecer o nascimento de uma minhoca e o advento de um Sócrates. O microscópio começa onde termina o telescópio. Qual dos dois nos dá uma visão mais grandiosa? Um punhado de terra é uma Plêiade de flores – uma nebulosa é um formigueiro de estrelas.

Existe a mesma e a ainda mais maravilhosa interpenetração entre as coisas do intelecto e as coisas da matéria. Elementos e princípios são misturados, combinados, casam-se, uns multiplicam-se pelos outros a ponto de trazerem o mundo material e o mundo moral à mesma luz. Os fenômenos perpetuamente voltam-se em torno de si mesmos. Nas enormes mudanças cósmicas a vida universal vem e se vai em quantidades desconhecidas, abarcando tudo no mistério invisível das emanações, sem perder nenhum sonho de sono algum, plantando um animálculo aqui, desintegrando uma estrela ali, oscilando e volvendo-se em curvas; fazendo da Luz uma força, e do Pensamento um elemento; disseminados e indivisíveis, ao dissolver tudo salvam aquele ponto sem comprimento, largura nem espessura, o **EU**; reduzindo tudo ao átomo-Alma; fazendo tudo florescer em **DEUS**; envolvendo todas as atividades, da mais alta à mais baixa, na obscuridade de um mecanismo desconcertante; mantendo o vôo de um inseto suspenso sobre o movimento da Terra; subordinando, talvez, apenas pela identidade da lei, as evoluções excêntricas do cometa no firmamento ao rodopio dos protozoários na gota de água. Um mecanismo formado de mente, o primeiro motor do que o mosquito é feito, e a última roda do zodíaco.

Um menino camponês, guiando Blücher pela estrada correta, pois a outra estava intransitável por causa da artilharia, permite que ele chegue a Waterloo em tempo de salvar Wellington de uma derrota que teria sido completa; e assim os reis conseguem aprisionar Napoleão em uma rocha estéril no meio do oceano. Um ferreiro irresponsável, com uma ferradura mal presa, faz de Napoleão um manco e assim, aos tropeços, termina a carreira desse cavaleiro conquistador do mundo e mudam os destinos de impérios. Um oficial generoso permite ao monarca aprisionado terminar sua partida de xadrez antes de levá-lo à prisão; e, enquanto isso, o usurpador morre e o prisioneiro reascende ao trono. Um trabalhador desajeitado conserta a bússola, ou a malícia ou a estupidez a desarranjam, o navio erra o curso, as ondas engolem um César, e um novo capítulo é escrito na história de um mundo.

O que chamamos de acidente não é nada mais do que a cadeia inquebrável de conexões indissolúveis entre todas as coisas criadas. O gafanhoto nascido nas areias da Arábia provoca fome no Oriente; o pequeno verme que, destruindo a cápsula de algodão, fecha as fábricas, levando à fome trabalhadores e seus filhos no Ocidente, provocando motins e massacres, são tão ministros de Deus quanto o terremoto; e o destino das nações depende mais deles do que do intelecto de seus reis e legisladores. Uma guerra civil na América terminará por fazer estremecer o mundo; e tal guerra pode ser causada pelo voto de algum caça-prêmios ignorante ou fanático enlouquecido em uma cidade ou em um Congresso, ou de algum parvo estúpido em uma paróquia obscura.

A eletricidade da simpatia universal, de ação e reação, permeiam tudo, os planetas e os corpúsculos sob os raios do sol. **FAUSTO** com seus exemplos, ou **LUTERO** com seus sermões, alcançaram resultados maiores do que Alexandre ou Aníbal. Às vezes um simples pensamento é suficiente para derrubar uma dinastia. Uma canção simplória fez mais por James II do que a absolvição dos Bispos. Voltaire, Condorcet e Rousseau proferiram palavras que ressoarão, em mudanças e em revoluções, através de todos os tempos.

Lembremo-nos de que, apesar de a vida ser curta, o Pensamento e a influência do que fazemos ou dizemos são imortais; e que, até hoje, nenhum cálculo conseguiu estabelecer a lei da relação entre causas e efeitos. O martelo de um ferreiro inglês, pondo prostrado um oficial insolente, levou a uma rebelião que chegou à beira de se tornar uma revolução.

A palavra bem dita, a ação bem feita, mesmo que seja pelo mais fraco ou humilde, mesmo que não ajudem, têm seu efeito. Seja maior ou menor, mas o efeito é inevitável e eterno. Os ecos dos maiores atos podem se desvanecer como os ecos de um grito por entre os rochedos, e o que tiver sido feito aparenta, para o julgamento humano, ter sido sem resultado. Um ato ínfimo do mais pobre dos homens pode incendiar o trem que vai à mina subterrânea, e um império ser despedaçado pela explosão.

O poder de um povo livre está, muitas vezes, à disposição de um único indivíduo sem importância; – um poder terrível e verdadeiro, pois um povo assim sente apenas com um coração e, portanto, consegue levantar sua miríade de armas para um único ataque. Novamente, não existe escala de medição para as influências de intelectos diferentes sobre a mente do povo. Pedro o Eremita não teve cargo e, ainda assim, que trabalho realizou!

Do ponto de vista político, existe apenas um princípio: a soberania da pessoa sobre ela mesma. Esta soberania de uma pessoa sobre ela mesma é chamada de **LIBERDADE**. Aonde duas ou muitas destas soberanias se associam começa o Estado. Mas não existe abdicação nesta associação. Cada soberania reparte uma certa porção de si mesma para formar o direito comum. Tal porção é a mesma para todos. Existe contribuição igual de todos para a soberania conjunta. Esta identidade de concessão que cada um de nós faz para todos é **IGUALDADE**. O direito comum não é nada mais e nada menos do que a proteção de todos, derramando seus raios em cada um. E a proteção a cada um, vinda de todos, é a **FRATERNIDADE**.

A Liberdade é o topo e a Igualdade é a base. A Igualdade não é toda a vegetação em um único nível, uma sociedade de hastes de grama e carvalhos atrofiados, um bairro de ciúmes, emasculado-se mutuamente. É civismo, todas as aptidões tendo oportunidades iguais; do ponto de vista político, todos os votos terem o mesmo peso; do ponto de vista religioso, todas as consciências terem os mesmos direitos.

A Igualdade tem um órgão: instrução gratuita e obrigatória. Devemos começar com o direito ao alfabeto. A escola primária ser obrigatória para todos; os cursos mais elevados à disposição de todos. Tal é a lei. É da mesma escola para todos que brota uma sociedade igualitária. Instrução! Luz! Tudo vem da Luz e para ela retorna.

Se quisermos ser sábios e fazer alguma coisa boa, devemos compreender os pensamentos das pessoas comuns. Devemos olhar para as pessoas, não pelo que a Sorte, com seus olhos cegos, lhes tenha dado, mas pelas dádivas que a Natureza lhes deu e pelo uso que as pessoas têm feito delas. Professamos sermos iguais em um Templo e na Loja: seremos iguais aos olhos de Deus quando Ele julgar a Terra. Devemos nos sentar juntos no chão aqui, em união e comunhão, durante os breves momentos que constituem a vida.

Um Governo Democrático sem dúvida tem seus defeitos, porque é formado e administrado por gente e não pelos Sábios Deuses. Não pode ser conciso e inescrupuloso como um governo despótico. Quando a ira do primeiro é despertada, ele desenvolve sua força latente e o rebelde mais resoluto estremece. Mas seu controle doméstico habitual é tolerante, paciente e indecisivo.

As pessoas são reunidas, primeiro para discordarem entre si e, em seguida, para concordarem. Afirmação, negação, discussão, solução: esta é a forma de se alcançar a verdade. Com freqüência, o inimigo estará aos portões antes que a arenga dos agitadores seja afogada no coro da aprovação. No cargo Legislativo, muitas vezes a deliberação impedirá uma decisão. A Liberdade pode bancar a tola como os tiranos.

A sociedade evoluída requer maior detalhamento nas leis; e os passos de todos os Estados em evolução estão, cada vez mais, baseados na escolha entre refugos antigos e materiais novos. A dificuldade está em se descobrir o caminho certo em meio ao caos de confusão. Em democracias, o ajuste de atos mutuamente certos e errados é mais difícil. Não conseguimos enxergar nem estimar a importância relativa dos objetos tão fácil e claramente olhando a partir da planície do que o faríamos a partir de um pico isolado elevando-se sobre a planície, pois cá em baixo olhamos através da neblina de cada um de nós.

A dependência abjeta em eleitores é, também, demasiadamente comum. É algo tão miserável quanto dependência abjeta em um ministro ou na favorita de um tirano. É raro encontrar-se uma pessoa que possa dizer, honesta, franca e simplesmente, a verdade que existe dentro de si, sem medo, favor ou afeição, seja para o Imperador quanto para o Povo.

Mais ainda, em reuniões de pessoas quase sempre falta a confiança recíproca, a não ser que haja coesão motivada por uma terrível pressão de uma calamidade ou de um perigo. Portanto, o poder construtivo de tais reuniões geralmente é deficiente. Os principais triunfos na Europa, nos dias atuais[3], têm sido no sentido de reduzir e destruir, não de construir. Mas repelir não é reformar. O tempo trará consigo o Restaurador e o Reconstrutor.

O discurso, também, tem sido mal utilizado nas Repúblicas; e, se o uso do discurso pode ser glorioso, seu mau uso é o mais vilão dos vícios. Platão diz que a Retórica é a arte de dirigir as mentes das pessoas. Mas, nas democracias, é muito comum esconder-se o pensamento em palavras, encobri-lo, dizer absurdos através de "conversa mole". Os reflexos e o brilho das bolas de sabão intelectuais são confundidos com os gloriosos arcos-íris dos gênios. As piritas sem valor são continuamente confundidas com ouro. O intelecto mediano condescende com o equilibrismo intelectual, que faz malabarismos com o pensamento tal como o malabarista equilibra objetos em seu queixo. Em todos os Congressos temos um fluxo incansável de "conversa mole" e de desonestidade clamorosa nas discussões partidárias, até que o divino poder do discurso, este privilégio do ser humano e grande dádiva de Deus, não passe de algazarra de papagaios ou mímica de macacos. O palestrante vazio, mesmo fluente, estará estéril de realizações no dia do julgamento.

Existem homens e mulheres falsos, todos peritos em esgrimir suas línguas: prodígios no discurso, miseráveis em obras. Excesso de conversa, tal como excesso de raciocínio, destrói o poder da ação. Na natureza humana, o pensamento só é perfeito se houver realização. O silêncio é a mãe de ambos. O trompetista não é o mais valente de todos. O que vence o dia de luta é o aço, não o latão. O grande realizador de grandes obras geralmente é lento e desleixado no discurso. Existem pessoas nascidas e criadas para trair. Sua mercadoria é o Patriotismo, seu capital o discurso. Mas nenhum espírito nobre pode suplicar como Paulo e ser falso para consigo mesmo como Judas.

Muito freqüentemente, embustes dominam em repúblicas; parecem nunca ter estado em minoria; seus guardiões se auto-nomeiam, e o iníquo prospera mais do que o justo. O déspota, assim como o rugir do leão noturno, abafa em uma única vez todo o clamor das vozes e o discurso, direito de nascença das pessoas livres, transforma-se em uma ninharia concedida aos escravizados.

É verdade que as repúblicas apenas ocasionalmente, quase que acidentalmente, selecionam seus mais sábios, ou até os menos incapazes entre os incapazes para governá-las e legislar por elas. Se o gênio, armado com erudição e conhecimento, agarrar as rédeas, o povo irá reverenciá-lo; se, com modéstia, oferecer-se para o cargo, será duramente atingido na face, mesmo se ele, em meio às dificuldades e agonias da calamidade, seja indispensável para a salvação do Estado. Coloque-o sobre a trilha com o exibicionista e superficial, o presunçoso, o ignorante e impudico, o malandro e charlatão, e o resultado não será dúbio nem por um momento. Os veredictos das Legislaturas e do Povo são como os veredictos dos júris – algumas vezes certos por acidente.

3 N. do T.: **Não nos esqueçamos de que o Autor escreveu estas palavras na segunda metade do século 19.**

Os cargos, é verdade, são despejados como as chuvas do Céu sobre os justos e sobre os injustos. Os profetas romanos que riam nos rostos uns dos outros à simplicidade do vulgar deliciavam-se com sua própria astúcia; mas não é necessário um profeta para liderar o povo para fora do caminho. Eles iludem-se prontamente. Deixe uma República iniciar-se de qualquer jeito, ela não sairá de sua insignificância antes que a imbecilidade seja promovida para altos cargos e a baixa ambição, trazendo-se à vista, invadirá todos os santuários.

Prevalecerá o partidarismo mais inescrupuloso, mesmo no que diz respeito a responsabilidades judiciais; e constantemente serão feitas as indicações mais injustas, apesar de que toda promoção incorreta, não apenas concede um favor imerecido, mas também faz cem bochechas honestas arderem por causa da injustiça.

O país é esfaqueado na testa quando aqueles que deveriam esquivar-se para corredor obscuro são trazidos para os assentos reluzentes. Todos os resquícios de Honra, mal seguros, são roubados do Tesouro do Mérito.

Ainda assim, a entrada para o serviço público, e sua promoção nele, afeta tanto os direitos individuais quando os da nação. A injustiça em conceder ou recusar um cargo deve ser tão intolerável nas comunidades democráticas que o menor traço dela deve ser como o cheiro da traição. Não é verdade universal que todos os cidadãos de personalidades iguais possam ter mesma pretensão de bater à porta de todo gabinete público e exigir ingresso. Quando qualquer pessoa se apresenta para serviço tem o direito, imediatamente, de aspirar ao cargo mais alto se for capaz de comprovar sua aptidão para tal começo, e que ela é mais apta do que as outras que se oferecem para a mesma posição.

Sua admissão no cargo só pode ser feita de forma justa através da porta do mérito. E, cada vez que alguém aspira e alcança tal posto elevado, especialmente se for por meios injustos, desonrosos e indecentes, se depois isto for descoberto, será sinal de que houve uma falha evidente, e esse alguém deve ser imediatamente deposto. Ele é o pior entre todos os inimigos públicos.

Quando uma pessoa se revela suficientemente, todas as outras se sentirão orgulhosas de lhe darem merecida primazia. Quando o poder de promoção é violentado nas grandes passagens da vida, seja pelo Judiciário, pelo Legislativo ou pelo Executivo, a decisão injusta recai imediatamente sobre quem julga. Não é apenas uma miopia grave, mas também intencional não se encontrar os que merecem. Se alguém observar profunda, longa e honestamente, não vai deixar de discernir o mérito, o gênio e as qualificações; e os olhos e a voz da Imprensa e do Público condenarão e denunciarão a injustiça onde quer que ela erga sua cabeça horrenda.

"**Ferramentas para os trabalhadores!**" Nenhum outro princípio salvará uma República da destruição, seja pela guerra civil ou pela deterioração. Ela tende a decair como um corpo humano, mesmo que façamos tudo para evitá-lo. Se as pessoas tentam a experiência de se auto-governar com base no que tiverem de menor, escorregam para o abismo inevitável com velocidade vertiginosa; e até hoje não existiu uma República que não tivesse seguido este curso fatal.

Porém, por mais palpáveis e graves que sejam os defeitos dos governos democráticos, e por mais inevitáveis e fatais que sejam os resultados, devemos apenas nos lembrar dos reinados de Tibério, de Nero e de Calígula, de Heliogábalo e de Caracalla, de Domiciano e de Commodus, para perceber que a diferença entre liberdade e despotismo é tão grande quando a que existe entre o Céu e o Inferno. A crueldade, a baixeza e insanidade dos tiranos são incríveis. Diga para aquele que reclama dos humores variáveis e da inconstância de um povo livre ler o personagem Pliny de Domiciano.

Se o grande homem em uma República não consegue gerenciar seu cargo sem descer a atos vis, à mendicância chorosa e ao uso cuidadoso de mentiras bajuladoras, aposente-o, usando uma caneta. Tácito e Juvenal não tiveram cargos. Deixemos a História e a Sátira punirem o embusteiro tal como elas crucificam o déspota. As vinganças do intelecto são terríveis e justas.

Deixemos a Maçonaria usar a caneta e a imprensa escrita, em um Estado livre, contra o Demagogo; no Despotismo, contra o Tirano. A História dá exemplos e nos encoraja. Toda a História, durante quatro mil anos, repleta de direitos violados e de sofrimento dos povos, em cada período da história traz consigo protesto tão grande quanto possível. Sob os Césares não houve insurreição, mas existiu Juvenal. O nascimento da indignação substituiu os Gracos. Sob os Césares há o exílio de Syene; também há o autor dos Anais. Como os Neros reinam de forma obscura, devem ser retratados da mesma maneira. O trabalho com o buril só podia ser fraco; nos entalhes, deveria ser introduzido um discurso concentrado que ferroa.

Os déspotas são uma ajuda para os pensadores. Um discurso acorrentado é um discurso terrível. O escritor duplica e triplica seu estilo quando o silêncio é imposto sobre o povo por um feitor. Desse silêncio brota certa sonoridade misteriosa que nos pensamentos filtra-se e se congela em metal. A compressão na história produz concisão no historiador. A solidez granítica de alguns discursos célebres é apenas uma condensação feita pelo Tirano. A Tirania restringe o escritor a reduções no diâmetro que são aumentos na potência. O período Ciceriano, mal suportando Verres, teria perdido sua sutileza com Calígula.

O Demagogo é o precursor do Déspota. Um brota da força geratriz do outro. Aquele que agrada subservientemente alguém que faz uso de algum cargo, trairá como Escariotes e experimentará uma derrota miserável e digna de pena. Deixemos o novo Junius chicotear tais pessoas como merecem, e a História as fará imortais na infâmia; pois suas influências culminam em ruína. A República que emprega e louva o ínfimo, o superficial, o baixo, "***quem se humilha perante as sobras de um cargo prometido***", ao final chora lágrimas de sangue por seu erro fatal. O fruto garantido de tal insensatez é a maldição. Deixemos a nobreza de cada grande coração, condensada em justiça e verdade, atingir essas criaturas como um raio! Se você não puder fazer mais, pelo menos pode condená-lo com seu voto e pô-lo no ostracismo com sua denúncia.

É verdade que, como os Czares são absolutos, eles têm em seu poder escolher os melhores para o serviço público. É verdade que o iniciador de uma dinastia geralmente age assim; e que quando monarquias estão em seu início, a ambição e a baixeza não prosperam nem acumulam poder como acontece nas Repúblicas. Não se tagarela no Parlamento de um Reino como no Congresso de uma Democracia. Os incapazes não passam suas vidas lá sem serem detectados.

Mas as dinastias decaem e se esvaziam. Finalmente, degeneram-se em imbecilidade; e os Membros dos Congressos, estúpidos ou frívolos, são no mínimo os pares intelectuais da vasta maioria dos reis. O grande homem, o Júlio César, o Carlos Magno, Cromwell, Napoleão, reina de direito. É o mais sábio e o mais forte. Os incapazes e imbecis que têm sucesso são usurpadores; e o medo os faz cruéis. Depois de Júlio veio Caracalla e Galba; depois de Carlos Magno, o lunático Carlos VI. E, assim, a dinastia Sarracena degenerou-se; os Capetos, os Stuarts, os Bourbons; estes últimos produziram Bomba, o macaco de Domiciano.

Como os tigres, o homem é cruel por natureza. O bárbaro, a ferramenta do tirano, e o fanático civilizado, apreciam os sofrimentos dos outros, como as crianças apreciam as contorções de moscas mutiladas. Poder absoluto, se temer pela segurança de sua manutenção, só pode ser cruel.

Quanto à habilidade, depois de algumas gerações, as dinastias invariavelmente deixam de ter alguma. Tornam-se meras fraudes, governadas por ministros, favoritas ou cortesãs, como aqueles velhos reis etruscos, dormitando por longas eras em suas vestes reais de ouro, dissolvendo-se para sempre ao primeiro hálito do dia.

Deixe aquele que reclama dos defeitos da democracia perguntar-se se ele preferiria uma Du Barry ou uma Pompadour, governando em nome de um Luís XV, um Calígula nomeando Cônsul a seu cavalo, um Domiciano, "aquele monstro mais selvagem" que algumas vezes bebeu do sangue de parentes, outras vezes empregando-se como matador com cidadãos mais destacados, à frente de cujos portões o medo e o terror estava de tocaia; um tirano de aspecto aterrorizante, orgulho em sua testa, fogo em seu olho, constantemente buscando a escuridão e o segredo, e emergindo de sua solidão para gerar solidão. Finalmente, em um governo livre, as Leis e a Constituição estão acima dos Incapazes, as Cortes corrigem suas leis, e a posteridade é o Grande Inquérito que as julga. O que é a exclusão de propriedade, de intelecto e de conhecimento do serviço civil comparada a julgamentos perante Jeffries, às torturas nas cavernas escuras da Inquisição, às carnificinas Alva na Holanda, à Noite de São Bartolomeu e aos Entardeceres Sicilianos?

Abbe Barruel, em suas Memórias para a História do Jacobinismo, declara que a Maçonaria na França deu, como seu segredo, as palavras Igualdade e Liberdade, deixando para cada pessoa honesta e religiosa explicá-las como melhor se adequar aos seus princípios; mas mantendo o privilégio de revelar o significado delas nos Graus superiores, tal como interpretadas pela Revolução Francesa. Ele também isenta os Maçons ingleses de seus anátemas, porque na Inglaterra um Maçom é um elemento pacificador das autoridades civis, não importando onde resida, não se envolvendo em nenhum complô ou conspiração mesmo contra o pior governo. A Inglaterra, diz ele, desgostosa com uma Igualdade e uma Liberdade cujas conseqüências ela sentira nas lutas de seus Lollards, Anabatistas e Presbiterianos, havia "*eximido sua Maçonaria*" de todas as explicações que tendessem a transtornar impérios; mas ainda permaneceram adeptos que, contrariando princípios, voltaram-se para os Antigos Mistérios.

Como a verdadeira Maçonaria, não emasculada, portou os estandartes da Liberdade e dos Direitos Humanos, e estava rebelada contra a tirania temporal e espiritual, suas Lojas foram proscritas em 1735 por um édito dos Estados, na Holanda. Em 1737, Luís XV as proibiu na França. Em 1738, o Para Clemente XII publicou contra elas sua famosa Bula de Excomunhão, que foi renovada por Benedito XIV; e, em 1743, o Conselho de Berna também as proscreveu. O título da Bula de Clemente é "***A Condenação da Sociedade de Reuniões de Liberi Muratori, ou dos Franco-Maçons, sob a penalidade de excomunhão ipso facto, cuja absolvição está reservada unicamente ao Papa, exceto no momento de morte***". E, dela, todos os bispos, superiores eclesiásticos e inquisidores obtiveram poderes para punir Maçons como "***veementemente suspeitos de heresia***" e requisitar, se necessário, a ajuda do braço secular, isto é, fazer a autoridade civil executá-los.

Além disso, teorias políticas falsas e abjetas terminam por brutalizar o Estado. Por exemplo, adotam a teoria de que cargos e empregos devem ser dados como prêmios por serviços prestados ao partido, e tornam-se a pilhagem e o espólio do partido, o saque da vitória da facção; e a lepra está na carne do Estado. O corpo da comunidade torna-se uma massa de corrupção, como uma carcaça viva putrefeita com sífilis. No final, todas as teorias doentias desenvolvem-se em uma ou outra enfermidade infame e repugnante do corpo político. O Estado, assim como as pessoas, devem envidar constantes esforços para se manterem nos Caminhos da virtude e humanismo. O hábito da propaganda eleitoral e da mendicância por cargos culmina em suborno com o cargo e em suborno no cargo.

Uma pessoa escolhida tem a confiança visível de Deus, tão abertamente como se tivesse sido registrada em tabelião. Uma nação não pode renunciar a ser testamenteira dos decretos Divinos. Nem a Maçonaria. Ela deve trabalhar para cumprir sua obrigação inteligente e sabiamente. Devemos nos lembrar de que em Estados livres, tal como nos despotismos, a Injustiça, esposa da Opressão, é fértil progenitora da Fraude, Desconfiança, Ódio, Conspiração, Traição e Deslealdade.

Mesmo investindo contra a Tirania, devemos ter a Verdade e a Razão como nossas principais armas. Devemos marchar para tal luta como os antigos Puritanos, ou para a batalha contra a corrupção que floresce no governo livre, com a espada flamejante em uma das mãos e os Oráculos de Deus na outra.

O cidadão que não consegue cumprir corretamente os menores propósitos da vida pública não tem capacidade de arcar com os maiores. O enorme poder da resistência, paciência e desempenho de um povo livre somente é adquirido pelo exercício contínuo de todas as funções, como o saudável vigor físico humano. Se os cidadãos, individualmente, não o tiverem, o Estado, da mesma forma, não o terá. Faz parte da essência de um governo livre que as pessoas devam não só preocupar-se em fazer as leis, mas também com sua execução. Ninguém mais pronto para obedecer e administrar a lei do que aquele que ajudou a fazê-la. A atividade de governo é executada para o benefício de todos, e cada parceiro deve aconselhar e cooperar.

Lembremo-nos também de que, como outra razão pela qual os Estados são arruinados, Estados livres sempre tendem a classificar os cidadãos em estratos, a criar castas, a perpetuar o *jus divinum* aos cargos em famílias. Quanto mais democrático o Estado, mais seguro o resultado. Isto porque, à medida que Estados livres crescem em poder, existe uma forte tendência para a centralização, não por má intenção deliberada, mas como curso de eventos e indolência da natureza humana. Os poderes do executivo se dilatam e crescem até alcançarem dimensões desordenadas; e o Executivo sempre é agressivo no que se refere à nação. Cargos de todo tipo são multiplicados para recompensar partidários; a força bruta do esgoto e das camadas inferiores da ralé obtém grande representação, primeiro nos cargos mais baixos, e finalmente nos Senados; e a Burocracia ergue sua cabeça careca, com sua barba de canetas, cercada com óculos e enfardada com cintas. A arte de Governar torna-se como que um Ofício e suas guildas tendem a se tornar exclusivas como as da Idade Média.

A ciência política pode ser muito aperfeiçoada como assunto de especulação, mas nunca deve estar divorciada da real necessidade nacional. A ciência de governar as pessoas deve sempre, acima de filosófica, ser prática. Não existe a mesma quantidade de verdade positiva ou universal como há nas ciências abstratas; o que é verdade em um país pode ser muito falso em outro; o que é falso hoje pode se tornar verdade em uma outra geração, e a verdade de hoje ser revertida, amanhã, pelo julgamento. Os fins apropriados da política são distinguir entre o casual e o duradouro, separar o inadequado do adequado e fazer todo o progresso possível. Mas, sem verdadeiro conhecimento e experiência, sem comunhão de labor, os sonhos dos doutores em política podem não ser melhores do que os dos doutores em divindade. O reinado de tal casta, com seus mistérios, com seus guerreiros e com influência corruptora, pode ser tão fatal quanto o dos déspotas. Trinta tiranos são trinta vezes piores do que um.

Mais ainda, existe uma forte tentação, para os governantes, de se tornarem tão indolentes e preguiçosos quanto o mais fraco dos reis absolutos. Dê-lhes apenas o poder para se livrarem, quando o capricho deles assim o quiser, das pessoas grandiosas e sábias, e elegerem os ínfimos e, para todo o resto, serão relapsos, indolentes e indiferentes.

O poder central, criação do povo organizado, mas astuto mesmo se não for esclarecido, é o eterno tribunal montado por ele para a reparação do que estiver errado e para a gerência da justiça. Logo se equipará com todas as ferramentas necessárias e estará pronto e apto para todas as forma de interferência. As pessoas podem ser crianças durante todas as suas vidas. O poder central pode não ser capaz de sugerir a melhor solução científica para um problema, mas terá as melhores formas de tornar as idéias realidade. O propósito a ser alcançado é amplo, requer ampla compreensão; é apropriado para a ação do poder central. Se for um objetivo pequeno, alcançá-lo pode ser impedido pelo desentendimento. O poder central deve se imiscuir como árbitro para prevenir essa possibilidade.

O povo pode ser muito avesso às mudanças, muito preguiçoso em seus próprios negócios, injusto para com uma minoria ou com a maioria. O poder central deve tomar as rédeas quando o povo as largar.

O governo da França tornou-se centralizado, mais pela apatia e ignorância de seu povo do que pela tirania de seus reis. Quando a vida paroquial mais íntima for entregue à guarda do Estado, e quando o conserto do campanário de uma igreja no interior só pode ser feito com uma ordem escrita do poder central, o povo está em decrepitude. E assim as pessoas são criadas na imbecilidade, desde o alvorecer da vida social. Quando o poder central alimenta parte da população, está preparando todos para a escravatura. Quando dirige os assuntos das paróquias e das cidades, as pessoas efetivamente já são escravas. O próximo passo será regulamentar o trabalho e sua remuneração.

Mesmo assim, sejam quais forem os desatinos que o povo possa cometer, inclusive a colocação de poderes de legislar nas mãos dos pouco competentes e menos honestos, a desesperança não é o resultado final. A **EXPERIÊNCIA**, professora terrível, escrevendo seus ensinamentos nos corações desolados pela calamidade e contorcidos pela agonia, com o tempo os fará mais sábios. Ambição, trejeitos e mendicância sórdida por votos um dia cessarão de fazer efeito. Ter FÉ e lutar contra as influências malévolas e contra os desencorajamentos! A FÉ é a Salvadora e a Redentora das nações. Quando a Cristandade se tornou fraca, sem resultados e sem poder, o Restaurador e Iconoclasta Árabe veio como um furacão purificador. Quando a batalha de Damasco estava perto de se iniciar, o bispo Cristão, logo ao amanhecer, em suas vestimentas e à frente de seu clero, com a Cruz tão triunfalmente erguida no ar, desceu aos portões da cidade e abriu, em frente ao exército, o Testamento de Cristo. O general Cristão **THOMAS** pôs sua mão sobre o livro e disse: “***Ó, Senhor! Se nossa fé for verdadeira, ajude-nos e não nos entregue nas mãos dos inimigos!***” Mas **KHALED**, “a espada de Deus”, que vinha marchando de vitória em vitória, exclamou para seus soldados cansados: “***Não deixem nenhum homem dormir! Haverá bastante descanso nos abrigos do Paraíso; doce será o repouso que nunca será seguido de trabalho!***” A fé dos Árabes havia se tornado mais forte do que a dos Cristãos e **KHALED** venceu.

A Espada também é, na Bíblia, um emblema da **PALAVRA**, ou da exteriorização do pensamento. Assim, na visão ou apocalipse do sublime exílio de Patmos, foi pronunciado um protesto em nome do ideal dominando o mundo real, uma sátira tremenda em nome da Religião e da Liberdade e, com suas reverberações causticantes golpeando o trono dos Césares, sai da boca da Imagem do Filho do Homem uma espada de duas lâminas afiadas, circundada por sete velas douradas, e tendo em sua mão direita sete estrelas. “***O Senhor***”, diz Isaías, “***fez minha boca como uma espada afiada***”. “***Eu os matei***”, diz Hosea, “***com as palavras de minha boca***”. “***As palavras de Deus***”, diz o escriba da carta apostólica aos Hebreus, “***é rápida e poderosa, mais afiada do que qualquer espada de duas lâminas, dissecando até à divisão entre a alma e o espírito***”. “***A espada do Espírito, que é a Palavra de Deus***” diz Paulo, ao escrever aos Cristãos em Efeso; “***Eu lutarei contra eles com a espada de minha boca***”, está dito no Apocalipse ao anjo da igreja, em Pérgamo.

O discurso oral pode encrespar-se com tanta força quando a grande onda da maré; mas, tal como a onda, finalmente morre fragilmente nas areias. É ouvido por poucos, lembrado por menos ainda e se dissipa como um eco nas montanhas, não deixando indício de poder. Não representa nada para as gerações atuais e futuras da humanidade. Foi o discurso humano escrito que deu poder e permanência ao pensamento humano. É esse que faz de toda a história humana nada mais do que uma vida individual.

Escrever na rocha é escrever em pergaminho sólido, mas requer uma peregrinação para que o que está escrito seja visto. Só existe uma cópia, e até esta o Tempo desgasta. Escrever em pergaminho ou em papiro era publicar uma edição tardia da qual apenas os ricos podiam obter uma cópia.

Os chineses estereotiparam não apenas a sabedoria imutável dos antigos instruídos, mas também os acontecimentos transitórios. O processo tendia a sufocar o pensamento e a obstruir o progresso, pois as mentes mais sábias também divagam e a Verdade escreve suas últimas palavras, não sobre blocos virgens de pedra ou barro, mas sobre nos rabiscos feitos e muitas vezes remendados pelo Erro.

A imprensa fez as letras móveis prolíficas. Desde então, o orador fala quase que visivelmente a todas as nações que o escutem; e o autor escreveu, como o Papa, em seus decretos ecumênicos ***Urbi et Orbi***, e ordenou que se os afixasse em todos os mercados, ou permanecendo, se ele quisesse, inacessível à vista humana. E desde então a condenação das tiranias está selada. A sátira e a crítica tornaram-se poderosas como exércitos. As mãos invisíveis dos Junius podem lançar os raios e fazer os ministros tremer. Um sussurro deste gigante enche a terra com tanta facilidade quanto Demóstenes encheu a Agora. Logo será ouvido pelos antípodas com tanta facilidade quanto do outro lado da rua. Viaja com o raio sob os oceanos. Faz da massa uma única pessoa, fala a ela na mesma linguagem comum e extrai uma resposta certa e única. A palavra se transforma em pensamento e imediatamente em ação. Uma nação se torna realmente una, com um grande coração e um pulso com batimento único.

As pessoas estão invisivelmente presentes para as outras como seres espirituais; e o pensador sentado em solidão nos Alpes, desconhecido ou esquecido por todo o mundo, em meio aos rebanhos e morros silenciosos, é capaz de lampejar suas palavras para todas as cidades e sobre todos os mares.

Escolha os pensadores para serem Legisladores e evite os tagarelas. A Sabedoria raramente é loquaz. Peso e profundidade de pensamento não favorecem a volubilidade. As pessoas pequenas e superficiais geralmente são volúveis e muitas vezes parecem eloqüentes. Mais palavras, menos pensamento – é a regra geral. A pessoa que se esforça para, em cada sentença, dizer algo que valha a pena nos lembrarmos se torna fastidiosa e se torna densa como Tácito. As pessoas vulgares adoram verbosidade difusa. A ornamentação que não cobre a força é a futilidade das palavras sem sentido.

E a sutileza dialética nem é valiosa para o homem público. A fé Cristã a tem e antigamente a teve mais do que hoje; uma sutileza que poderia ter embaraçado Platão, e que rivalizava de uma forma infrutífera com as lendas místicas dos Rabinos judeus e Sábios hindus. Não é isto o que converte os pagãos. É um esforço vão tentar equilibrar os grandes pensamentos da terra, como palhas ocas, sobre as pontas dos dedos da controvérsia. Não é o tipo de armamento que faz a Cruz triunfante nos corações dos descrentes, mas o verdadeiro poder que existe na Fé.

Portanto, existe uma escolástica política que é simplesmente inútil. A destreza da lógica engenhosa raramente impulsiona os corações das pessoas, nem as convence. O verdadeiro apóstolo da Liberdade, Fraternidade e Igualdade faz disto uma questão de vida ou morte. Seus combates são como os de Bossuet, combates até a morte. O verdadeiro fogo apostólico é como um relâmpago: cintila convicção para dentro da alma. A palavra verdadeira é uma espada de dois gumes. Assuntos de ciência governamental e política só podem ser tratados devidamente com razão sólida e com a lógica do senso comum: não o senso comum do ignorante, mas o dos sábios. Os pensadores mais argutos dificilmente conseguem ser líderes do povo. Um lema é mais poderoso com o povo do que a lógica, mesmo se esta for o menos metafísica possível. Quando surge um profeta político para incitar a nação dormente e estagnada e para sacudir ídolos estúpidos e baixos de seus assentos, suas palavras vêm diretamente da própria boca de Deus e trovejam para dentro da consciência. A verdadeira “Espada do Espírito” é mais penetrante do que a lâmina mais brilhante de Damasco. Tais pessoas governam uma terra, na força da justiça, com sabedoria e com poder. Além disso, as pessoas possuidoras de sutileza dialética freqüentemente governam bem, pois na prática esquecem suas teorias finamente tecidas e usam a lógica vigorosa do senso comum.

Mas, quando o grande coração e o amplo intelecto são deixados a enferrujar na vida privada, e advogados menores, ruidosos na política, aqueles que nas cidades seriam apenas ajudantes de notários ou praticantes em cortes sem reputação, são transformados em legisladores nacionais, o país está em sua decrepitude, mesmo que a barba nem tenha ainda nascido em seu queixo.

Em um país livre, o discurso humano deve precisar ser livre; e o Estado deve escutar os resmungos dos insensatos, a gritaria de seus simplórios, os zurros de seus ignorantes, da mesma forma que deve escutar os oráculos dourados de seus homens grandes e sábios. Mesmo os velhos reis déspotas permitiam que seus sábios bufões dissessem o que quisessem. O verdadeiro alquimista extrairá as lições de sabedoria das palavras sem sentido da insensatez. Escutará o que uma pessoa tem a dizer sobre um determinado assunto, mesmo se o que fala provar apenas ser o príncipe dos insensatos. Mesmo um insensato acerta no ponto, às vezes. Existe alguma verdade em todas as pessoas que não são compelidas a anular suas almas e dizer os pensamentos de outras. Até mesmo o dedo de um idiota pode apontar para a grande estrada.

O povo, tal como os sábios, deve aprender a esquecer. Se não aprender o que é novo nem esquecer o que é velho, está condenado, mesmo que tenha sido régio durante trinta gerações. Desaprender é aprender, e algumas vezes é também necessário reaprender o que foi esquecido. A bizarrice dos insensatos faz a insensatez atual mais palpável, à medida que os bons modos são caricaturados como se fossem um absurdo e levam à sua extinção.

O bufão e o bobo são úteis, nos seus devidos lugares. O artífice engenhoso, como Salomão, busca na terra seus materiais e transforma a matéria disforme em obra gloriosa. O mundo é conquistado mais pela cabeça do que pelas mãos. Uma assembléia não falará para sempre. Depois de algum tempo, quando os ouvintes tiverem escutado o bastante, silenciosamente põem o tonto, o pequeno e o superficial de lado, pensam e começam a trabalhar.

O pensamento humano, especialmente em assembléias populares, percorre os canais mais singularmente tortuosos, mais difíceis de localizar e seguir do que as correntes invisíveis do oceano. Nenhum conceito é tão absurdo que não encontre nele um lugar. O artesão-mestre deve dar forma a estas noções e imaginações com seu martelo de duas faces. Elas serpenteiam para fora do caminho dos que são empurrados pela espada; e sempre são invulneráveis à lógica, mesmo ameaçadas pelas esporas. O martelo, ou maço, o machado de guerra, a grande e ambidestra espada de duas lâminas, devem lidar com a insensatez; contra eles, um florete não é melhor do que uma varinha a não ser que seja o florete do ridículo.

A **ESPADA** também é o símbolo da guerra e do soldado. As guerras, assim como as tempestades de raios, são muitas vezes necessárias para purificar a atmosfera estagnada. A guerra não é um demônio sem remorso e sem recompensa. Restaura a fraternidade em letras de fogo. Quando as pessoas estão sentadas em seus lugares confortáveis, afundados em facilidades e indolência, com a ambição, a incapacidade e a pequenez usurpando todos os altos postos do Estado, a guerra é o batismo de sangue e fogo mediante o qual elas podem ser renovadas. É o furacão que traz o equilíbrio elemental, a concordância do Poder com a Sabedoria. Enquanto estes continuarem obstinadamente divorciados, a **ESPADA** continuará a castigar.

Na mútua atração das nações com Deus existe o reconhecimento de Sua força. Ilumina os faróis da Fé e da Esperança e aquece a fornalha ruinosa da derrota, o inextinguível senso de Dever, o excitante senso de Honra, o sacrifício solene incomensurável da devoção e o incenso do sucesso. Mesmo na chama e na fumaça da batalha, o Maçom descobre seu irmão e cumpre as sagradas obrigações de Fraternidade.

DOIS, ou a Dúada, é o símbolo do Antagonismo, do Bem e do Mal, Luz e Trevas. É Caim e Abel, Eva e Lilith, Jachin e Boaz, Ormuzd e Ahriman, Osíris e Typhon.

TRÊS, ou a Tríade, é mais significantemente expresso pelos triângulos eqüilátero e retângulo. Existem três cores ou raios principais no arco-íris que, por composição, formam sete. As três são o azul, o amarelo e o vermelho. A Trindade da Divindade, de uma forma ou outra, tem sido presente em todos os credos; Ela cria, preserva e destrói. É o poder gerador, a capacidade produtiva e o resultado. A pessoa imaterial, de acordo com a Cabala, é composta por vitalidade, ou vida, o sopro da vida; a alma, ou mente, e o espírito. O sal, o enxofre e o mercúrio são os grandes símbolos dos alquimistas. Para eles a pessoa é formada por corpo, alma e espírito.

O **QUATRO** é expresso pelo esquadro, figura de quatro lados e ângulos retos. Fora do Jardim simbólico do Éden fluía um rio dividido em quatro correntes: **PISON**, que corre em torno da terra do ouro, ou a Luz; **GIHON**, que corre em torno da terra da Etiópia, ou as Trevas; **HIDDEKEL**, fluindo para o leste, para a Assíria; e o **ÊUFRATES**. Zacarias viu quatro carruagens vindo de entre duas montanhas de bronze, na primeira das quais havia cavalos vermelhos; na segunda, negros; na terceira, brancos; e na quarta, cinzentos: "***e estes eram os quatro ventos dos céus, que avançam a partir do Senhor de toda a terra***". Ezequiel viu as quatro criaturas viventes, cada uma com quatro rostos e quatro asas, as faces de um homem, de um leão, de um boi e de uma águia; e as quatro rodas subindo em seus quatro lados; e São João observou as quatro bestas, cheias de olhos na frente e atrás: o **LEÃO**, o jovem **BOI**, o **HOMEM** e a **ÁGUIA** voadora.

Quatro era a marca da Terra. Portanto, no Salmo 148 daqueles que devem louvar o Senhor na terra, existem quatro vezes quatro, e quatro criaturas viventes em particular. A natureza visível é descrita como os quatro quadrantes do mundo e os quatro cantos da terra. "***Existem quatro***" diz o velho ditado Judeu "***que estão em primeiro lugar neste mundo: o homem entre as criaturas; a águia entre as aves; o boi entre o gado e o leão entre os animais selvagens***". Daniel viu quatro grandes bestas emergirem do mar.

CINCO é a Dúada adicionada à Tríade. É representado pela estrela de cinco pontas ou flamejante, o Pentalfa misterioso de Pitágoras. Está indissoluvelmente associado ao número sete. Cristo alimentou Seus discípulos e a multidão com cinco pães e dois peixes, e dos restos sobraram doze, isto é, cinco mais sete, cestas cheias. Os cinco astros aparentemente pequenos, Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter e Saturno, juntamente com os dois visualmente grandes, o Sol e a Lua, constituíam as sete esferas celestiais.

SETE era o número peculiarmente sagrado. Existiam sete planetas e esferas presididas por sete arcanjos. Existiam sete cores no arco-íris; e a Divindade Fenícia era chamada de **HEPTAKIS**, ou Deus dos Sete Raios; sete dias da semana; e sete e cinco perfaziam o número de meses tribos e apóstolos. Zacarias viu um candelabro com sete velas e sete tubos para as velas, com uma oliveira de cada lado. Pois ele diz que "***os sete olhos do Senhor se rejubilarão e verão o prumo na mão de Zorobabel***". João, no Apocalipse, escreve sete epístolas às sete igrejas. Nas sete epístolas existem doze promessas. O que é dito das igrejas em louvor ou queixa é completado no número três. O refrão "**aquele que tem orelhas para ouvir**", etc., tem dez palavras, divididas em três e sete, e os sete em três e quatro; e as sete epístolas estão também, assim divididas. Também nos selos, cornetas e frascos, nesta visão simbólica, o sete está dividido em quatro e três. Aquele que manda sua mensagem para Efeso "***segura as sete estrelas em sua mão direita e anda por entre sete luzes de ouro***".

Em seis dias, ou períodos, Deus criou o Universo e descansou no sétimo dia. Noé foi orientado a levar os animais castos em grupos de sete à arca; e as aves em grupos de sete; porque a chuva iria começar dentro de sete dias. No décimo sétimo dia do mês, a chuva começou; no décimo sétimo dia do sétimo mês, a arca pousou no Ararat.

Quando a pomba retornou, Noé esperou sete dias antes de enviá-la novamente; e mais sete até que ela voltasse com o ramo de oliveira. Enoque foi o sétimo patriarca, incluindo Adão, e Lameque viveu 777 anos.

Havia sete luzes no grande candelabro do Tabernáculo e do Templo, representando os sete astros. Sete vezes Moisés aspergiu o óleo consagrado sobre o altar. Foram sete os dias da consagração de Arão e seus filhos. Uma mulher era impura durante sete dias após o parto; uma pessoa leprosa era encarcerada durante sete dias; sete vezes borrifava-se o leproso com o sangue de uma ave morta; e durante sete dias essa pessoa deveria permanecer longe da teta de sua mãe. Sete vezes, para purificar a lepra, o sacerdote devia aspergir o óleo consagrado; e, para purificar a casa, esta deveria ser aspergida sete vezes com sangue da ave sacrificada. Sete vezes o sangue de um boi sacrificado era aspergido sobre o propiciatório; e sete vezes sobre o altar. O sétimo ano era um Sabbat de descanso; e ao cabo de sete vezes sete anos chegou o grande ano do jubileu. Durante sete dias o povo comeu pão sem fermento no mês de Abib. Sete semanas decorreram desde o primeiro momento em que se pôs a foice no trigo. A Festa do Tabernáculo durou sete dias.

Israel esteve na mão de Midian sete anos antes de Gideão os entregar. O boi sacrificado por ele tinha sete anos. Sansão disse para Dalila atá-lo com sete voltas; e ela teceu as sete mechas de sua cabeça e em seguida as cortou. Balaão disse para Barak construir sete altares para ele. Jacó serviu durante sete anos para conseguir Lea e sete para conseguir Raquel. Jó teve sete filhos e três filhas, perfazendo o total perfeito de dez. Também teve sete mil ovelhas e três mil camelos. Seus amigos sentaram-se com ele por sete dias e sete noites. Foi ordenado a seus amigos que sacrificassem sete bois e sete carneiros; e, novamente, ao final, ele teve sete filhos e três filhas, duas vezes sete mil ovelhas e viveu durante cento e quarenta, ou duas vezes sete vezes dez, anos.

Em seu sonho, o Faraó viu sete vacas gordas e sete vacas magras, sete anos bons e sete anos pobres em aveia; e houve sete anos fartos e sete anos de fome. Jericó caiu quando sete sacerdotes, com sete trombetas, circularam ao redor da cidade por sete dias sucessivos; uma vez por dia durante seis dias e sete vezes no sétimo. "***Os sete olhos do Senhor***" diz Zacarias "***foram e voltaram por toda a terra***". Salomão construiu o Templo em sete anos. Sete anjos, no Apocalipse, derramam sete pragas, de sete frascos de fúria. A besta escarlate na qual a mulher se senta no deserto tem sete cabeças e sete chifres. Também os tem a besta que se ergue do mar. Sete trovões se fazem ouvir. Sete anjos tocaram sete trombetas. Sete lâmpadas de fogo, os sete espíritos de Deus, queimaram ante o trono; e o Cordeiro que foi sacrificado tinha sete cornos e sete olhos.

OITO é o primeiro cubo de dois. **NOVE** é o quadrado de três e é representado pelo triângulo triplo.

DEZ inclui todos os outros números. Especialmente sete e três; e é chamado de número da perfeição. Pitágoras representou-o com a **TETRACTYS**, que tinha diversos significados místicos. Este símbolo é, algumas vezes, composto por pontos, outras vezes por vírgulas ou **YOD**s e, na Cabala, pelas letras do nome da Divindade. Está organizado assim:



Os patriarcas, desde Adão a Noé, são dez, o mesmo número dos Mandamentos.

DOZE é o número das linhas de comprimento igual que formam o cubo. É o número dos meses, das tribos e dos apóstolos; dos bois sob o Mar de Bronze, das pedras no peitoral do grande sacerdote.



O Mestre

Para compreender literalmente os símbolos e alegorias de livros orientais quanto a assuntos ante-históricos, é desejável que fechemos os olhos contra a Luz. Traduzir os símbolos para o trivial e para o lugar-comum é precipitação da mediocridade.

Toda expressão religiosa é simbolismo; como só conseguimos descrever o que podemos ver, os objetos da religião são **OS VISTOS**. Os instrumentos mais antigos da educação foram os símbolos; tanto eles quanto todas as outras formas diferiam e ainda diferem conforme circunstâncias e imagens, de acordo com diferenças de conhecimento e cultivo mental. Toda linguagem é simbólica, pois é aplicada a fenômenos e ações mentais e espirituais. Todas as palavras têm, primariamente, um sentido material; porém podem receber, dos ignorantes, um significado espiritual, distorcido. “Retroceder”, por exemplo, é recuar e, quando aplicado a uma afirmação, é simbólico, tal como seria a imagem de um braço sendo recolhido para expressar a mesma coisa. A própria palavra “**espírito**” significa “**respiração**”, do verbo latino ***spiro***, respirar.

Apresentar um símbolo visível aos olhos de outra pessoa não é necessariamente informá-la do significado que esse símbolo tem para você. Conseqüentemente, o filósofo adicionou aos símbolos explicações endereçadas ao ouvido, suscetível de maior precisão, mas menos efetivo e impressivo do que apenas formas pintadas ou esculpidas que ele queira explicar. A partir dessas explicações foi-se desenvolvendo uma variedade de narrativas, cujos verdadeiros objetivos e razões foram sendo paulatinamente esquecidos ou perdidos em contradições e incongruências. E, quando elas foram abandonadas e a Filosofia se valeu de definições e de fórmulas, sua linguagem não passou de um simbolismo mais complicado, tentando, no escuro, ser plausível e retratar idéias impossíveis de serem expressas. Pois tal o símbolo visível qual a palavra: apresentá-la a você não é o mesmo que informar o significado exato que tem para mim; e, assim, a religião e a filosofia se transformaram, em grande parte, em disputas quanto ao significado de palavras. A expressão mais abstrata de **DIVINDADE** que a linguagem pode fornecer nada mais é do que um sinal ou símbolo para um objeto além de nossa compreensão, não mais verdadeiro ou adequado do que imagens ou os nomes de **OSÍRIS** e **VISHNU**, exceto por ser menos sensual e ser menos explícito. Evitamos a sensualidade recorrendo apenas à simples negação. Ao final, definimos espírito dizendo que não é matéria. Espírito é – espírito.

Linguagem também é simbolismo, e palavras são tão mal compreendidas e mal utilizadas quanto os símbolos mais materiais.

O simbolismo tendeu, continuamente, a se tornar mais complicado; e todas as forças do Céu foram reproduzidas na terra, até que teceu-se uma teia de ficção e alegoria, parcialmente pela arte e parcialmente pela ignorância do erro que a capacidade do homem, com seus métodos de explicação limitados, nunca irá desemaranhar. Até o Teísmo Hebreu se envolveu em simbolismo e adoração de imagens, tomados emprestados, provavelmente, de um credo mais antigo e de regiões remotas da Ásia, – a adoração da Grande Natureza Semítica – o Deus **AL** ou **ELS** e suas representações simbólicas do Próprio **JEOVÁ** não foram restritas à linguagem poética ou ilustrativa. Os sacerdotes são monoteístas; o povo, idólatra.

Existem perigos inseparáveis do simbolismo e que proporcionam uma lição impressionante no que tange a riscos semelhantes no uso da linguagem. A imaginação, chamada para auxiliar a razão, usurpa seu lugar ou deixa sua aliada irremediavelmente emaranhada em sua teia. Nomes que representam coisas são confundidos com elas; os meios são confundidos com os fins; o instrumento de interpretação, com o objeto; e, assim, símbolos usurpam uma individualidade como se fossem verdades ou pessoas.

Apesar de serem um caminho necessário, talvez eles tenham sido um caminho perigoso para alcançar a Divindade, caminho no qual, diz **PLUTARCO**, “***ao confundir o símbolo com a coisa representada incorre-se em uma superstição ridícula; enquanto outros, ao evitar um extremo, precipitaram-se no golfo não menos perigoso da irreligião e da impiedade***”.

É através dos Mistérios, diz **CÍCERO**, que aprendemos os primeiros princípios da vida; a partir de onde o termo “iniciação” é usado justificadamente; e eles não só nos ensinam a viver mais felizes e agradavelmente, como também suavizam os sofrimentos da morte pela esperança de uma vida posterior melhor.

Os Mistérios eram um Drama Sagrado, exibindo alguma lenda significativa das mutações da natureza, do Universo visível no qual a Divindade é revelada e cuja importância era, de diversas formas, tão aberta ao Pagão quanto ao Cristão. A Natureza é o grande Professor do gênero humano, pois é a Revelação de Deus. Ela não dogmatiza nem tenta tiranizar compelindo a um determinado credo ou interpretação especial. Ela nos apresenta seus símbolos e não explica nada. É o texto sem o comentário; e, como bem o sabemos, é principalmente o comentário e a interpretação que levam ao erro e à heresia e à perseguição. Os primeiros instrutores da humanidade não só adotaram as lições da Natureza, como tanto quanto puderam seguiram seu método de comunicá-las. Nos Mistérios, além das atuais tradições ou recitais sacros e enigmáticos dos Templos, poucas explicações eram dadas aos espectadores que eram deixados, como na escola da natureza, a fazer suas próprias inferências. Nenhum outro método poderia ter-se adequado a cada degrau de cultura e capacidade. Empregar o simbolismo universal da natureza em vez das tecnicalidades da linguagem recompensa o mais humilde pesquisador e desvenda seus segredos a qualquer um proporcionalmente ao seu treinamento preparatório e à sua capacidade de compreendê-los. Se seus significados filosóficos estiverem acima da compreensão de alguns, seus significados morais e políticos estarão ao alcance de todos.

Apresentações e “performances” místicas não foram leituras de ensinamentos, mas a abertura de um problema. Requerendo pesquisa, foram calculadas para levantar o intelecto dormente. Não implicam em hostilidade à Filosofia, pois esta é a grande intérprete do simbolismo. A transformação de símbolo em dogma é fatal para a beleza da expressão e leva à intolerância e a uma presumida infalibilidade.

Se, ao ensinar a grande doutrina da natureza divina da alma e, ao tentar explicar seus desejos pela imortalidade e, ao provar sua superioridade em relação às almas dos animais, que não têm aspirações voltadas ao Céu, os antigos tivessem em vão tentado expressar a natureza da alma comparando-a ao **FOGO** e à **LUZ**, devemos avaliar se, com todo o nosso vangloriado conhecimento, temos alguma idéia melhor ou mais clara de sua natureza e se nós não temos desesperadamente nos refugiado concluindo não ter nenhuma. Se eles erraram quanto ao seu lugar original de domicílio e compreender literalmente a forma e o caminho de sua descida, estes foram apenas acessórios da grande Verdade e, provavelmente, aos Iniciados, mera alegoria projetada para fazer a idéia mais palpável e expressiva à mente.

Serão, no mínimo, não mais passíveis de escárnio pela presunção de uma vã ignorância, a riqueza de cujo conhecimento consiste somente de palavras, do que o peito de Abraão, como um lar para os espíritos dos que acabem de morrer; o redemoinho de fogo verdadeiro, para a tortura eterna dos espíritos; e a Cidade de Nova Jerusalém, com seus muros de jaspe e seus edifícios de puro ouro como espelho límpido, seus alicerces de pedras preciosas e seus portões, cada um feito de uma única pérola.

"***Eu conheci um homem***", diz **PAULO**, "***levado para o terceiro Céu;... que ele foi levado ao Paraíso e ouviu palavras inefáveis, impossíveis de terem sido proferidos por um ser humano***". E o antagonismo e conflito entre o espírito e o corpo, no qual se tem insistido mais freqüente e forçosamente do que no que foi escrito por este apóstolo a natureza Divina da alma mais fortemente afirmada, não estão em lugar algum. "***Com a mente***", diz ele, "***eu sirvo a lei do DEUS; mas com a carne, a lei do pecado... Todos os que seguem o Espírito de DEUS são os filhos de DEUS... A expectativa sincera das criaturas aguarda a manifestação dos filhos de DEUS... As criaturas serão levadas da servidão da corrupção, da carne sujeita a se decompor, para a gloriosa liberdade dos filhos de DEUS***".

Duas formas de governo são favoráveis à prevalência da falsidade e da fraude. Em um Despotismo, as pessoas são falsas traiçoeiras e enganadores através do medo, como escravos com medo do açoite. Em uma Democracia também o serão, como forma de conseguir popularidade e cargos e por causa de volúpia por riqueza. Provavelmente a experiência provará que esses vícios odiosos e detestáveis crescerão mais e se espalharão mais em uma República. Quando cargos e fortuna se tornam os deuses de um povo, e os mais indignos e desqualificados mais aspirarem aos cargos, e a fraude se torna uma estrada para a fortuna, a terra estará impregnada de falsidade e suará mentiras e tramóias. Quando os cargos estão abertos a todos, o mérito, a rigorosa integridade e a dignidade da honra imaculada os alcançarão apenas raramente e por acidente. Serem capazes de bem servir o país deixará de ser uma razão pela qual os grandes, os sábios e os cultos serão selecionados para prestar serviço. Outras qualificações, menos honrosas, estarão mais disponíveis. Adaptar nossa opinião à vontade popular; defender, perdoar e justificar as tolices populares; defender o conveniente e o plausível; afagar, lisonjear e bajular o eleitor; mendigar servilmente seu voto, por mais bárbaro que o eleitor seja; dizer-se amigo de um competidor e esfaqueá-lo com insinuações; divulgar o que no futuro se provará ter sido mentira; – quem já não viu estas artes e mecanismos baixos postos em prática, generalizando-se até que o sucesso não possa mais ser alcançado por meios honrados? – o resultado é um Estado governado e arruinado pela mediocridade ignorante e baixa, pela presunção atrevida, pelo verdor do intelecto imaturo, pela vaidade de um conhecimento superficial infantil.

Os infiéis e os falsos na vida pública e política serão infiéis e falsos na vida particular. O jóquei na política, assim como o jóquei na pista de corrida, é corrupto desde a pele até o âmago. Em todo lugar olhará sempre seus próprios interesses, e quem quer que dependa dele será perfurado com um bambu quebrado. Sua ambição é ignóbil como ele mesmo e, portanto, procurará conseguir o cargo por métodos ignóbeis, e da mesma forma procurará alcançar qualquer outro objetivo cobiçado – terras, dinheiro ou reputação.

Ao final, o cargo e a honra estão divorciados. A posição para a qual o pequeno e baixo, o patife ou o trapaceiro são considerados competentes para preencher passam a ser sem valor para os grandes e capazes; ou, se surgir uma competição, as armas que serão utilizadas não estarão à altura dos cavalheiros. E então, os hábitos dos advogados sem princípios, em cortes de justiça, são introduzidos em Senados, onde os velhacos passam a disputar, e se aposta o destino da nação e as vidas de milhões. Os Estados são até originados pela vilania e levados adiante pela fraude, e as velhacarias são justificadas pelos legisladores que afirmam ser honradas. E eleições disputadas são decididas por votos perjuros ou por razões partidárias; e todos os procedimentos dos piores tempos de corrupção são revividos e exagerados nas Repúblicas.

É estranho que a reverência pela verdade, aquela lealdade humana e genuína, o desprezo pela pequenez e pela vantagem obtida injustamente, a fé genuína e a bondade, possam diminuir entre os homens de estado e entre as pessoas à medida que a civilização avança, a liberdade se torna mais geral e o sufrágio universal implica em valor e capacitação universais! Na época de Elizabeth, sem o sufrágio universal, nem Sociedades para a Difusão do Conhecimento Útil, nem conferencistas populares, nem liceus, o homem de estado, o mercador, o cidadão, o marinheiro, todos eram igualmente heróicos, temendo unicamente a Deus e a nenhum homem.

Deixemos uma ou duas centenas de anos se passarem e, em uma Monarquia ou República da mesma raiz, nada será menos heróico do que o mercador, o especulador astuto, o buscador de cargos, que temem apenas os homens e não a Deus. A reverência pela grandeza se desvanece e é substituída pela baixa inveja da grandeza. Toda pessoa está no caminho de muitas outras, seja no caminho da popularidade ou da riqueza. Há um sentimento generalizado de satisfação quando um grande estadista é demitido; ou um general, que durante seu tempo tenha sido um ídolo popular, tenha a infelicidade de cair de seu alto posto. Passa a ser um infortúnio, se não um crime, estar acima do nível popular.

Naturalmente, deveríamos supor que uma nação em angústia deva aconselhar-se com o mais sábio de seus filhos. Porém, ao contrário, grandes homens parecem nunca ter sido tão poucos como quando são necessários, e os homens pequenos nunca tão atrevidos em insistir em infestar o lugar, como quando a mediocridade e a pretensão incompetente, a imaturidade estudantil e a incompetência exibicionista e esperta são mais perigosas. Quando a França estava no final da agonia revolucionária, estava sendo governada por uma assembléia de charlatães, e Robespierre, Marat e Couthon governavam no lugar de Mirabeau, Vergniaud e Carnot. A Inglaterra era governada pelos restos do Parlamento[4] depois de ter decapitado seu rei. Cromwell extinguiu uma monarquia e Napoleão a outra.

A fraude, a falsidade, a malandragem e a velhacaria nos assuntos nacionais são sinais de decadência nos Estados e precedem convulsões ou paralisia. A política das nações governadas pela baixa mediocridade é tiranizar os fracos e bajular os fortes. As artimanhas no escrutínio por cargos são repetidas nos Senados. O Executivo se torna o distribuidor de clientelismo, principalmente para os que menos valem; e as pessoas são subornadas com cargos em vês de dinheiro, para a grande ruína da Comunidade. Desaparece o Divino na natureza humana, e o interesse, a ganância e o egoísmo tomam seu lugar. É uma alegoria triste, mas verdadeira, a que representa os companheiros de Ulisses transformados em porcos pelo encantamento de Circe.

“***Não podes***”, disse o Grande Mestre, “***servir a Deus e ao dinheiro***”. Quando a sede de fortuna se torna generalizada, ela será procurada tanto honesta quanto desonestamente, por fraudes e embustes, pela desonestidade no comércio, pela crueldade da especulação gananciosa, pela especulação com as ações e com os bens, o que cedo desmoralizará toda a comunidade. As pessoas especularão com as necessidades de seus vizinhos e com a angústia de seu país. Bolhas que, arrebentando, empobrecerão multidões, serão arrebentadas por astuta desonestidade, com estúpida credulidade. Enormes bancarrotas que estremecem um país qual terremotos e são mais fatais; atos fraudulentos, subtração das economias dos pobres, expansões e colapsos da moeda, quebra de bancos, depreciação de papéis do governo, pilham as economias dos abnegados, desperdiçam o primeiro alimento da infância e a última areia da vida; lotam dos pátios dos asilos de loucos.

Mas o mais esperto e especulador prospera e engorda. Se seu país luta por sua existência contra um levante em massa, ele se aproveita, desvalorizando sua moeda para que possa acumular quantias fabulosas com pequeno investimento. Se seu vizinho está angustiado, ele compra sua propriedade em troca de uma canção. Se aquele administra uma herança, este a faz insolvente e os órfãos se tornam indigentes. Se o banco de sua propriedade quebra, descobre-se que ele se protegeu a tempo. A sociedade idolatra seus reis de papel-e-crédito como os hindus e egípcios adoravam seus ídolos inúteis, e freqüentemente mais obsequiosamente quando, em meio a uma riqueza sólida e generalizada, ela é a mais pobre. Quando as pessoas vêm os amigos de famílias arruinadas mendigando dos ricos mais espertos que dêem esmolas para evitar que vítimas órfãs passem fome até que encontrem meios de se sustentarem, não é de se estranhar que elas achem que deve existir um outro mundo no qual as injustiças possam ser reparadas.

4 N. do T.: Em inglês: **The Rump Parliament.**

Os Estados, sobretudo, são muito ávidos por comércio e por territórios. A avidez por territórios leva à violação de tratados, invasão de territórios de vizinhos frágeis e rapinagem das terras cobiçadas. As Repúblicas são, nisto, tão gananciosas e sem princípios quanto os Déspotas, nunca aprendendo com a história que a expansão desordenada pela rapina e pela fraude tem suas conseqüências inevitáveis no que tange a desmembramento ou subjugação. Quando uma República começa a saquear seus vizinhos, as palavras de condenação já estão escritas em seus muros. Há um julgamento já proferido por Deus sobre qualquer que seja injusto na condução dos assuntos nacionais. Quando a guerra civil rasga as entranhas de uma República, deixe-a olhar para trás e ver se ela não foi culpada de injustiças; e, se tiver sido, deixe-a humilhar-se no pó!

Quando uma nação se torna possuída de um espírito de ganância, além daqueles limites justos e legítimos estabelecidos pela devida observação de um grau de prosperidade geral e individual moderada e razoável, trata-se de uma nação possuída pelo demônio do comércio avaro, por uma paixão tão ignóbil e desmoralizadora como a avareza em um indivíduo; e como essa paixão sórdida é mais baixa e inescrupulosa do que a ambição, de tal forma que é mais odiosa e, finalmente, faz com que a nação seja vista como inimiga da raça humana. Abocanhar a parte do leão no comércio tem sempre sido, no final, a ruína de Estados, por que invariavelmente leva a injustiças que tornam um Estado detestável, a um egoísmo e a uma política tortuosa que impede outras nações de serem amigas de um Estado que se preocupa unicamente consigo mesmo.

A avareza comercial na Índia foi a mãe de mais atrocidades, de maior rapinagem e custou mais vidas humanas do que a ambição mais nobre de extensão do território da Roma Consular. A nação que abarca o comércio do mundo só pode tornar-se egoísta, calculista, morta para os impulsos e harmonia mais nobres que devem impulsionar Estados. Submeter-se-á a insultos que ferirão sua honra, mais do que colocar em perigo seus interesses comerciais com a guerra; enquanto que submeter-se a esses impulsos gerará uma guerra injusta, sob pretextos falsos ou frívolos, seu povo livre aliando-se alegremente a déspotas para esmagar um rival comercial que se atreveu a exilar seus reis e eleger seu próprio governante.

Assim os frios cálculos de um interesse próprio sórdido, em nações comercialmente avarentas, no final sempre deslocam os sentimentos e elevados impulsos de Honra e Generosidade com os quais alcançou a grandiosidade; que fez de Elizabeth e também de Cromwell os protetores dos Protestantes pelos dos quatro mares da Inglaterra contra a Tirania coroada e a Perseguição mitrada; e, se tivessem durado, teriam impedido alianças com Czares e Autocratas e Bourbons para re-entronizar as Tiranias da Incompetência, e armar a Inquisição novamente com seus instrumentos de tortura. A alma da nação avarenta se petrifica, como a alma da pessoa que faz do ouro seu deus. Ocasionalmente, o Déspota agirá por impulsos nobres e generosos e auxiliará os fracos contra os fortes, os certos contra os errados. Mas a avareza comercial é essencialmente egoísta, tomadora, infiel, enganadora, velhaca, mesquinha, egoísta e calculista, controlada unicamente por pensamentos de interesse próprio. Sem coração e sem misericórdia, não tem sentimentos de pena, solidariedade ou honra para fazer uma parada em sua carreira sem remorso; e ela esmaga tudo que seja obstáculo em seu caminho, tal como suas quilhas esmagam embaixo de si as ondas murmurantes e despercebidas.

Uma guerra por um grande princípio enobrece uma nação. Uma guerra por supremacia comercial, sob qualquer baixo pretexto, é desprezível e, mais do que qualquer outra coisa, nos mostra a que profundidades imensuráveis de baixeza as pessoas e as nações podem descer. Ganância comercial valoriza as vidas humanas como valoriza as vidas das formigas.

O comércio de escravos, para um povo escravizado por tal ganância, é visto como tão aceitável quanto o comércio de marfim ou de especiarias, se os lucros são grandes. Mais tarde, irá tentar se compor com Deus e aquietar sua consciência compelindo as pessoas para as quais vendeu os escravos que comprou ou roubou a libertá-los e ameaçando-as com hecatombes se elas se recusarem a obedecer aos éditos de sua filantropia.

Justiça sem sabedoria consiste em distribuirmos a outros a medida exata de recompensa ou punição que pensamos e decretamos que seu mérito, ou o que chamamos de seu crime, que freqüentemente é apenas um erro, merece. A justiça do pai não é incompatível com seu perdão dos erros de sua criança. A Infinita Justiça de Deus não consiste em distribuir medidas exatas de punição para as falhas e pecados humanos. Somos bastante aptos para erigir nossas pequenas e estreitas noções próprias do que seja certo e justo em lei da justiça e para insistir em que Deus as adotará como Sua lei; medir algo com nossa própria pequena trena e chamar essa medida de "**amor de Deus pela justiça**". Procuramos, continuamente, enobrecer nosso próprio amor ignóbil pela revanche e pela retaliação chamando-o falsamente de justiça.

Tampouco a justiça consiste estritamente em direcionar nossa conduta em direção a outras pessoas com as regras rígidas do direito legal. Se em algum lugar existisse uma comunidade na qual todos se baseassem na observância estrita dessa regra, deveria estar escritas sobre seus portões, como um aviso aos desafortunados desejosos de admissão a esse lugar inóspito, as palavras que **DANTE** diz estarem escritas no grande portão do Inferno: "***Deixai para trás, vós que entrais, toda esperança***". Não é justo pagar ao trabalhador no campo ou na fábrica ou escritório somente seu salário e nada mais, o valor mais baixo de mercado por seu trabalho, pois, ao mesmo tempo em que nós precisamos de seu trabalho, ele é capaz de trabalhar; por que, quando a doença ou a velhice o atingirem, seria deixá-lo e a sua família passar fome; e Deus castigará com calamidade o povo no qual os filhos do trabalhador desempregado possam comer apenas a grama do campo cozida, e mães sufoquem seus filhos para que elas possam comprar alimentos para si mesmas com a ninharia dada para as despesas do enterro. As regras do que é normalmente chamado de "**Justiça**" podem ser meticulosamente observadas nos espíritos caídos, que são a aristocracia do Inferno.

A Justiça, divorciada da solidariedade, é indiferença egoísta, não mais louvável do que isolação misantropa. Existe solidariedade até entre as *oscillatorias*, tribo de plantas que se parecem com fios de cabelo, multidões das quais podem ser descobertas, com a ajuda do microscópio, na menor partícula de espuma de uma piscina estagnada. Elas vão se colocar, como se tivessem combinado, em grupos separados, na lateral do recipiente onde estão, e parecem marchar para cima em linhas; e, se um grupo se cansa de sua situação e decide mudar de lugar, cada pelotão mantém-se em sua rota sem confusão e sem se misturar com os outros, avançando com grande regularidade e ordem, como se estivessem sob o comando de líderes conhecedores. As formigas e as abelhas trocam assistência mútua entre si, além do que seria necessário pelo que as criaturas humanas estão em condições de interpretar como a lei estrita da justiça.

Certamente precisamos refletir um pouco, convencermo-nos de que um indivíduo é apenas uma fração da unidade da sociedade, e que cada um está indissoluvelmente ligado ao restante de sua raça. Não somente as ações, mas a vontade e pensamentos de cada pessoa fazem ou arruínam sua sorte, controlam seus destinos, são para ela vida ou morte, honra ou desonra. As epidemias, físicas ou morais, contagiosas e infecciosas, opinião pública, decepções públicas, entusiasmos e os outros grandes fenômenos elétricos e as correntes morais e intelectuais, provam a solidariedade universal.

O voto de uma única pessoa, simples e obscura, a manifestação da autodeterminação, ignorância, vaidade, ou rancor, decidindo uma eleição e colocando a Insensatez ou a Torpeza em um Senado, envolve o país em guerra, varre nossos bens, massacra nossos filhos, torna inútil o trabalho de uma vida e leva, sem esperanças apesar da resistência de nosso intelecto, ao túmulo.

Estas considerações devem nos ensinar que a justiça para os outros e para nós mesmos é a mesma; que não podemos definir nossos deveres com regras matemáticas, com base no esquadro, mas devemos preencher com eles o grande círculo traçado pelos compassos; que o círculo do humanismo é o limite e nós somos apenas o ponto em seu centro, as gotas no grande Atlântico, o átomo ou partícula, mantidos juntos por uma lei de atração misteriosa que nos une em solidariedade a cada um dos outros átomos na massa; que o bem-estar físico e moral de outros não pode ser indiferente para nós; que temos um interesse direto e imediato na moralidade pública e inteligência popular, no bem-estar e conforto físico das pessoas como um todo. A ignorância das pessoas, sua pobreza e seu desamparo e conseqüente degradação, sua brutalização e desmoralização, são todos doenças; e nós não podemos nos erguer muito acima das pessoas, nem nos afastar delas o suficiente a ponto de conseguir escapar do contágio miasmático e das grandes correntes magnéticas.

A justiça é peculiarmente indispensável para as nações. O Estado injusto é condenado por Deus à calamidade e à ruína. Este é o ensinamento da Sabedoria Eterna e da história. "***A Honradez exalta uma nação; mas o errado é uma vergonha para as nações***". "***O Trono é mantido pela Honradez. Deixe os lábios do Governante pronunciarem a sentença que seja Divina; e sua boca não erre no julgamento!***" A nação que encampa província por província pela fraude e pela violência, que usurpa os fracos e saqueiam seus bens, viola seus tratados e a obrigação de seus contratos, e substitui a lei da honra e da lealdade pelas exigências gananciosas, pelos preceitos baixos de política e pelas doutrinas ignóbeis do oportunismo, está predestinada à destruição; pois aqui, assim como com o indivíduo, as conseqüências do errado são inevitáveis e eternas.

Está escrita uma sentença escrita por Deus contra tudo o que é injusto, na natureza das pessoas e na natureza do Universo, porque está na natureza do Deus Infinito. Nenhum mal será realmente bem sucedido. Ganhar injustamente é uma derrota; seu prazer, sofrimento. Muitas vezes a iniqüidade parece prosperar, mas seu sucesso é uma derrota e uma vergonha. Se suas conseqüências sobreviverem o autor, recairão sobre – e esmagarão – seus filhos. É uma verdade filosófica, física e moral, em forma de ameaça, que Deus pune a iniqüidade dos pais sobre os filhos, até a terceira e quarta gerações daqueles que violaram Suas leis. Depois de um longo tempo, o dia do ajuste de contas sempre vem, para a nação e para o indivíduo; e o patife se autoderrota, prova ser um fracasso.

A hipocrisia é a homenagem que o vício e o jogo sujo prestam à virtude e à justiça. É Satã tentando vestir-se com a veste angelical da luz. É igualmente detestável dos pontos de vista moral, político e religioso, na pessoa e na nação. Fazer justiça com a pretensão de fazer eqüidade e justeza; reprovar o vício em público e praticá-lo na vida particular; fingir opinião caridosa e condená-la nas atitudes; professar os princípios da beneficência Maçônica e tampar os ouvidos ao lamento da angústia e ao pranto dos que sofrem; elogiar a inteligência das pessoas e tramar iludi-la e traí-la usando sua ignorância e simplicidade; tagarelar sobre pureza e cometer peculato, sobre honra e abandonar uma causa difícil de forma vil, de boa vontade desinteressada e vender seu voto em troca de cargo e poder; são hipocrisias tão comuns quanto infames e geradoras de desgraça.

Roubar o uniforme da Corte de Deus para com ele servir o Demônio; fingir crer em um Deus de misericórdia e num redentor do amor, e perseguir os de fé diferente da sua; tomar casas de viúvas e, por fingimento, fazer longas orações; pregar moderação e chafurdar em luxúria; fingir humildade e ultrapassar Lúcifer em orgulho; pagar o dízimo e omitir as questões mais importantes da lei, julgamento, misericórdia e fé; ser excessivamente escrupuloso e aceitar o intolerável; manter limpo o exterior da xícara e do pires, mas mantê-los cheios de extorsão e excessos; por fora, parecer correto para as pessoas, mas internamente ser cheio de hipocrisia e iniqüidade; é realmente entrar em sepulcros caiados, que parecem belos por fora, mas por dentro estão repletos de ossos dos mortos e de todas as impurezas.

A República esconde sua ambição sob o disfarce do desejo e dever de "**estender a área de liberdade**" e defende ser seu "**destino manifesto**" anexar outras Repúblicas ou os Estados ou Províncias de outros aos seus, usando de violência aberta ou outros métodos obsoletos, vazios e fraudulentos. O Império fundado por um soldado vitorioso reclama suas fronteiras ancestrais ou naturais e faz da necessidade e de sua segurança os argumentos para o roubo escancarado. A grande Nação Mercante, pondo seus pés no Oriente, sente uma necessidade contínua de expandir seu domínio pelas armas e subjuga a Índia. As grandes Monarquias e Despotismos, sem um argumento, repartem entre si um Reino, a Polônia desmembrada, e preparam-se para disputar os domínios do Crescente. Manter o equilíbrio de poder é o argumento para a obliteração dos Estados. Cartago, Gênova e Veneza, cidades apenas comerciais, devem conseguir mais territórios pela força e pela fraude e tornam-se Estados. Alexandre marcha sobre os hindus; Tamerlane busca um império universal; os Sarracenos conquistam a Espanha e ameaçam Viena.

A sede de poder nunca é satisfeita. É insaciável. Os homens e as nações nunca têm poder suficiente. Quando Roma era a senhora do mundo, os Imperadores fizeram-se adorar como deuses. A Igreja de Roma exerceu despotismo sobre o espírito e sobre toda a vida, desde o berço até o túmulo. Deu e vendeu absolvições para pecados passados e futuros. Alegou ser infalível em assuntos de fé. Dizimou a Europa para limpá-la dos hereges.

Dizimou a América para converter os mexicanos e os peruanos. Deu e tomou tronos; e, pela excomunhão e interdito, cerrou os portões do Paraíso para Nações. A Espanha, orgulhosa de seu domínio sobre as Índias, empenhou-se em esmagar o Protestantismo na Holanda, enquanto Felipe II se casou com a Rainha da Inglaterra, e o casal tentou recuperar do trono Papal aquele reino para sua obediência. Depois de a Espanha ter tentado conquistar a Europa com sua armada "invencível", Napoleão colocou seus parentes e capitães em tronos e distribuiu entre eles metade do continente. O Czar governa um império maior do que o de Roma. A História de todos é – ou será – a mesma: conquista, desmembramento, ruína. Há um julgamento de Deus para tudo o que é injusto.

Tentar subjugar a vontade de outros e tornar suas almas cativas, porque este é o exercício do mais alto poder, parece ser o maior objetivo da ambição humana. Está na base de todo proselitismo e propaganda, desde Mesmer até a Igreja de Roma e a República Francesa. Este foi o apostolado semelhante de Josué e de Maomé. A Maçonaria prega a Tolerância, o direito das pessoas de permanecer com sua própria fé, o direito de todos os Estados governarem-se a si próprios. Ela reprova igualmente o monarca que tenta estender seus domínios pela conquista, a Igreja que reivindica o direito de reprimir a heresia pelo fogo e pelo aço, e a confederação de Estados que insistem em manter a união pela força e restaurando a fraternidade pelo massacre e pela subjugação.

É natural, quando somos injustiçados, querer revanche; e de nos convencer de que a queremos menos pela nossa satisfação do que para prevenir a repetição da injustiça à qual o vencedor seria encorajado pela imunidade associada com as vantagens dela. Submetermo-nos à trapaça é encorajar o trapaceiro a continuar; e nós somos bastante capazes de nos ver como os instrumentos escolhidos por Deus para infligir Sua vingança e, por Ele e em Seu lugar, desencorajar o injusto de colher o fruto da injustiça – e garantir que a punição é assegurada. A Vingança, diz-se, é "uma forma de justiça selvagem"; mas ela sempre é feita com rancor e, portanto, não é digna de uma alma grande, que não deve ter sua equanimidade ser perturbada em gratidão ou vilania. Os males feitos a nós pelas pessoas chãs são tão desmerecedoras dos sinais de nossa zanga quanto os males feitos pelos insetos e animais; e, quando esmagamos a cobra ou matamos o lobo ou a hiena, devemos fazê-lo sem sermos movidos pela zanga, e com menos sentimento de vingança do que ao arrancar uma erva daninha.

E, se não estiver na natureza humana não fazer represália através da punição, deixemos o Maçom considerar verdadeiramente que, em assim fazendo, ele é o agente de Deus e, portanto, que sua represália seja medida pela justiça e temperada pela misericórdia. A lei de Deus determina que as conseqüências da maldade, da crueldade e do crime sejam sua própria punição; e que os feridos, os injustiçados e os indignados são tão Seus instrumentos para aplicar tal lei quanto as doenças e a abominação, o veredicto da história e a execração da posteridade o são. Ninguém dirá que o Inquisidor que torturou e queimou o inocente; o espanhol que, com sua espada, esquartejou crianças indígenas vivas e deu os membros mutilados aos seus cães; o tirano militar que fuzilou pessoas sem julgamento; o desonesto que roubou ou traiu seu Estado; o banqueiro fraudador ou corrupto que levou órfãos à indigência; o servidor público que violou seu juramento; o juiz que vendeu injustiça; o legislador que permitiu que a Incapacidade arruinasse o Estado, não deveriam ser punidos. Devem, sim, ser: mas sempre com um alto sentimento, nunca como mera represália pessoal.

Lembremo-nos de que toda característica moral das pessoas encontra seu protótipo entre as criaturas de inteligência mais baixa; que a cruel maldade da hiena, a rapacidade selvagem do lobo, a ira impiedosa do tigre, a astuciosa deslealdade da pantera, são todas encontradas nos seres humanos e, quando encontradas, não devem provocar emoção diferente do que acontece quando as encontramos nos animais. Por que iria uma pessoa verdadeira zangar-se com os gansos que sibilam, com o pavão que se empertiga, com o burro que zurra e com os macacos que imitam e parolam, apesar de aparentarem forma humana? Sempre, também, é verdade que é mais nobre esquecer do que revidar; e que, em geral, devemos mais desprezar os que cometem alguma injustiça conosco do que sentir a emoção da raiva, ou o desejo de vngança.

Na esfera do Sol, estamos na região da **LUZ**.

A palavra hebraica que significa ouro, **ZAMAB**, também significa Luz, da qual o Sol é, para a Terra, a grande fonte. Portanto, na grande alegoria Oriental dos Hebreus, o Rio **PÍSON** circunda a terra do Ouro ou Luz; e o Rio **GIHON**, a terra da Etiópia, ou a Escuridão.

O que a Luz é, não sabemos mais do que nossos ancestrais. De acordo com as hipóteses modernas, não é composta de partículas luminosas emitidas pelo Sol com velocidade imensa; mas aquele astro imprime, no éter que preenche todo o espaço, um poderoso movimento vibratório, na forma de ondas luminosas, além dos planetas mais distantes, provendo-lhes luz e calor. Para os antigos, era uma vertente provinda da Divindade. Para nós, assim como para eles, é o símbolo adequado da verdade e do conhecimento. Também, para nós, a jornada ascendente do Sol através das Esferas é simbólica; mas somos tão mal informados quanto eles de onde vem nossa alma, onde ela teve sua origem, e para onde vai depois de nossa morte. Eles se esforçavam para ter alguma crença e fé, algum credo, nesses pontos. Hoje em dia, as pessoas estão satisfeitas em não ter opinião em relação a tudo aquilo, e apenas crer que a alma é algo separado do corpo e que sobrevive a ele; mas não se preocupam e nem se perguntam se ela existia antes dele.

Ninguém pergunta se ela emana da Divindade ou se é criada a partir do nada, ou se é gerada com o corpo, como emissão das almas do pai e da mãe. Não sorriamos, portanto, das idéias dos nossos ancestrais até que tenhamos uma crença melhor, e aceitemos seus símbolos como significando que a alma tem natureza Divina, originada em uma esfera mais próxima da Divindade e para lá retornando quando liberada de sua prisão corporal, e que só poderá retornar depois de purificada de toda sordidez e pecado que fizeram parte de sua substância, por sua conexão com o corpo.

Não é estranho que, milhares de anos atrás, as pessoas adoravam o Sol, e que hoje em dia essa adoração continua entre os persas tradicionais? Originalmente elas olhavam para além do globo para o Deus invisível, de quem a luz do Sol, visivelmente idêntica à geração e vida, era a manifestação e emanação. Muito antes dos pastores caldeus o verem sobre seus campos, já se levantava regularmente, como faz hoje, pela manhã, como um deus, e novamente se punha como um rei indo descansar, no oeste, para retornar no tempo devido com a mesma pompa de majestade.

Nós adoramos a Imutabilidade. Foi aquele caráter imperturbável, imutável do Sol que as pessoas de Baalbec adoravam. Seus poderes geradores de luz e de vida eram atributos secundários. A única grandiosa idéia que compelia à adoração era a característica de Deus que eles enxergavam refletida em sua luz, e imaginavam ver na sua originalidade a imutabilidade da Divindade. O Sol viu tronos ruírem, terremotos sacudirem a terra e arremessarem montanhas ao chão. Além do Olimpo, além dos Pilares de Hércules, ele foi diariamente à sua morada e voltou diariamente, novamente, para observar os templos que foram construídos para a sua adoração.

Personificaram-no como **BRAHMA**, **AMUN**, **OSÍRIS**, **BEL**, **ADÔNIS**, **MALKHART**, **MITHRAS** e **APOLO**; e as nações que o fizeram envelheceram e morreram. Cresceu musgo nos capitéis das grandes colunas de seus templos, e ele brilhou no musgo. Grão por grão, a poeira de seus templos ruiu e caiu, espalhou-se com o vento e, ainda assim, brilhou na coluna e na arquitrave que desmoronavam. A telhado caiu espatifando-se no chão, e ele brilhou no Santo dos Santos com raios imutáveis. Não estranha que as pessoas adoravam o Sol.

Não existe planta aquática em cujas largas folhas as gotas de água não rolem sem se unirem, como gotas de mercúrio. Os argumentos sobre assuntos de fé, de política ou religião rolam sobre a superfície da mente da mesma forma. Um argumento que convence uma mente não tem efeito sobre outra. Poucos intelectos, ou almas, que são as negações do intelecto, têm qualquer poder ou capacidade lógicos. Existe uma obliqüidade singular na mente humana que faz a falsa lógica mais efetiva do que a verdade, entre nove décimos daqueles que são vistos como pessoas de intelecto. Mesmo entre os juízes, nem dez por cento consegue argumentar logicamente. Cada mente enxerga a verdade distorcida pelo seu próprio meio. A verdade, para a maioria das pessoas, é como uma matéria no estado esferoidal. Como uma gota de água fria na superfície de uma lâmina de metal incandescente, dança, treme e gira, sem nunca chegar a ter contato com ela; e a mente, por ser mergulhada na verdade como a mão umedecida com ácido sulfúrico, pode estar sobre metal derretido, e nem mesmo ser levemente esquentada pela imersão.

A palavra **Khairiûm** ou Khûrûm é uma palavra composta. Gesênio traduz Khûrûm pela palavra ***nobres*** ou *nascidos-livres*: **Khfûr** significando branco, nobre. Também significa a abertura de uma janela, órbita ocular. **Khri** também significa branco, ou uma abertura; e Khris, o globo solar, em Jó viii, 13 e x. 7. **Krishna** é o Deus-Sol hindu. **Khûr**, palavra persa, é o nome literal do Sol.

De **Kûr** ou **Khûr**, o ***Sol***, em Khora, um nome do Baixo Egito. O Sol, diz Bryant em sua ***Mitologia***, era chamado de **Kur**; e Plutarco diz que os persas chamavam o Sol de **Kuros**. **Kurios**, ***Senhor***, em grego, como **Adonaï**. ***Senhor***, em fenício e hebraico, era aplicado ao Sol. Muitos lugares eram consagrados ao Sol e chamados de **Kura**, **Kuria**, **Kuropolis**, **Kurene**, **Kureschata**, **Kuresta**, e **Corusia** em Scythia.

A Divindade egípcia chamada pelos gregos de "rus" foi **Her-Ra**, ou **Har-oeris**, **Hor** ou **Has**, o ***Sol***. **Hari** é um nome hindu para o Sol. **Ari-al**, **Ar-es**, **Ar**, **Aryaman**, **Areimonios** e **Ax** singificando ***Fogo*** ou ***Chama***, são termos do mesmo gênero. **Hermes** ou **Har-mes** (**Aram**, **Remus**, **Haram**, **Harameias**), era **Kadmos**, a ***Luz Divina*** ou ***Sabedoria***. **Mar-kuri**, diz Movers, é ***Mar***, o ***Sol***.

Em hebraico, **AOOR** é ***Luz***, ***Fogo*** ou o ***Sol***. Ciro, disse Ctésias, recebeu esse nome provindo de Kuros, o Sol. Kuris, diz Hesychius, foi Adônis. Apolo, o deus-Sol, chamado de Kurraios, vindo de Kurra, uma cidade em Phocis. O povo de Kurene, originalmente etíope ou Cutita, adorava o Sol com o título de Achoor e Achõr.

Sabemos, através do testemunho preciso nos anais ancestrais de Tsûr, que a festividade principal de Mal-karth, a encarnação do Sol no Solstício de Inverno, celebrado em Tsûr, era chamada de renascimento ou seu despertar, e foi celebrada com uma pira sobre a qual supunha-se que o deus recuperaria, através da ajuda do fogo, uma nova vida. Esse festival ela celebrado no mês de Peritius (Barith), cujo segundo dia correspondia a 25 de dezembro. **KHUR-UM**, Rei de Tiro, diz Movers, fora o primeiro a celebrar esta cerimônia. Aprendemos estes fatos de Josefus, de Servius na Eneida e nos ***Dionisíacos*** de Nonnus; e através uma coincidência que não deve ser fortuita, o mesmo dia era em Roma o ***Dies Natalis Solis Invicti***, o dia festivo do invencível Sol. Sob esta denominação, **HÉRCULES**, **HER-acles** era adorado em Tsûr pelo aliado de Salomão, no solstício de inverno, pela pira de **MAL-KARTH**, o Heracles Tsûriano.

AROERIS ou **HAR-oeris**, o **HÓRUS** mais velho, é da mesma velha raiz que, em hebraico, tem a forma de **Aür** ou, com o artigo definido prefixado, **Haür**, ***Luz*** ou ***a Luz***, ***esplendor***, ***chama***, ***o Sol e seus raios***. O hieróglifo do jovem **HÓRUS** era o ponto dentro de um círculo; do mais velho, um par de olhos. E o festival do trigésimo dia do mês de Epiphi, quando se supunha que o sol e a lua estivessem alinhados com a terra, era chamado de "***O nascimento dos olhos de Hórus***".

Em um papiro publicado por Champolion, este deus é chamado de "***Har-oeri, Senhor dos Espíritos Solares, o olho benévolo do Sol***". Plutarco o chama de "**Har-pocrates**", mas não há registro da última parte do nome nas lendas hieroglíficas. Ele é o filho de Osíris e de Ísis, e é representado sentado em um trono sustentado por leões; a mesma palavra, em egípcio, significa Leão e Sol. Portanto, Salomão fez um grande trono em marfim, adornado com ouro, com seis degraus; em cada braço havia um leão, além de um de cada lado de cada degrau, perfazendo sete de cada lado.

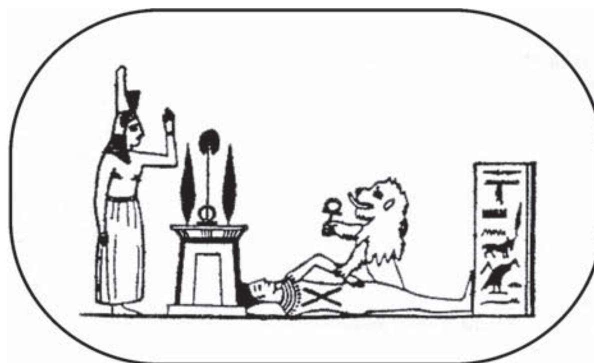
Novamente, a palavra hebraica y h, Khi, significa "**vivente**"; e s a r "**era**" ou "**será levantado**" ou "**erguido**". A última é a mesma, s w r, s w r a, s r h, rôôm, arôôm, harûm, ou Aram, Síria, ou Aramaeam, Terra-Alta. **Khairûm**, portanto, significaria "***erguido à vida***" ou "***vivente***".

Portanto, em arábico, **hrm**, uma raiz não usada, significava "***era alto***", "***feito grande***", "***exaltado***"; e **Hîrm** significava um boi, o símbolo do Sol em Touro, no Equinócio Vernal.

KHÛRÛM, portanto, impropriamente chamado de Hiram, é **KHUR-OM**, o mesmo que **Her-ra**, **Hermes** e **HER-acles**, o "***Heracles Tyrius Invictus***", a personificação da Luz e do Sol, o Mediador, Redentor e Salvador. Da palavra egípcia **Ra** veio a **Oûro** copta e a hebraica **Aür**, ***Luz***. **Har-oeri** é **Hor** ou **Har**, chefe ou mestre. **Hor** também é ***calor***; e **hora**, ***estação*** ou ***hora***; e, conseqüentemente, em diversos dialetos africanos, os nomes do Sol: Airo, Ayero, Eer, Uiro, Ghurrah e semelhantes. O nome majestático dado ao Faraó era **PIIRA**, isto é, **Pai-ra**, o ***Sol***.

A lenda da disputa entre Hor-ra e Set, ou Set-nu-bi, o mesmo que Bar ou Bal, é mais antigo do que a da luta entre Osíris e Typhon; tão antiga, pelo menos, quanto a décima-nona dinastia. É chamado, no Livro dos Mortos, de "***O dia da batalha entre Hórus e Set***". O segundo mito associa-se à Fenícia e à Síria. O corpo de **OSÍRIS** chegou à praia em Gebal ou Byblos, algo como 100 km acima de Tsûr. Não vamos deixar de perceber que no nome de cada um dos assassinos de Khûrûm encontramos o do deus do mal, Bal.

Har-oeri era o deus do **TEMPO**, assim como da Vida. A lenda egípcia conta que o Rei de Byblos derrubou a tamareira que continha o corpo de **OSÍRIS** e fez dela uma coluna para seu palácio. Ísis, como empregada do palácio, conseguiu a posse da coluna, retirou o corpo de dentro dela e o levou consigo. Apuleius a descreve como "***uma bonita mulher, sobre cujo pescoço divino seu cabelo longo e espesso pendia em graciosos anéis***"; e, na procissão, ajudantes mulheres, com pentes de marfim, pareciam pentear e ornamentar o cabelo real da deusa. A palmeira e a lâmpada com forma de barco apareceram na procissão. Se o símbolo do qual estamos falando não for uma mera invenção moderna, é a essas coisas que alude.



A figura das lendas também é confirmada por seu retrato hieroglífico, copiado de um antigo monumento egípcio, que também podemos interpretar como sendo a garra do Leão e o malhete do Mestre.

b a, A B, (as duas letras que representam os números **1** e **2**, ou Unidade e Dualidade), significa Pai, e é um substantivo primitivo, comum a todas as línguas semitas.

Também significa Ancestral, Origem, Inventor, Cabeça, Chefe ou Governante, Gerente, Supervisor, Mestre, Sacerdote, Profeta.

Quando está em construção, isto é, quando precede outra palavra e, em português, a preposição "de" está interposta, y b a é simplesmente Pai, como l a - y k a, Abi-Al, o Pai de Al.

Ademais, o final y **Yod** significa "meu"; assim, y k a, sozinho, significa "Meu pai". yka dywd, Davi meu pai, 2 Crôn ii3.

w (Vav) final é o pronome possessivo "seu"; e w y k a *Abiu* (que lemos Abif) significa "de meu pai". Seu significado integral, relacionado com o nome de Khûrûm, sem sombra de dúvida, é "antigamente um dos serviçais de meu pai".

O nome do artífice fenício é, em Samuel e em Reis, s r y h e s w r y h – [2 *Sam*. v. 11; 1 *Reis* v. 15; 1 *Reis* vii. 40]. Em Crônicas é s r w h, com a adição de y b a, [2 *Crôn*. ii 12]; e de w y b a [2 *Crôn*. iv. 16].

É totalmente absurdo adicionar a palavra "**Abif**" ou "**Abiff**" como parte do nome do artífice. E é quase tão absurdo adicionar o nome "**Abi**", que era um título e não parte do nome. José diz (*Gen*. xlv. 8): "***Deus me constituiu Ab l'Paraah, como Pai para Paraah***", i. é., Vizir ou Primeiro Ministro. Portanto Haman foi chamado de Segundo Pai de Artaxerxes; e, quando o Rei Khûrûm usou a frase "**Khûrûm Abi**", estava dizendo que o artífice que mandou a Schlomoh era o principal (ou chefe) artífice em sua linhagem em Tsûr.

Uma medalha copiada por Montfaucon mostra uma mulher ninando uma criança, com espigas de trigo em sua mão e a legenda (**Iao**). Ela está sentada em nuvens, uma estrela à sua cabeça e três espigas de trigo saindo de um altar, à sua frente.

HORUS era o mediador que foi enterrado por três dias, foi regenerado e triunfou sobre o princípio do mal.

A palavra **HERI**, em sânscrito, significa Pastor, assim como Salvador. **KRISHNA** é chamado de Heri, assim como **JESUS** se auto-denominou de Bom Pastor.

dwh, **Khûr**, significa uma ***abertura em uma janela***, em uma ***caverna*** ou em um ***olho***. Também significa ***branco***.

dh também significa uma ***abertura***, como também ***nobre***, ***nascido livre***, ***nascido nobre***.

mdh, **KHURM**, significa ***consagrado***, ***devotado*** É o nome de uma cidade (Jos. xix. 38) e de um homem (Ezr. ii. 32, x. 31; Neh. iii. 11].

jhyj, **Khirah**, significa ***nobreza***, uma ***raça nobre***.

Declara-se que Buda compreende em sua pessoa a essência do Trimurti Hindi e, daí, aplica-se o monossílabo de três letras ***Om*** ou ***Aum*** como sendo essencialmente o mesmo que Brahma-Vishnu-Siva. Ele é Hermes, Thoth, Taut e Teutates. Um de seus nomes é Heri-maya ou Hermaya, que é, evidentemente, o mesmo nome de Hermes e Khirm ou Khûrm. **Heri**, em sânscrito, significa ***Senhor***.

O Irmão conhecedor coloca, sobre os dois pilares simbólicos, da direita para a esquerda, as duas palavras why e lxb, **IHU** e **BAL**, representado em hieróglifos pos Amun-Ra, o Deus-Sol. Será uma coincidência acidental que no nome de cada um dos assassinos estão os nomes das Divindades hebraicas do Bem e do Mal; pois Yu-bel nada mais é do que Yehu-Bal ou Yeho-Ball e que as três sílabas finais dos nomes, **a**, **o**, **um**, fazem **A.·.U.·.M.·.**, a palavra sagrada dos hindus, significando Deus-Triuno, que dá, preserva e destrói a vida, representada pela letra mística **Y**?

A Acácia genuína, também, é a espinhosa tamareira, a mesma árvore que cresceu em torno do corpo de Osíris. Era uma planta sagrada para os árabes, que dela fizeram o ídolo Al-Uzza, que Maomé destruiu. É um arbusto abundante no Deserto de Thur, e dela foi feita a "coroa de espinhos" que foi colocada na fronte de Jesus de Nazaré. É um tipo de planta que era associada à imortalidade por causa de sua tenacidade em manter-se viva, pois era sabido que, quando colocada como batente de porta, criava raízes novamente e estirava ramos floridos sobre a soleira.

Cada comunidade deve ter seus períodos de experimentos e transição, especialmente se se envolver em guerra. É certo, em alguma época, que será totalmente governada por agitadores que apelam para todos os elementos mais lhanos da natureza popular; por corporações ricas; por aqueles que se enriqueceram com a desvalorização dos bônus ou dos papéis do governo; por pequenos advogados, intrigantes, agiotas, especuladores e aventureiros – uma oligarquia ignóbil, enriquecida pelas angústias do Estado e engordada nas misérias do povo. E então têm fim todas as visões enganosas de igualdade e de direitos das pessoas; e o Estado, injustiçado e saqueado, pode recuperar uma liberdade real, apenas passando através de "**grandes variedades de julgamento não experimentado**", purificado, em sua transmigração, pelo fogo e pelo sangue.

Em uma República, logo acontece que partidos se reúnem em torno dos pólos negativo e positivo de alguma opinião ou conceito, e que o espírito intolerante de uma maioria triunfante não permitirá desvio do padrão de ortodoxia que ela estabeleceu para si mesma. A liberdade de opinião será citada e fingida, mas todos a exercerão sob o risco de serem banidos da comunidade política juntamente com os que mantêm as rédeas e prescrevem a política a ser seguida. O servilismo ao partido e a subserviência aos caprichos populares andam de mãos dadas. Só acontece liberdade política em um estado fóssil e as opiniões das pessoas crescem além dos limitados atos que lhes foi permitido executar ou sancionar.

A bajulação de indivíduos ou de povos corrompe a ambos, emissor e receptor; e ela não tem mais utilidade para as pessoas do que para os reis. Um César, firmemente assentado no poder, importa-se menos com ela do que uma democracia livre; nem seu apetite por ela crescerá à exorbitância, tal como à que a de um povo crescerá, até que se torne insaciável. O efeito da liberdade é, para os indivíduos, que eles podem fazer o que bem entenderem; para um povo, não é muito diferente. Se sujeito à adulação, como esta é sempre interesseira e fundada em motivos baixos e vis, com propósitos maldosos, certamente tanto o indivíduo quanto o povo, ao fazer o que querem farão o que com honra e consciência não fariam. Nem se deve arriscar congratulações, que logo podem se tornar reclamações; e, como tanto indivíduos quanto povos são propensos a fazer mau uso do poder, bajulá-los, o que seria uma forma certa de desorientá-los, merece ser chamado de crime.

O primeiro princípio em uma República deve ser "***que nenhuma pessoa ou grupo tem direito a remuneração ou privilégios exclusivos ou agregados da comunidade, mas só em retribuição por serviços públicos prestados; como estes não são hereditários, tampouco o devem ser cargos de magistratura, de assembléia, ou de juiz***". É uma peça de Verdade e Sabedoria, uma lição para o estudo das nações, abrangido em uma única sentença e expresso em uma linguagem que todas as pessoas podem entender. Se um dilúvio de despotismo revolver o mundo e destruir todas as instituições sob as quais a liberdade está protegida, e isso acontecer de forma que as pessoas não mais possam se lembrar delas, apenas esta sentença seria suficiente para reacender as chamas da liberdade e reviver a raça de pessoas livres.

Porém, para preservar a liberdade, deve-se adicionar outra: "***que um Estado livre não confira cargos como prêmio, especialmente por serviços questionáveis, a não ser que busque sua própria ruína; mas que todos os servidores sejam empregados por ele apenas considerando sua vontade e habilidade de prestar serviços no futuro; e, portanto, apenas os melhores e mais competentes serão os escolhidos***".

Se for existir alguma regra diferente, esta da sucessão hereditária talvez seja tão boa quanto qualquer outra. Não é possível preservar as liberdades do Estado por nenhuma outra regra. Por nenhuma outra regra é possível incumbir o poder de fazer as leis, se não apenas àqueles que tem aquele agudo sentido instintivo de injustiça e de errado que os capacita a detectar a baixeza e a corrupção em seus esconderijos mais secretos, e cuja coragem moral, generoso humanismo e independência garbosa os faz destemidos de trazer os perpetradores à luz do dia e chamando sobre eles o escárnio e a indignação do mundo. Os bajuladores dos povos nunca são homens assim.

Pelo contrário, para uma República sempre chega o momento no qual ela está descontente, como Tibério, com um único Sejano, mas deve ter um patrão; e quando aqueles mais proeminentes no trato dos assuntos de governo forem pessoas sem reputação, cidadania, habilidade ou informação, mas meras mercenárias do partido, devendo suas posições a artimanhas e a desejo de qualificação, sem nenhuma das qualidades, no coração ou na mente, que façam delas pessoas grandes nem sábias e ao mesmo tempo são repletas daqueles conceitos estreitos e intolerância amarga do fanatismo político. Estas pessoas morrem e o mundo não se torna mais sábio pelo que elas disseram e fizeram. Seus nomes mergulham no poço sem fundo do esquecimento; seus atos de insensatez ou de desonestidade amaldiçoam os políticos fisiológicos e, ao final, trazem suas ruínas.

Os políticos, em um Estado livre, geralmente são insinceros, sem coração e egoístas. A finalidade de seu patriotismo é o seu próprio engrandecimento; e observam, com satisfação secreta, o desapontamento ou queda de alguém cujo gênio mais elevado e talentos superiores ofuscam sua auto-estima, ou daquele cuja integridade e honra incorruptível estão no caminho de seus objetivos egoístas. A influência dos aspirantes pequenos sempre está contra os grandes homens. Sua ascensão ao poder pode ser por quase uma vida.

Um entre eles será destituído e cada um dos outros aspira sucedê-lo, e assim, ao longo do tempo, continua acontecendo que as pessoas que não estão capacitadas nem para as mais baixas funções aspiram impudentemente e conseguem os postos mais altos; e a incapacidade e a mediocridade se tornam os passaportes mais eficientes para os cargos.

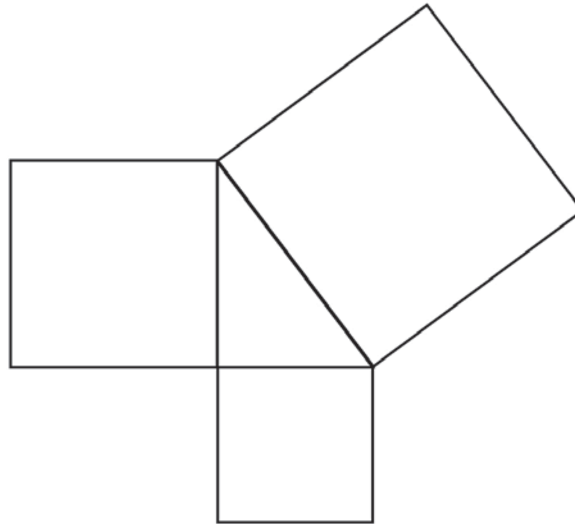
A conseqüência é que aqueles que se consideram competentes e qualificados para servir o povo recusam-se, com desgosto, a entrar na disputa de um cargo, onde a doutrina perniciosa e jesuítica que diz que tudo é válido em política é desculpa para todo tipo de vilania; e aqueles que buscam até os postos mais altos do Estado não se fundamentam no poder do espírito magnânimo, nos impulsos caridosos de uma grande alma, para orientar e mover o povo para decisões generosas, nobres e heróicas, e à ação sábia e digna; mas, qual cães servis levantados sobre suas patas traseiras, com as dianteiras obsequiosamente suplicantes, adulam, lisonjeiam e mendigam votos. Em vez de se rebaixarem a isso, permanecem indiferentes, recusando-se desdenhosamente a cortejar o povo e agindo com a máxima de que "***as pessoas não têm o direito de exigir que as sirvamos no lugar delas mesmas***".

É lamentável ver um país dividido em facções, cada uma seguindo este ou aquele líder, grande ou atrevido, com uma adoração cega, irracional e indiscutida a um herói; é desprezível vê-lo dividido em partidos cujo único objetivo são os despojos da vitória e seus líderes, os baixos, os pequenos e os venais. Um país assim está nos seus últimos estágios de decadência e o fim está próximo, seja quão próspero tenha parecido ser. Ele luta sobre o vulcão e sobre o terremoto. Mas é certo que nenhum governo pode ser conduzido pelos homens do povo, e pelo povo, sem uma rígida aderência àqueles princípios que nossa razão recomenda como firmes e sólidos. Estes devem ser os critérios para os partidos, para as pessoas e para as medidas. Uma vez determinados, devem ser inexoráveis em sua aplicação e todos devem se adaptar ao padrão ou declararem-se contrários.

As pessoas podem trair: os princípios, nunca. A opressão é uma conseqüência invariável de confiança mal depositada em gente traiçoeira e nunca é resultado do funcionamento ou aplicação de um princípio sólido, justo e bem experimentado. Compromissos que tragam dúvidas sobre princípios fundamentais, visando unir pessoas de credos antagônicos em um único partido, são fraudes e terminam em ruína – a conseqüência justa e natural da fraude.

O Mestre diz que sempre que você se basear em sua teoria e seu credo, não deixe nada o afastar deles, em nenhum campo de atividade. Não ceda à lisonja nem à força! Não deixe a derrota nem a perseguição roubá-las de você! Acredite que aquele que um dia errou gravemente como homem de estado, errará gravemente de novo; e que tais erros graves são tão fatais quanto crimes; e que a miopia política não melhora com o tempo. Sempre há mais impostores do que profetas entre os homens públicos, mais falsos profetas do que verdadeiros, mais profetas de Baal do que de Jeová; e que Jerusalém está sempre sob o perigo Assírio.

Sallust disse que, depois que um Estado tenha sido corrompido pela luxúria e indolência, ele pode, simplesmente por sua grandeza, ainda sustentar-se sob o peso de seus vícios. Mas enquanto escrevia isto, Roma, de quem ele falava, viu terminado seu disfarce de liberdade. Outras causas, além de luxúria e indolência destroem Repúblicas. Se for um Estado pequeno, seus vizinhos maiores poderão extingui-lo por absorção. Se for maior, a força de coesão pode ser demasiadamente fraca para mantê-lo uno e o Estado despedaça-se sob seu próprio peso. Ambição desprezível de homens baixos pode desintegrá-lo. A falta de sabedoria em seus Conselhos cria discussões incômodas. A usurpação de poder desempenha seu papel, a incapacidade segue a corrupção, a tempestade cresce e os fragmentos da jangada incoerente se espalham pelas praias arenosas, ensinando à humanidade outra lição para ela desconsiderar.



A Quadragésima Sétima Proposição é mais antiga do que Pitágoras. É assim: "***em todo triângulo retângulo, a soma dos quadrados da base e da perpendicular é igual ao quadrado da hipotenusa***".

O quadrado de um número é o produto desse número por ele mesmo. Assim, **4** é o quadrado de **2**, e **9** o de **3**.

Os primeiros dez números são: **1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10**; seus quadrados são **1, 4, 9, 16, 25, 36, 49, 64, 81, 100**; e **3, 5, 7, 9,11,13, 15, 17, 19** são as diferenças entre cada quadrado e o que o precede, dando-nos os números sagrados **3, 5, 7 e 9**.

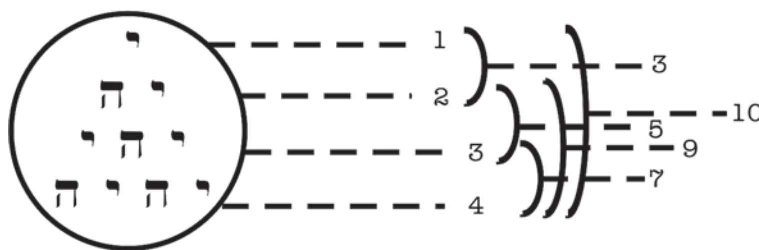
Entre esses números, o quadrado e **3** e **4**, somados, resultam no quadrado de **5**; e os de **6** e **8** o quadrado de **10**; se, se formarmos um triângulo retângulo, com base de **3** ou **6** partes, e com perpendicular de **4** ou **8** partes, a hipotenusa terá **5** ou **10** partes; e se erguermos um quadrado sobre cada lado do triângulo e dividirmos esses quadrados em quadrados cujo lado tiver uma parte de comprimento, haverá tantos desses quadrados no quadrado construído sobre a hipotenusa quantos formam a soma dos quadrados contidos nos quadrados construídos sobre os outros dois quadrados.

Os egípcios classificaram sue divindades em Tríades – o **PAI** ou o Espírito ou Princípio Ativo ou Poder Gerador; a **MÃE**, ou Matéria, ou Princípio Passivo, ou o Poder de Concepção; e o **FILHO**, Resultado ou Produto, o Universo, resultante dos dois princípios. Eles eram **OSÍRIS**, **ÍSIS** e **HÓRUS**. Da mesma forma, **PLATÃO** nos dá o Pensamento, o Pai; a Matéria Primitiva, a Mãe; e Cosmos, o Mundo, o Filho, o Universo animado por uma alma. Tríades semelhantes são encontradas na Cabala.

PLUTARCO diz, em seu livro ***De Iside et Osiride***, que "***Mas a natureza melhor e mais divina consiste de três: a que existe apenas no Intelecto, e da Matéria, que resulta desses, e que os gregos chamam de Kosmos; a esses três Platão costuma chamar de Inteligível, a 'Idéia, Exemplar e Pai'; Matéria, 'a Mãe, a Enfermeira e o lugar e receptáculo da geração'; e o resultado desses dois, 'a descendência e Gênese', o KOSMOS, palavra que significa Beleza e Ordem, ou o Universo em si.***" Não vamos deixar de perceber que a Beleza é simbolizada pelo Segundo Vigilante, no Sul. Plutarco continua dizendo que os egípcios comparavam a natureza universal ao que chamavam de "**o mais belo e perfeito triângulo**", como Platão o faz naquele ***diagrama nupcial***, como é chamado, que apresentou à sua comunidade.

E em seguida ele acrescenta que este é um triângulo retângulo, de lados respectivamente **3**, **4** e **5**; e diz: "***Devemos supor que a perpendicular é desenhada por eles para representar a natureza masculina, a base a feminina e a hipotenusa deve ser vista como produto de ambos; e, portanto, a primeira representará adequadamente OSÍRIS, ou a causa primária; a segunda, ÍSIS, ou a capacidade receptora; a terceira, HÓRUS, o efeito comum das outras duas. Pois 3 é o primeiro número composto de par e ímpar, e 4 é um quadrado cujo lado é igual ao número par 2; mas 5, sendo gerado, como o foi, a partir dos números precedentes 2 e 3, pode-se dizer que tem relação igual com ambos, por serem seus pais***".

As mãos enganchadas são outro símbolo usado por **PITÁGORAS**. Representava o número **10**, o número sagrado no qual todos os números anteriores estão contidos; o número expresso pela misteriosa **TETRACTYS**, figura pega emprestada por ele, assim como pelos sacerdotes hebreus, da ciência sagrada egípcia, e que deve ser colocada entre os símbolos do Grau de Mestre, onde ela realmente pertence. Os hebreus formavam-na assim, com as letras do nome Divino:



Assim, a Tetractys nos leva, não somente ao estudo da filosofia Pitagórica em relação aos números, mas também à Cabala, nos ajudará na descoberta do Mundo Verdadeiro, e a compreender o que era chamado de "**A Música das Esferas**". A ciência Moderna confirma contundentemente as idéias de Pitágoras no que concerne às propriedades dos números, e que eles governam o Universo.

Todas as **FORÇAS** à disposição das pessoas, ou sob seu controle, ou sujeitas à sua influência, são suas ferramentas de trabalho. A amizade e solidariedade que une os corações são uma força como a da atração ou coesão, através da qual partículas de areia se tornam rocha sólida. Se essa lei da atração ou coesão fosse retirada, os planetas e estrelas materiais dissolver-se-iam instantaneamente em vapor invisível. Se os laços de amizade, afeição e amor forem anulados, a humanidade tornar-se-ia uma multidão furiosa de animais de rapina selvagens. A areia endurece e se torna rocha sólida sob a imensa pressão sobreposta do oceano, às vezes com a ajuda da energia irresistível do fogo; e, quando a pressão da calamidade e do perigo está sobre uma ordem de coisas ou sobre um país, os membros do grupo ou cidadãos do país terminam por se unir mais, pela coesão da solidariedade e interdependência.

Moralidade é força. É a atração magnética do coração em direção à Verdade e à Virtude. A agulha da bússola, imbuída de sua propriedade mística, apontando infalivelmente para o norte, conduz o marinheiro em segurança, em meio ao oceano sem trilhas, através da tempestade e da escuridão, até que seus olhos gratos notem as bondosas bóias a dar-lhe as boas-vindas a um porto seguro e hospitaleiro. E então os corações daqueles que o amam serão alegrados e seu lar estará feliz; e sua alegria e felicidade serão devidas ao mentor silencioso, discreto e infalível que foi o guia do marinheiro sobre as águas revoltas. Porém, se for levado longe demais ao norte, achará que a agulha está errada, apontando para algum outro lugar que não o norte, e que sensação de desamparo cai sobre o marinheiro atemorizado, que desperdício de energia e de coragem! É como se os grandes axiomas da moralidade fossem falhar e deixassem de ser verdadeiros, deixando a alma humana à deriva, sem esperança, cega como Prometeu, à mercê das correntes incertas e traiçoeiras das profundezas.

Honra e Dever são as estrelas-guia de um Maçom, os *Dioscuri*, os quais, nunca perdidos de vista, lhe permitirão evitar um naufrágio desastroso. A eles Palinuro observou até ser vencido pelo sono e o barco deixar de ser guiado; Palinuro caiu e foi tragado pelo mar insaciável. Assim é com o Maçom que perde de vista a Honra e o Dever, deixando de ser governado pela sua força potencial e beneficente, perde-se e, afundando, desaparecerá desonrado e sem ser lamentado.

A força da eletricidade, análoga à da solidariedade, e por meio da qual os grandes pensamentos ou as baixas sugestões, as manifestações de naturezas nobres ou ignóbeis, brilham instantaneamente sobre o vigor das nações; a força do crescimento, um tipo adequado de imortalidade, permanece dormente por três mil anos nos grãos de trigo enterrados com suas múmias pelos velhos egípcios; as forças da expansão e contração, desenvolvidas no terremoto e no tornado, dando à luz às maravilhosas conquistas do vapor, têm seus paralelismos no mundo moral, nos indivíduos e nas nações. O crescimento é uma necessidade para as nações e para as pessoas. Sua interrupção é o começo da decadência. Assim na nação como na planta, é misterioso e irresistível. Os terremotos que despedaçam nações, derrubam tronos e engolfam monarquias e repúblicas, foram preparados com antecedência, como a erupção vulcânica. As revoluções têm longas raízes no passado. A força liberada está na proporção direta da contenção e repressão anteriores. Os estadistas verdadeiros devem ver no progresso as causas que devem produzi-lo; e aquele que não o fizer será o líder cego dos cegos.

As grandes mudanças nas nações, como as mudanças geológicas da terra, são formadas lenta e continuamente. As águas, caindo do Céu como chuva e sereno, desintegram lentamente as montanhas de granito, raspam as planícies deixando morros e cordilheiras desnudos como monumentos, escavam os vales, enchem os mares, limitam os rios e, depois de um lapso de milhares e milhares de séculos silenciosos, preparam o grande aluvião para o crescimento daquela planta, no branco tecido no qual as sementes verão empregados os teares do mundo, e a abundância ou penúria de cujas colheitas determinará se os tecelões e fiandeiros de outros reinos terão trabalho ou se passarão fome.

Assim, a Opinião Pública é uma força imensa; e suas correntes são inconstantes e incompreensíveis como as da atmosfera. Todavia, em governos livres, é onipotente; e a tarefa do homem de estado é encontrar os meios de moldá-la, controlá-la e dirigi-la. Dependendo de como o fizer, ela será benéfica e conservadora, ou destrutiva e ruinosa. A Opinião Pública do mundo civilizado é a Lei Internacional; e é uma força tão grande, apesar de não ter fronteiras certas nem fixas, que pode até obrigar o déspota vitorioso a ser generoso, ser uma ajuda para povos oprimidos em sua luta pela independência.

O hábito é uma grande força; é a segunda natureza, mesmo nas árvores. É tão forte nas nações como nas pessoas. Mas também o são as Experiências, que são dadas às pessoas e às nações tal como as paixões, como forças, preciosas se usadas correta e habilmente, ou destrutivas se manuseadas sem habilidade.

Acima de tudo, o Amor à Pátria, Orgulho do País, o Amor ao Lar, são forças de poder imenso. Encoraje-os a todos. Insista neles com seus homens públicos. A permanência do lar é necessária ao patriotismo. Uma raça migrante terá pouco amor ao país. Orgulho do País é uma mera teoria e quimera se as pessoas se mudam de País para País com indiferença, como os ciganos, que hoje acampam aqui, amanhã ali.

Se você tem Eloqüência, é uma força poderosa. Cuide para usá-la para bons propósitos – para ensinar, exortar, enobrecer as pessoas e não para enganá-las nem corrompê-las. Oradores corruptos e venais são os assassinos das liberdades públicas e da moral pública.

A Determinação é uma força; seus limites ainda não são conhecidos. É principalmente no poder da Determinação que vemos o espiritual e o divino nas pessoas. Existe uma aparente identidade entre a sua Determinação, que move outras pessoas, e a Determinação Criativa, cuja ação parece tão incompreensível. São as pessoas determinadas e de ação, não as pessoas de puro intelecto que governam o mundo.

Finalmente, as três maiores forças morais são a **FÉ**, que é a única **SABEDORIA** verdadeira e o alicerce de todo governo; **ESPERANÇA**, que é **FORÇA** e garante o sucesso; e **CARIDADE**, que é **BELEZA** e que, sozinha, torna possível o esforço vigoroso e unido. Estas forças estão ao alcance de todas as pessoas; e uma associação de pessoas plenas dessas forças só pode exercer um imenso poder no mundo. Se a Maçonaria não o faz é porque parou de possuí-las.

A Sabedoria, na pessoa ou no estadista, no rei ou no sacerdote, consiste grandemente da devida apreciação dessas forças; e o destino de nações freqüentemente depende da ***não***-apreciação generalizada de algumas delas. Que dramáticas hecatombes freqüentemente recaem sobre os que não avaliam, ou avaliam mal, a força de uma idéia, como, por exemplo, a reverência por uma bandeira, ou a cega obediência a uma forma ou constituição de governo!

Que erros são cometidos em economia política e diplomacia por ter-se superestimado ou subestimado certos valores, ou por não se ter avaliado alguns entre eles! Tudo, afirma-se, é produto do trabalho humano; mas o ouro ou o diamante que alguém encontra acidentalmente, sem ter trabalhado, não o é. Qual é o valor do trabalho prestado pelo marido em suas colheitas, comparado com o valor da luz do sol e da chuva, sem os quais seu trabalho não teria valor algum? O comércio praticado pelo trabalho das pessoas adiciona valor dos produtos do campo, da mina, da oficina, seu transporte para mercados diferentes; mas quanto deste acréscimo se deve aos rios pelos quais esses produtos são carregados, aos ventos que impulsionam as quilhas através do oceano?

Quem pode avaliar o valor da moralidade e humanismo em um Estado de altos valores morais e de vasto conhecimento intelectual? Estes são a luz solar e a chuva do Estado. Os ventos, com suas correntes mutantes, inconstantes e flutuantes, são emblemas adequados dos humores variáveis da população, de suas paixões, de seus impulsos heróicos, de seus entusiasmos. Desgraçados os estadistas que não enxergam estes como valores!

Até a música e as canções têm, às vezes, valor incalculável. Toda nação tem alguma canção que tenha custo mais facilmente contabilizado em vidas do que em moeda. Quem poderá dizer quantos milhares de vidas a Marselhesa custou para a França revolucionária?

A paz também é um grande elemento de prosperidade e de riqueza, um valor incalculável. A relação e associação social de pessoas em Ordens beneficentes têm um valor que também não pode ser estimado em moedas. O exemplo ilustre do Passado de uma Nação, as lembranças e pensamentos imortais de seus grandes e sábios pensadores, estadistas e heróis, são a herança incomensurável daquele Passado para o Presente e para o Futuro. E todos estes têm não só os valores da espécie mais elevada, excelente e inestimável, mas também os valores efetivamente monetários, pois é somente quando se coopera com estes, ou recebendo sua ajuda, ou com a viabilização desses, que o trabalho humano cria riqueza. Estão entre os elementos principais da riqueza material, assim como são os elementos principais da dignidade nacional, heroísmo, prosperidade e reputação imortal.

A Providência aponta as três grandes disciplinas da Guerra, da Monarquia e do Sacerdócio, tudo o que o **ACAMPAMENTO**, o **PALÁCIO** e o **TEMPLO** possam simbolizar, para treinar as multidões em direção às combinações inteligentes e premeditadas para todos os grandes propósitos da sociedade. Com o tempo, quando a virtude e a inteligência se tornarem qualidades das multidões, o resultado seriam governos livres entre as pessoas; mas, por ignorância, tais governos são impossíveis. A humanidade avança somente por degraus.

A remoção de uma calamidade premente dá coragem para tentar remover os males restantes, fazendo as pessoas mais sensíveis a eles, ou talvez mais sensíveis pela primeira vez. Escravos que se debatem sob o chicote não se preocupam com seus direitos políticos: só depois de alforriados de sua escravidão pessoal é que passam a ser sensíveis à opressão política. Libertos do poder arbitrário e governados apenas pela lei, começam a examinar a própria lei e desejam ser governados, não somente pela lei, mas pelo que entendem ser ***a melhor*** lei. E quando o despotismo civil ou temporal tiver sido tirado do caminho, e a lei municipal tenha sido moldada pelos princípios de uma jurisprudência esclarecida, poderão acordar para a descoberta de que estão vivendo sob um despotismo sacerdotal ou eclesiástico, e passarão a querer trabalhar em uma reforma nisto também.

É bem verdade que o avanço da humanidade é lento e que freqüentemente pára e retrocede. Nos reinados da terra não vemos despotismos se retirando, cedendo terreno às comunidades auto-governadas. Não vemos as igrejas e sacerdócios da Cristandade renunciarem à sua velha tarefa de governar as pessoas através de terrores imaginários. Não conseguimos ver uma população que possa ser alforriada com segurança por um governo assim. Não vemos os grandes professores religiosos almejando descobrir a verdade por si mesmos e para outros, mas ainda dominando o mundo e satisfeitos e compelidos a dominar o mundo com qualquer dogma já aprovado; eles mesmos tão amarrados a esta necessidade de governar como o povo à sua necessidade de ser governado. A pobreza, em suas formas mais horrendas, ainda existe nas grandes cidades; e o câncer da miséria tem suas raízes nos corações dos reinos. Nelas, as pessoas não têm idéia de suas necessidades e nem de seu poder para conseguir o que precisam, mas vivem e se multiplicam como os animais selvagens. A providência parece ter parado de cuidar delas. A inteligência nunca vem visitá-las, ou então faz sua aparição como alguma nova forma de vilania. A guerra não terminou; ainda existem batalhas e cercos. Lares ainda estão infelizes; e lágrimas, raiva e despeito transformam em inferno o que deveria ser céu. E a Maçonaria é ainda mais necessária! Mais amplo o campo para suas obras! Maior a necessidade de ela começar a ser como deveria, de reviver de sua asfixia, de arrepender-se de ter abjurado seu verdadeiro credo!

Indubitavelmente, o trabalho, morte e paixão sexual são condições essenciais e permanentes da existência humana e, na terra, é impossível restituir a perfeição ou um milênio. Sempre, – é o decreto do Destino! – a vasta maioria das pessoas precisa trabalhar arduamente para viver e não consegue encontrar tempo para cultivar a inteligência. O homem, sabendo que vai morrer, não está disposto a sacrificar um prazer do presente por um maior, do futuro.

O amor pela mulher não pode se esgotar, e tem um destino terrível e incontrolável, aumentado pelos refinamentos da civilização. A mulher é a genuína sereia ou deusa dos jovens. Mas a sociedade pode ser aprimorada, e é possível governo livre para os Estados; e liberdade de pensamento e de consciência não são mais totalmente utópicos. Já vemos que os Imperadores preferem ser eleitos por sufrágio universal; que Estados são tornados Impérios pelo voto; e que Estados são administrados com algo do espírito de uma República e são quase como democracias com uma única cabeça, governando através de uma única pessoa, um representante, em vez de uma assembléia de representantes. E, se os cleros ainda governam, agora vêm perante os laicos para provar, pela influência desagradável da discussão, que eles devem governar. Eles são obrigados a abjurar a verdadeira razão pela qual estão dispostos a derrubar.

Conseqüentemente, as pessoas se tornam mais livres a cada dia, porque a liberdade está em sua razão. Elas podem refletir sobre suas próprias condutas futuras e calcular as conseqüências; podem ter visões mais amplas da vida humana e estabelecer regras para seguí-las constantemente. Assim, estarão libertas da tirania do sentido e da paixão, e habilitadas, a qualquer momento, a viver de acordo com a ampla luz do conhecimento que está dentro delas, em vez de serem dirigidas, como uma folha seca nas asas do vento, a cada impulso momentâneo. Nisto reside a liberdade da pessoa, vista em conexão com a necessidade imposta pela onipotência e previsão de Deus. Quanto mais luz, mais liberdade. Quando o imperador e a igreja apelam para a razão, o sufrágio universal existe e é natural.

Portanto, ninguém precisa perder a coragem, nem pensar que o trabalho pela causa do Progresso será desperdiçado. Na natureza não existe desperdício de Matéria, de Energia, de Ação e nem de Pensamento. Um Pensamento é tanto a finalidade da vida quanto uma Ação; e, algumas vezes, um simples Pensamento consegue melhores resultados do que uma Revolução ou mesmo diversas Revoluções. Mas não deve haver separação entre Pensamento e Ação. O Pensamento verdadeiro é aquilo no que a vida culmina. Mas todo Pensamento sábio e verdadeiro produz Ação. É generativo como a luz; e a luz e a profunda treva da nuvem passageira são dádivas dos profetas da raça. O conhecimento, adquirido laboriosamente e induzindo hábitos de Pensamento sólido – o elemento pensante –, deve, necessariamente, ser raro. A multidão de trabalhadores não consegue adquiri-lo. A maioria das pessoas alcança apenas um pequeno nível dele. É incompatível com as vocações comuns e indispensáveis da vida. São necessários um mundo de erros e um mundo de trabalho para se fazer uma pessoa que pensa. Na nação mais evoluída da Europa existem mais ignorantes do que sábios, mais pobres do que ricos, mais trabalhadores automáticos, meras criaturas do hábito, do que pessoas racionais e pensadoras. A proporção é de, pelo menos, uma para mil. É assim que se obtém unanimidade de opinião. Ela só existe em meio a uma multidão que não pensa, e no clero político ou espiritual que pensa por ela e que pensa em como dirigi-la e governá-la. Quando as pessoas começaram a refletir, começaram a divergir. O grande problema é encontrar guias que não queiram ser tiranos. Isto é necessário, mais em respeito ao coração do que à cabeça. Hoje em dia, toda pessoa recebe sua parcela especial da produção do trabalho humano, por uma luta incessante, por artifício e fraude. O conhecimento útil, adquirido honestamente, é por demasiadas vezes usado seguindo um modelo não honesto ou não razoável, de forma que os estudos da juventude são muito mais nobres do que as práticas dos adultos. O labor do fazendeiro em seus campos, as recompensas generosas da terra, dos céus benignos e generosos, tendem a fazê-lo determinado, previdente e agradecido; a educação recebida na feira o fará lamuriante, velhaco, invejoso e mesquinho intolerável.

A Maçonaria procura ser esse guia beneficente, magnânimo e desinteressado; e é condição *sine qua non* de todas as grandes estruturas que os sons do martelo e da trolha sejam sempre ouvidos em alguma parte do edifício. A Maçonaria e o Maçom devem sempre trabalhar e ensinar, com fé nas pessoas, esperança no futuro da humanidade, bondade e amor por seus companheiros. Deixemos cada um fazer aquilo para o que estiver melhor preparado. O professor é também um trabalhador. Louvável como é o navegador ativo, quem vai e vem e faz uma região ter parte dos tesouros da outra e um repartir os tesouros de todos, aquele que mantém a luz-guia sobre o morro também está em seu posto.

A Maçonaria já ajudou a tirar alguns ídolos de seus pedestais e atirar à poeira impalpável alguns dos elos das cadeias que mantinham cativas as almas de pessoas. Que tem havido progresso não precisa de outra demonstração senão a de que você pode agora discutir com as pessoas e orientá-las sem correr o perigo da ruína ou da fogueira, que nenhuma doutrina pode ser aceita como verdade se contradisser outras verdades, ou se contradisser outras verdades dadas a nós por Deus. Muito antes da Reforma, um monge, que havia encontrado seu caminho para a heresia sem a ajuda de Martinho Lutero, não se arriscando a cochichar em ouvido algum suas doutrinas antipapais e traidoras, escreveu-as em pergaminho, selou-o e escondeu-o nas grossas paredes de seu monastério. Não existia amigo ou irmão para quem ele pudesse confiar seu segredo ou abrir sua alma. Era um consolo imaginar que em alguma época futura alguém poderia encontrar o pergaminho e afinal a semente não ter sido plantada em vão. O que teria acontecido se a verdade tivesse que permanecer adormecida por tanto tempo, antes de germinar, quanto o trigo da múmia egípcia? Pronuncie-a, contudo, sempre e sempre, e deixe-a ter sua oportunidade!

A rosa de Jericó cresce nos desertos arenosos da Arábia e nos tetos das casas na Síria. Com meros 15 cm de altura, perde suas folhas depois da florada, se resseca e se enrola. Os ventos a arrancam com suas raízes e a carregam, soprada, ou rolada através do deserto, até o mar. Lá, ao contato com a água, desenrola-se, estica seus galhos e expele as sementes de vagens. Estas, quando cheias de água, são levadas pela maré e postas na praia. Muitas se perdem, assim como são inúteis muitas vidas individuais de pessoas. Mas muitas são atiradas novamente da praia para o deserto onde, por causa da água do mar que embeberam, suas raízes e folhas reaparecem; elas voltam a ser plantas frutíferas que por sua vez serão, como suas ancestrais, carregadas para o mar. Deus não é menos cuidadoso ao prover a germinação das verdades que você poderá divulgar corajosamente. “***Arremessai***”, disse Ele, “***vosso pão às águas e depois de vários dias ele retornará a vós***”.

A iniciação não muda: encontramo-la sempre, e sempre a mesma, através das eras. Os últimos discípulos de Pascalis Martinez ainda são as crianças de Orfeu; mas eles adoram o realizador da filosofia ancestral, o Mundo Encarnado dos Cristãos.

Pitágoras, o grande divulgador da filosofia dos números, visitou todos os santuários do mundo. Foi à Judéia, onde se fez circuncidar para que pudesse ser admitido nos mistérios da Cabala, cujos profetas Ezequiel e Daniel, não sem algumas reservas, lhe comunicaram. Em seguida, com não menos dificuldade, conseguiu ser admitido na iniciação egípcia, por recomendação do Rei Amasis. O poder de seu gênio supriu as deficiências das comunicações imperfeitas dos Hierofantes, e ele mesmo se tornou um Mestre e Revelador.

Pitágoras definiu Deus: ***uma Verdade Viva e Absoluta, vestida de Luz***.

Disse que o Mundo era Número manifestado pela Forma.

Fez tudo descender da Tetractys, isto é, do Quaternário.

Deus, disse novamente, é a ***Música Suprema, cuja natureza é a Harmonia***.

Pitágoras deu aos magistrados de Crotona seu grande preceito religioso, político e social:

"***Não existe mal que não seja preferível à Anarquia.***" – disse Pitágoras – "***Mesmo existindo três noções divinas e três regiões inteligíveis, havendo assim um mundo triplo, pois a Ordem Hierárquica sempre se manifesta em três. Existe a palavra simples, a palavra hieroglífica e a palavra simbólica; em outros termos, existe a palavra que expressa, a palavra que dissimula e a palavra que significa; a inteligência hierática total está no perfeito conhecimento desses três graus***".

Pitágoras envolveu a doutrina com símbolos, mas evitou cuidadosamente personificações e imagens, as quais, pensava, mais cedo ou mais tarde criariam idolatria.

A Sagrada Cabala, ou a tradição dos filhos de Seth, foi levada da Caldéia por Abraão, ensinada aos sacerdotes egípcios por José, recuperada e purificada por Moisés, dissimulada sob símbolos na Bíblia, revelada pelo Salvador a São João e acomodada, inteira, sob figuras hieráticas análogas àquelas de toda a antigüidade, no Apocalipse daquele Apóstolo.

Os Cabalistas consideram Deus o Infinito Inteligente, Vigoroso e Vivo. Não é, para eles, nem a agregação de existências, ou existência no abstrato, nem um ser definível filosoficamente. Ele está em tudo, é diferente em tudo e maior do que tudo. Até Seu nome é inefável; e ainda assim esse nome expressa apenas o ideal humano de Sua divindade. Não é dado às pessoas compreender o que Deus é em Si mesmo.

Deus é o absoluto da Fé; mas o absoluto da *Razão* é SER, hwhy. "***Eu sou o que sou***" é uma tradução paupérrima. Ser, Existência, é por si mesmo, porque se É. A razão de Ser é o próprio Ser. Podemos perguntar, "Por quê algo existe?", isto é, "Por quê tal ou tal coisa existe?" Mas não podemos, sem sermos absurdos, perguntar "Por quê é Ser?" Isto seria supor Ser antes de Ser. Se Ser teve uma causa, tal causa seria, necessariamente, Ser; isto é, a causa e o efeito seriam idênticos.

A razão e a ciência nos demonstram que os modos de Existência e Ser se equilibram mutuamente de acordo com leis harmoniosas e hieráticas. Mas uma hierarquia é sintetizada, em *crescendo*, e se torna cada vez mais monárquica. Porém, a razão não pode hesitar perante um simples chefe sem ficar alarmada com a enorme distância a que ele está de seu Supremo Monarca. Em conseqüência, silencia e dá lugar à Fé.

O que é certo, mesmo para a ciência e para a razão, é que a idéia de Deus é a mais grandiosa, a mais sagrada e a mais útil de todas as aspirações das pessoas; que a moralidade repousa sobre esta crença, com sua sanção eterna. Esta crença, então, na humanidade, é o mais real dos fenômenos do ser; e, se fosse falso, a natureza ressaltaria o absurdo; o nada daria forma à vida e Deus seria ao mesmo tempo ser e não ser.

É para esta realidade filosófica e incontestável, chamada de A Idéia de Deus, que os Cabalistas deram um nome. Todos os outros nomes estão contidos neste. Suas cifras contêm todos os números; e os desenhos de suas letras expressam todas as leis e todas as coisas da natureza.

SER É **SER**: A razão de Ser está em Ser; no princípio está o Mundo, e o Mundo, em lógica, formulou a Palavra, a Razão falada; o Mundo está em Deus, e Deus está n'Ele mesmo, manifestado à Inteligência. Eis o que está acima de todas as filosofias. Nisto devemos acreditar, sob pena de nunca realmente sabermos nada e reincidindo no absurdo ceticismo de Pirro. O Sacerdócio, zelador da Fé, repousa totalmente nesta base de conhecimento e é em seus ensinamentos que devemos reconhecer o Princípio Divino do Mundo Eterno.

A Luz não é Espírito, como os Hierofantes hindus acreditavam; mas apenas o instrumento daquele Espírito. Não é o corpo do Protoplastes, como os Teurgistas da escola de Alexandria ensinavam, mas a primeira manifestação física da inspiração divina. Deus a cria eternamente, e o homem, como imagem de Deus, a modifica e parece que a multiplica.

A alta magia é chamada de "A Arte Sacerdotal" e "A Arte Real". No Egito, na Grécia e em Roma, ela participava das grandezas e decadências do Sacerdócio e da Realeza. Toda filosofia hostil ao credo nacional e aos seus mistérios era necessariamente hostil aos grandes poderes políticos, que perderiam sua grandeza se eles deixassem, na visão das multidões, de ser as imagens do Poder Divino. Toda Coroa se despedaça quando cai por terra.

Platão, ao escrever para Dionísio, o mais novo, diz sobre a natureza do Primeiro Princípio: "***Devo escrever a ti por enigmas para que, se minha carta for interceptada por terra ou por mar, aquele que a ler não seja capaz de entendê-la*". E prossegue dizendo: "*Todas as coisas rodeiam seu Rei; elas são para Ele, e somente Ele é a causa de coisas boas, Segundas para os Segundos e Terceiras para os Terceiros***".

Nestas poucas palavras está um completo sumário da Teologia das Sephirot. "*O Rei*" é **AINSOPH**, Ser Supremo e Absoluto. A partir deste centro, que está em todo lugar, todas as coisas se irradiam; mas nós o concebemos, especialmente, em três formas e em três esferas diferentes. Na palavra Divina (**AZILUTH**), que é a da Primeira Causa, e onde no início toda a Eternidade das Coisas existiu como Unidade, para ser, depois, durante a Eternidade que se seguiu, revestida de forma, e os atributos que fazem dela uma matéria, o Primeiro Princípio é Único e Primeiro, mas ainda não a **VERDADEIRA** Divindade Ilimitada, incompreensível e indefinível; mas Ele próprio, como manifesto pelo Pensamento Criativo. Comparar insignificância com infinidade. Tudo o que podemos saber do Verdadeiro Deus é, comparado à Sua Plenitude, apenas uma fração infinitesimal de uma unidade comparada com a infinidade de Deus.

No Mundo da Criação, que é o das Segundas Causas (o Mundo Cabalístico **BRIAH**), a Autocracia do Primeiro Princípio está completa, mas nós apenas a concebemos como a Causa das Segundas Causas. Aqui, é manifesta pelo Binário, e é o Princípio Criativo passivo. Finalmente, no terceiro mundo, **YEZIRAH**, ou o da Formação, é revelado na Forma perfeita, a Forma das Formas, o Mundo, a Suprema Beleza e Excelência, a Perfeição Criada. Assim, o Princípio é ao mesmo tempo Primeiro, o Segundo e o Terceiro, pois é Tudo em Tudo, o Centro e Causa de tudo. Não é o gênio de Platão que admiramos aqui. Apenas reconhecemos o conhecimento exato do Iniciado.

O grande Apóstolo São João não tomou emprestada da filosofia de Platão a abertura de seu Evangelho. Platão, ao contrário, bebeu das mesmas fontes de São João e de Philo; e João, nos versos de abertura de sua paráfrase, cita os primeiros princípios de um dogma comum a diversas escolas, porém em uma linguagem pertencente a Philo, a quem é evidente que João leu. A filosofia de Platão, o maior dos Reveladores humanos, pôde ansiar pela Palavra feita homem; o próprio Evangelho iria dá-lo ao mundo.

Dúvida na presença do Ser e de suas harmonias; ceticismo face à matemática eterna e às leis imutáveis da Vida que fazem a Divindade presente e visível em todo lugar, como o Humano é conhecido e visível por suas manifestações por palavras e ações; – não seria esta a mais tola das superstições, e a mais imperdoável, assim como a mais perigosa de todas as credulidades?

O Pensamento, bem o sabemos, não é um resultado ou conseqüência da organização da matéria, da química, ou outra ação ou reação de suas partículas, como a efervescência e explosões gasosas. Pelo contrário, o fato de o Pensamento ser manifestado e realizado em ação humana ou em ação divina, prova a existência de uma Entidade, ou Unidade, que pensa. E o Universo é a Manifestação Infinita de um número infinito de Pensamentos Infinitos que só podem ser emanados de uma Fonte Infinita e Pensante.

A causa é sempre, no mínimo, igual ao efeito; e a matéria não pode pensar, nem ser causa de si mesma, nem existir sem alguma causa, e tampouco algo pode produzir forças ou coisas; pois nenhuma Força pode pertencer à inexistência vazia. Admitamos uma Força auto-existente, sua Inteligência; ou, se admitirmos uma causa Inteligente nela, imediatamente **DEUS** existirá.

A alegoria hebraica da Queda do Homem, que é apenas uma variação especial de uma lenda universal, simboliza uma das maiores e mais universais alegorias da ciência.

O Mal Moral é a Falsidade traduzida em ações; assim como a Falsidade é o Crime em palavras.

A Injustiça é a essência da Falsidade; e toda palavra falsa é uma injustiça.

A Injustiça é a morte do Ser Moral, assim como a Falsidade é o veneno da Inteligência.

A percepção da Luz é o amanhecer da Vida Eterna, ao Sermos. A Palavra de Deus, que cria a Luz, parece ter sido manifestada por toda Inteligência que possa tomar consciência das Formas e irá olhar. "**SEJA** feita a Luz!" A luz, na verdade, existe, em sua condição de esplendor, apenas para aqueles olhos que a fitarem; e a Alma, apaixonada pelo espetáculo das belezas do Universo e, prestando atenção àquela escrita luminosa do Livro Infinito, que é chamado de "**O Visível**", parece manifestar, como Deus fez na manhã do primeiro dia, a palavra sublime e criativa "**SEJA A LUZ!**"

Não é além do túmulo, mas em plena vida, que devemos buscar os mistérios da morte. Salvação ou condenação começam aqui em baixo, e o mundo terrestre também tem seu Paraíso e seu Inferno. Sempre, até aqui em baixo, a virtude é recompensada; sempre, mesmo aqui em baixo, o vício é punido; e aquilo que às vezes nos faz acreditar na impunidade dos malfeitores é que as riquezas, esses instrumentos do bem e do mal, às vezes parecem ter sido distribuídas ao acaso. Desgraçado é o homem injusto que possui a chave para o ouro! Essa chave abre, para ele, apenas o portão do túmulo e do Inferno.

Todos os verdadeiros Iniciados reconheceram a utilidade do trabalho pesado e do sofrimento. "***Sofrimento***", diz um poeta alemão, "***é o cão daquele pastor desconhecido que guia o rebanho de pessoas***". Aprender a sofrer, aprender a morrer, são matérias escolares da Eternidade, o Noviciado imortal.

O quadro alegórico de Cebes, no qual a Divina Comédia de Dante foi esboçada no tempo de Platão, e cuja descrição tem sido preservada para nós, e que muitos pintores da idade média reproduziram segundo esta descrição, é um monumento ao mesmo tempo filosófico e mágico. É uma síntese moral das mais completas e, ao mesmo tempo, a mais audaciosa demonstração já dada do Grande Arcano, daquele segredo cuja revelação iria subverter a Terra e o Céu. Que ninguém espere que iremos dar sua explicação! Aquele que ultrapassar o véu que esconde este mistério entende que isto é inexplicável em sua essência, e que significa a morte para aqueles que o alcançam por acaso, assim como para aquele que o revela.

Este segredo é a realeza dos Sábios, a Coroa do Iniciado que vemos, na fina alegoria de Cebes, descer novamente, vitorioso, do cume dos Julgamentos. O Grande Arcano faz dele mestre do ouro e da luz, que no fundo são a mesma coisa, resolve o problema da quadratura do círculo, dirige o movimento perpétuo e possui a pedra filosofal. Aqui, os Adeptos nos compreenderão. Não existe interrupção no avanço da natureza, nem lacunas em seu trabalho. As Harmonias do Céu correspondem àquelas da Terra, e a Vida Eterna faz suas evoluções de acordo com as mesmas leis da vida de um cão. “***Deus organizou todas as coisas por peso, quantidade e tamanho***”, diz a Bíblia; e essa doutrina luminosa era também a de Platão.

Na verdade, a humanidade nunca teve mais do que uma religião e um culto. Essa luz universal teve suas miragens incertas, seus reflexos enganosos e suas sombras; porém sempre, depois de noites de Erros, a vemos reaparecer, una e pura como o Sol.

As magnificências do culto são a vida da religião e, se Cristo quer ministros pobres, Sua Soberana Divindade não quer altares insignificantes. Alguns Protestantes não compreenderam que culto é um ensinamento, e que não devemos criar, na imaginação da multidão, um Deus mediano ou miserável. Esses oratórios que se parecem com escritórios ou tavernas pobremente mobiliados, e cujos valorosos ministros se vestem como tabeliães ou escreventes, não acabam fazendo, necessariamente, com que a religião seja vista como uma mera formalidade puritana, e Deus como um Juiz de Paz?

Zombamos dos Profetas. É tão fácil zombar e tão difícil de compreender corretamente. Será que a Divindade deixou todo o mundo sem Luz por dois séculos para iluminar apenas um pequeno canto da Palestina e um povo brutal, ignorante e ingrato? Por quê sempre caluniar Deus e o Santuário? Será que não havia nada além de enganadores entre os sacerdotes? Será que não se podia encontrar homens honestos e sinceros entre os Hierofantes de Ceres ou de Diana, de Dionuso ou Apolo, de Hermes ou Mithras? Estariam estes, então, enganados como os outros? Quem, então, os enganava constantemente, sem se traírem a si mesmos, durante uma série de séculos? – pois os enganos não são imortais! Arago disse que, fora da pura matemática, falta prudência e bom-senso a quem pronuncia a palavra “impossível”.

O verdadeiro nome de Satã, dizem os cabalistas, é o de Yahveh invertido, pois Satã não é um deus negro, mas a negação de Deus. O Diabo é a personificação do Ateísmo ou Idolatria.

Para os Iniciados, ele não é uma Pessoa, mas um Força criada para o bem, mas que pode servir o mal. É o instrumento da Liberdade ou Livre Arbítrio. Estes representam esta Força, que preside sobre a geração física, sob a forma mitológica e cornuda do **DEUS PAN**. E daí veio o bode do Sabbat, irmão da Antiga Serpente, e o condutor da Luz, ou Substância Fosforescente, do qual os poetas fizeram o falso Lúcifer da lenda.

O ouro, aos olhos dos Iniciados, é a Luz condensada. Chamam os números sagrados da Cabala de “**números de ouro**”, e os ensinamentos morais de Pitágoras de seus “**versos dourados**”. Pela mesma razão, um livro misterioso de Apuleius, no qual um asno aparece muitas vezes, foi chamado de “**O Asno de Ouro**”.

Os Pagãos acusaram os Cristãos de adorar um asno, e não inventaram essa crítica, que veio dos judeus samaritanos que, comparando os dados da Cabala aos da Divindade nos símbolos egípcios, também representaram a Inteligência com a figura da Estrela Mágica adorada com o nome de Remphan, a Ciência com o emblema de Anúbis, cujo nome trocaram para Nibbas, e a fé vulgar ou credulidade, na figura de Thartac, um deus representado por um livro, um manto e a cabeça de um asno. De acordo com os Doutos Samaritanos, o Cristianismo era o reino de Thartac, Fé cega e credulidade vulgar erigidos a um oráculo universal e preferidos à Inteligência e à Ciência.

Synesius, Bispo de Ptolemaïs, um grande Cabalista, mas de ortodoxia dúbia, escreveu:

"***O povo sempre zombará de coisas fáceis de serem mal-compreendidas; suas necessidades básicas têm embustes***".

"***Um espírito***", disse, "***que ama a sabedoria e contempla a Verdade ao alcance da mão é forçado a dissimulá-la para induzir as multidões a aceitá-la... As ficções são necessárias para o povo, e a Verdade se torna mortal para aqueles que não são suficientemente fortes para contemplá-la em todo seu fulgor.***

Se as leis sacerdotais permitissem a reserva de julgamento e a alegoria das palavras, eu aceitaria a distinção proposta com a condição de que eu seja um filósofo em casa e um narrador de apologias e parábolas alhures... Na verdade, o que podemos ter em comum entre a vil multidão e a sublime sabedoria? A verdade deve ser mantida em segredo, e as massas precisam de um ensinamento proporcional à sua razão imperfeita".

Desordens morais produzem feiúra física e de alguma forma tornam reais aqueles rostos assustadores que a tradição associa aos demônios. Os primeiros Druidas eram os verdadeiros filhos dos Magos, e sua iniciação veio do Egito e da Caldéia, isto é, das fontes puras da Cabala primitiva. Eles adoravam a Trindade sob os nomes de Ísis ou Hesus, a Suprema Harmonia; de Belen ou Bel, que em assírio significa Senhor, um nome correspondente ao de **ADONAÏ**; e de Camul ou Camaël, nome que na Cabala personifica a Justiça Divina.

Embaixo deste triângulo de Luz eles imaginavam um reflexo divino, também composto por três raios personificados: primeiro, Teutates ou Teuth, o mesmo que Thoth para os egípcios, o Mundo, ou a Inteligência formulada; em seguida, a Força e a Beleza, cujos nomes variavam tal como seus símbolos. Finalmente, completavam o Setenário sagrado com uma imagem misteriosa que representava os progressos do dogma e suas realizações futuras. Esta era uma jovem coberta por um véu, tendo uma criança em seus braços; e eles dedicaram esta imagem à "***Virgem que se tornará mãe; Virgini pariturae***".

Hertha ou Wertha, a jovem Ísis de Gaul, Rainha do Céu, a Virgem que daria à luz uma criança, segurava o fuso dos Destinos, preenchido com lã metade branca, metade negra; porque ela reina sobre todas as formas e todos os símbolos e tece os trajes das Idéias.

Um dos símbolos mais misteriosos da Cabala que existe no Enchiridion de Leão III representa um triângulo eqüilátero reverso, inscrito em um duplo círculo. Estão escritos no triângulo, de modo a formar o **Tau** profético, as duas palavras hebraicas tão freqüentemente acrescentadas ao Nome Inefável m h l a, **ALOHAYIM**, ou os Poderes, e t w a b x, **TSABAOTH**, os exércitos radiantes e seus espíritos dirigentes; palavras que também simbolizam o Equilíbrio das Forças da Natureza e a Harmonia dos Números. Aos três lados do triângulo pertencem os três grandes Nomes h w h y, y n d a e a l g a, **IAHAVEH**, **ADONAÏ** e **AGLA**. Acima do primeiro está escrito em latim ***Formatio***, sobre o segundo ***Reformatio*** e sobre o terceiro ***Transformatio***.

Portanto a Criação está atribuída ao **PAI**, Redenção ou Reforma ao **FILHO**, e Santificação ou Transformação ao **ESPÍRITO SANTO**, em resposta às leis matemáticas de Ação, Reação e Equilíbrio. **IAHAVEH** também é, em efeito, a Gênese ou Formação do dogma, através do significado elementar das quatro letras do Tetragrama Sagrado; **ADONAÏ** é a realização desse dogma na forma humana, no **SENHOR** Visível, que é o Filho de Deus ou Homem perfeito; e **AGLA** (formado pelas iniciais das quatro palavras **Ath Gebur Laulaïm Adonaï**) expressa a síntese de todo o dogma e a totalidade da ciência cabalística, indicando claramente, pelos hieróglifos dos quais este nome admirável é formado, o Tríplice Segredo da Grande Obra.

A Maçonaria, como todas as Religiões, todos os Mistérios, Hermetismo e Alquimia, oculta seus segredos de todos exceto dos Adeptos e Instruídos, ou os Eleitos, e usa explicações falsas e interpretações equivocadas de seus símbolos para desorientar os que merecem apenas ser enganados, e para esconder a Verdade, que chama de Luz, dessas pessoas, para mantê-las longe dela.

A Verdade não é para os que não são merecedores ou incapazes de recebê-la, ou mesmo para os que possam subvertê-la. Assim, o próprio Deus incapacita muitas pessoas, com o daltonismo, de distinguir as cores, e dirige as massas para longe da Verdade mais alta, dando-lhes o poder de alcançar apenas o suficiente dela que lhes seja útil saber. Todas as épocas tiveram uma religião adequada a essa capacidade.

Os Professores, mesmo os da Cristandade, são, em geral, os mais ignorantes do verdadeiro significado do que eles ensinam. Não existe livro do qual tão pouco se saiba quanto a Bíblia. Para a maioria que a lê, é tão incompreensível quanto o Sohar.

Assim, a Maçonaria oculta zelosamente seus segredos e desorienta, intencionalmente, intérpretes presunçosos. Sob o sol não existe visão mais deplorável e ridícula do que o espetáculo dos Prestons e dos Webbs, sem citar as encarnações posteriores de estupidez e lugar-comum, tentando "explicar" os velhos símbolos da Maçonaria, acrescentando e "aprimorando"-os, ou até inventando novos.

A círculo envolvendo o ponto central, ele mesmo desenhado entre duas linhas paralelas, figura puramente cabalística, essas pessoas adicionaram a Bíblia superposta, e até levantaram sobre ela a escada com três ou nove voltas, e então deram uma interpretação desenxabida do todo, tão profundamente absurda que chega a causar admiração.

